CARTAS
DE
ANTÓNIO SÉRGIO
A
ÁLVARO PINTO
(1911—1919)

Introdução e Notas
de
ROGÉRIO FERNANDES

Edição da Revista «OCIDENTE» — Lisboa — 1972

Slhi

OBRAS DE ROGÉRIO FERNANDES

Apologia e História no pensamento filosófico de Pascal — Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa — III série — n.º II — 1958.

Ensaio sobre a obra de Trindade Coelho, Portugália Editora, Lisboa, 1961.

Ensino: sector em crise, Colecção «Cadernos de Hoje», n.º 3, Prelo Editora, Lisboa, 1967.

Três tiros e uma mortalha (contos) Colecção «Três Abelhas», n.º 100, Publicações Europa-América, Lisboa, 1969.

A batalha socialista pela democratização do ensino, separata do «II Congresso Republicano de Aveiro, Teses e Comunicações», vol. I, Seara Nova, 1969.

Para a história dos meios audiovisuais na escola portuguesa, separata da *Revista de Portugal* — série A: «*Língua Portuguesa*», vol. XXXIV, Lisboa, 1969.

João de Barros, educador republicano, «Biblioteca do educador profissional», Livros Horizonte, Lisboa, 1971.

Educação e Existência — Separata da *Revista Ocidente,* vol. LXXXI, Lisboa, 1971.

No prelo. — *As ideias pedagógicas de Francisco Adolfo Coelho.*

Slhi

INTRODUÇÃO

Este conjunto de cartas e bilhetes-postais endereçados por António Sérgio a Álvaro Pinto constitui um repositório documental cujo valor se impõe a mais de um título.

Separadas pela Ex.ma Senhora D. Maria Amélia de Azevedo Pinto, filha do fundador da OCIDENTE, de entre a volumosa correspondência do autor dos *Ensaios* para seu Pai; escritas em diferentes locais e países aonde a vocação e as incertezas da vida conduziram quem as redigiu, estas cartas apresentam um traço comum, em função do qual foram escolhidas: o de se relacionarem, de maneira mais ou menos directa, com a participação de Sérgio nas actividades da *Renascença Portuguesa* e com a larga campanha educativa em que empenhou a sua vida, desde o plano restritamente escolar até ao mais desafogado campo da pedagogia social.

A revolução republicana de 1910 trouxera ao país a perspectiva de uma era de progresso e construção. Foi nessa atmosfera que a *Renascença Portuguesa* apareceu, apresentando-se como um movimento cultural e cívico, marginal em relação a partidos e forças políticas mas pretendendo pôr ao serviço de um propósito de regeneração nacional as mais lúcidas inteligências portuguesas.

Não é este o momento para reconstituir a história dessa iniciativa e do agrupamento em cujos quadros se processou. Diga-se, contudo, que a sociedade, desde 1912 (ano em que foi fundada) até 1921 (data em que Álvaro Pinto abandonou a administração), levou a cabo uma obra editorial notável, publicou a 2.ª série da revista A ÁGUIA, de que saíram 118 fascículos, e o quinzenário A VIDA PORTUGUESA, de duração mais efémera; fundou cinco Universidades Populares, promoveu conferências, concertos e exposições, chegando a possuir no Porto uma sede, aliás bem instalada, equipada, inclusivamente, com tipografia [1].

Álvaro Pinto foi, sem a menor dúvida, o grande organizador das bases práticas da *Renascença Portuguesa* e o seu impulsionador mais dinâmico. Mesmo aqueles que, como Cortesão ou António Sérgio, vieram a tomar caminhos políticos inteiramente opostos, sobretudo após 28 de Maio de 1926, reconheceram sem restrições a robustíssima capacidade de realização de Álvaro Pinto e o seu assinalado papel na vida daquela sociedade cultural [2]. Muitas destas cartas o documentam com inexcedível clareza. Em

---

[1] De notar que Álvaro Pinto já fora o impulsionador de uma 1.ª série da *Águia*, (Dezembro de 1910 a Julho de 1911).

[2] A *Renascença* e sua história originaram algumas escaramuças entre Sérgio e Cortesão (de um lado) e, do outro, Álvaro Pinto. Saliente-se que a amizade não foi

Álvaro Pinto encontrava António Sérgio um acolhimento quase sempre entusiástico para as suas iniciativas, mesmo para aquelas que exorbitavam do âmbito da *Renascença.*

Tendo abandonado a Marinha após a proclamação da República, pelos motivos que deixou indicados, e após uma breve passagem pela direcção de *Serões,* em que sucede a Eduardo de Noronha (facto ignorado em todas as biografias de Sérgio por nós consultadas), a sua colaboração na *Renascença Portuguesa* deve-se, fundamentalmente, conforme ele próprio esclareceu, ao empenho em «dar às novas instituições do País um bom conteúdo de reformação positiva, de carácter educativo e económico-social, substituindo o republicanismo emocional e romântico (instintivo, exteriorista, e de *expansão,* ou centrífugo) por uma boa democracia, reformadora e concreta, — isto é, por um regime cultural de auto-domínio e auto-crítica, de interioridade *centrípeta,* de disciplinação *racional,* animado de intuitos de reforma económica» [3].

É neste estado de espírito, diz Sérgio, que toma parte na assembleia de Lisboa de que sairia a *Renascença Portuguesa* (para a qual fora convidado por intrevenção de Cortesão, Raul Proença e Álvaro Pinto [4]). Algumas destas suas cartas dão-nos conta, precisamente, do entusiasmo com que a sua participação se processou, desde o começo, agarrando-se, firmemente, aos aspectos mais concretos e práticos.

Esse entusiasmo, porém, não tardaria a arrefecer um tanto, ao entrar em polémica com Pascoais, a propósito do «Saudosismo» [5].

Tanto em Londres como no Brasil, Sérgio não deu publicidade a essa sua discordância: evitou, mesmo, referir-se em público à doutrinação de Pascoais para não ter de a criticar, como vemos por uma destas cartas e pela conferência, proferida no Rio de Janeiro, *O Problema da cultura, e o isolamento dos povos peninsulares.* Mas o problema mantinha-se em aberto. Pascoais publica na revista dois artigos conciliatórios, um dedicado a Proença, o segundo a Sérgio. É então que o autor das *Notas sobre Antero de Quental,* em artigos sucessivos, do Rio de Janeiro, Nice e Genebra, sustenta a célebre polémica com o autor da *Arte de ser Português.*

Nessa pugna ideológica não figura o texto *Humilde súplica aos saudosistas,* que, supomos, surge pela primeira vez à luz na presente colectânea. Sérgio talvez o tenha posto de parte devido ao seu tom excessivamente

---

posta nunca em causa. Veja-se, a esse respeito: Álvaro Pinto, *Para a história da «Águia» e da Renascença Portuguesa,* in *Ocidente,* n.° 1, vol. I, Maio, 1938, pp. 137-151; idem, *No 40.° aniversário da fundação da «Renascença Portuguesa», Cartas abertas a Jaime Cortesão,* in *Ocidente,* I, II e III, vol. XLII, 1952; António Sérgio, *Sobre a minha colaboração na obra da «Renascença Portuguesa»,* in *Portucale,* 3.ª série, vol. I, n.° 3, 1955, pp. 115-123; idem, *A acção de Álvaro Pinto na Renascença Portuguesa,* in *Ocidente,* vol. LII, n.° 226, Fev.° 1957; Jaime Cortesão, *Álvaro Pinto e a Renascença Portuguesa,* in *Ocidente,* vol. LII, n.° 226, Fev.° 1957. A consulta deste número da *Ocidente* é, aliás, fundamental, pelo facto de conter diversos artigos, de intelectuais portugueses e brasileiros, acerca da vigorosa personalidade de Álvaro Pinto, então recentemente falecido.

[3] António Sérgio: *Sobre a minha colaboração na obra da «Renascença Portuguesa»,* in *Portucale,* vol. cit., p. 118.

[4] Idem, ibidem.

[5] Os artigos em que Pascoais define a orientação do movimento aparecem n'*Águia,* n.os 1 e 2, 2.ª Série, de Janeiro e Fevereiro de 1912, sob o título de *Renascença.*

Slhi

humorístico [6]. Destinava-se, como tudo parece indicar, à *Vida Portuguesa.*

Também neste último órgão de Imprensa vinha António Sérgio polemizando acerca de algumas teses históricas de Cortesão, mas sempre em função dos propósitos de regeneração social-económica que o animavam [7].

A guerra de 1914-1918 veio introduzir um novo factor de discordância (que Sérgio se abstém de levar às derradeiras consequências), separando-o desta vez, não só dos elementos mais distanciados ideològicamente dele próprio mas até do seu companheiro Raul Proença. Sérgio era adverso à participação de Portugal na guerra, em contraste com a maior parte dos escritos que se publicam a esse respeito na *Vida Portuguesa* e na *Águia.* Também sob esse aspecto estas cartas nos trazem diversas alusões.

O real interesse do país só lhe parecia compatível com a neutralidade. Portugal tinha tarefas mais urgentes diante de si: vencer, afinal, a profunda crise em que se arrastava desde há séculos. Nota-se, claramente, nesta correspondência que a atenção de Sérgio se concentra, cada vez mais, no problema educacional e nas questões económico-sociais.

Surge, assim, a *Biblioteca de Educação,* que haveria de constituir um dos aspectos mais positivos da actividade de Sérgio.

Entendendo, como já mencionámos, que o advento da República e dos seus tribunos nos arrojava «para as águas tumultuosas da intervenção popular» [8], Sérgio não parece querer anular esta última, mas sim canalizá-la para um movimento em que tomariam parte diversos elementos da camada liberal da burguesia. É esse o sentido dos vários projectos de fundação de uma revista, de que estas cartas nos dão testemunho, e que haveriam de culminar na *Pela Grei,* órgão da Liga de Acção Nacional. Igualmente significativas as duas cartas que publicamos sobre uma revista de estudantes da Faculdade de Letras, por constituirem um depoimento involuntário acerca da preocupação evidenciada por Sérgio, desde muito cedo, em incorporar no movimento com que sempre sonhou as fracções mais aguerridas da sociedade portuguesa do tempo.

No plano mais limitadamente pedagógico, considerava o autor dos *Ensaios* ser urgente adoptar nas escolas portuguesas «um novo sistema de educação da Grei, que a ensinasse a exercer a democracia política e

---

6 Para essa decisão não terá sido alheia a opinião dos amigos, como, por exemplo, Raul Proença, conforme se vê por uma passagem de uma carta sua para Álvaro Pinto, aqui publicada pela primeira vez:

> «*Meu querido Amigo:*
> *Desculpe o papel, mas não tenho ao presente outro. A minha opinião acerca do artigo de Sérgio que me envio* (sic) *e lho remeto, é de que nem ele nem os meus amigos perdem nada, em que ele não seja publicado. É uma brincadeira que esteve bem à mesa de um café, mas que não tem merecimentos especiais para dever ser publicada na* Águia. *O melhor seria não publicar essa* Súplica, *e publicar as outras duas que lhe enviei, uma das quais está lindamente escrita. Diga-me se recebeu esses artigos em carta registada que há dias lhe enviei».*

Depreende-se desta carta que teria havido mais dois textos de Sérgio sobre o mesmo tema. Tratar-se-ia das *Epístolas aos Saudosistas?*

7 O leitor encontrará nas anotações às cartas as indicações bibliográficas que nos pareceram indispensáveis.

8 *Sobre a minha colaboração na obra da Renascença Portuguesa,* loc. laud., pág. 119.

Slhi

que a preparasse para o trabalho na democracia social», pelo que, em seu entender, se impunha, segundo afirmou:

> «1.º. Fazer conhecer à gente portuguesa os novos processos de educação infantil, baseados na livre iniciativa mental, e portanto no dom de auto-domínio da psique, indispensável à prática de uma democracia genuina: e pedi a minha mulher, em consequência disto, que escrevesse um livro de divulgação pedagógica a explicar *O Método Montessori* (completamente desconhecido em Portugal), o qual prefaciei e anotei, para ser editado pela «Renascença»;
>
> 2.º. Ligar de futuro a instrução popular às actividades produtoras da região da escola: e por isso recorri ao Artur Castilho, para que redigisse um *Manual de instrução agrícola na escola primária,* compêndio este que saiu prefaciado com as minhas *Considerações histórico-pedagógicas,* exposição das origens económico-históricas do desequilíbrio político em que se debatia o País (e que nada implicavam com Monarquia ou República), bem como da urgência de ligar a educação aos requisitos da economia do nosso povo e da sua libertação em relação a oligarcas (o intermediário, o senhorio, o agiota) por tarefa produtora e cooperativa na escola (em comunides de trabalho), sendo que desenvolvi esta orientação democrática em *A função social dos estudantes* e outrossim na *Educação profissional,* livros que a «Renascença» fez vir a lume, sob a direcção editora de Álvaro Pinto;
>
> 3.º. Proclamar a indispensabilidade de bolsas de estudo no estrangeiro que fossem concedidas metòdicamente, de acordo com as necessidades de maior urgência para o desenvolvimento técnico dos Portugueses (como pretendi mais tarde realizar, sendo ministro, pela criação de uma Junta de Propulsão dos Estudos): e de aí *O Problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares,* conferência editada pela «Renascença» como todos os escritos de que estou falando;
>
> 4.º. Combater o ensino puramente mnemónico nas próprias disciplinas que mais a ele inclinam (como a Zoologia e a Botânica, na sua fase primária), substituindo as meras descrições de seres vivos, animais e plantas, pelo *entendimento* da interdependência funcional biológica, quer dizer, das relações *inteligíveis* entre a estrutura orgânica e o modo de vida que o ser vivo adopta, ensartando as ideias sobre aquela e esta num colar inteligível de sustentações recíprocas: e foi isso mesmo o que puz em efeito ao dar aos prelos da «Renascença Portuguesa» as minhas *Noções de Zoologia* (guia [9] didáctico para o professor);

[9] No texto aparece a palavra «dia», certamente por lapso de revisão.

SIhi

> 5.º. Treinar futuros cidadãos democratas pelo emprego dos métodos da democracia política (fundados no exercício do proceder racional) no próprio governo da sociedade escolar: e de aí o livro sobre *Educação Cívica* (...)
>
> 6.º. Expor as linhas gerais pedagógicas de um plano de organização do ensino público, em que se sublinhasse o proveito social-nacional de desenvolver o ensino de continuação (ou primário superior com carácter técnico, ao mesmo tempo que de educação geral) e de fazer encaminhar para este novo ensino (que habilitaria os alunos para os postos médios da vida agrícola, industrial ou comercial, como regentes agrícolas, chefes de oficina, empregados de escritório, caixeiros viajantes e outras funções medianas). Os jovens sem dotes mentais bastantes para triunfarem nos estudos universitários, — jovens que, insistindo no empenho de ser doutores, engrossam depois as legiões do Desemprego, as hostes dos proletários intelectuais e *ratés*, fomentadores da desordem da vida pública, que tornam impossível uma democracia estável: e de aí o opúsculo *O ensino como factor do ressurgimento nacional*» [10].

Assim resumia António Sérgio a linha ideológica por que orientou a actividade da *Biblioteca de Educação* no âmbito da *Renascença.*

Contudo, o após-guerra traria Álvaro Pinto para Lisboa como administrador da Biblioteca Nacional, de que Jaime Cortesão era director, e esse afastamento repercutiria na vida daquela sociedade editora. Por outro lado, frustrada a experiência da *Pela Grei* e sendo cada vez mais desanimador o panorama da vida nacional, em 1920, Sérgio e Álvaro Pinto adquirem no Brasil uma tipografia pertencente ao sogro do primeiro, e decidem continuar, naquele lado do Atlântico, a experiência editorial e cultural da *Renascença Portuguesa* (com o *Anuário do Brasil* e a revista *Terra de Sol).*

Sérgio está no Brasil, em 1921, quando se funda a *Seara Nova,* da qual fazem parte vários elementos da *Renascença* e da *Pela Grei.* É no Brasil que publica o 1.º tomo dos *Ensaios.* É no Brasil que o surpreende a crítica de Raul Proença àquela obra, publicada no n.º 3 da *Seara Nova,* sob o título de *Um livro de claridades e de sombras,* crítica que culminava com estas palavras certeiras: «Suponho que a *atitude correcta* de Salvador exige que nos compenetremos de que, assim como nos cumpre ensinar a pensar os nossos concidadãos, nos assiste o dever de lhes ensinar igualmente o pertinaz heroismo que você desconhece e a *firme vontade de realizar* que o meu amigo abandonou. O Sérgio prega no *Brasil a salvação da Pátria.* E neste simples facto há uma contradição. Para que salvemos a Pátria necessário é que a não abandonemos nos piores momentos, que firmemos, como já disse, bem rijamente os *pés na lama.* Não há nada, nada, que

---

[10] *Loc. laud.*, págs. 119-121. Não insistiremos na análise da convicção de Sérgio, expressa numa nota a este artigo, de que «nada impedia que os processos democráticos de ensino (democráticos pelos meios e pela finalidade)», que preconizava, «fossem instaurados por uma ditadura transitória de intuito liberal».

SIhi

explique a renúncia e o abandono do homem de *élite,* que deve ser a realização suprema do verdadeiro *homem*». E o artigo rematava por um incitamento veemente: «Sérgio amigo, é aqui o seu lugar. Volte novamente para nós. Esperá-lo-ão outra vez porventura a calúnia, o desprezo, a tristeza de viver num meio hostil. Por isso mesmo venha. Se tudo fossem rosas, o seu lugar poderia ser no Brasil. Como quasi tudo são espinhos, o seu lugar é aqui. Portugal está enfermo; não lhe abandonem os seus melhores filhos a cabeceira. Simplesmente o meu amigo voltará em condições diferentes das quando partiu. Encontrará um grupo de homens firmemente dispostos a pregar as verdades necessárias, a sofrer por essas verdades, e a fazê-las triunfar. Venha! Precisamos de si como de ninguém. Precisamos da «alta luz da inteligência» e da «perfeição moral» que o meu amigo exalta e realiza».

Infelizmente, ao contrário do que parecia pensar o autor das *Páginas de Política,* as circunstâncias tornam por vezes imperativos os exílios, mesmo para os apóstolos da pedagogia social, e as obrigações do viver concreto nem sempre facilitam o retorno à pátria. No caso de Sérgio, a saída do Brasil é imposta por condições absolutamente inesperadas e por completo alheias às suas deliberações.

A desvalorização do marco em 1922, repercutindo-se na conjuntura financeira mundial, veio de certo modo afectar a frágil situação económica da empresa que Álvaro Pinto e Sérgio animavam naquele país. Aliado este choque à já averiguada incompatibilidade com o clima brasileiro que o impedia de dormir, produz-se em Sérgio um verdadeiro colapso mental e, pela segunda vez, os médicos impõem-lhe o abandono do Brasil. De regresso à Europa, o claro autor dos *Ensaios* é internado numa clínica psiquiátrica na Floresta Negra e só mais tarde, clìnicamente curado, regressa ao seu país [11].

O presente conjunto de cartas vem contribuir para clarificar alguns pontos da biografia de Sérgio, sob os ângulos intelectual e político. A sua consulta será igualmente útil com vista ao estabelecimento crítico de alguns textos da sua obra.

Por nossa parte limitámo-nos a actualizar a ortografia, e a procurar estabelecer as datas prováveis para as cartas de que Sérgio não deixou indicação cronológica — e foram a maior parte. Anotámos, também, algumas passagens desta correspondência e, no prepósito de sermos prestadios ao leitor, fornecemos sucintas referências biográficas sobre as personagens menos conhecidas que nelas estão mencionadas. Acrescentaram-se, igualmente, algumas informações bibliográficas.

Oxalá este epistolário venha despertar o gosto dos jovens investigadores pelo estudo da obra de Sérgio, na realidade do seu desenvolvimento histórico, através de todas as contradições inerentes à vida dos homens. Se este voto vier a concretizar-se poderemos estar certos de que não terá sido em vão o nosso trabalho.

ROGÉRIO FERNANDES

Lisboa, Maio de 1972.

---

11 Estas últimas informações biográficas foram-nos fornecidas pela Ex.ma Senhora D. Maria Amélia de Azevedo Pinto.

SIhi

1

Meu Ex.mo Amigo:

Estamos tratando da Universidade Popular em Lisboa. Por minha parte, muito interesse em ver o 1.º número da nova Águia, *e muita pena de me não permitirem colaborar desde já muitos, ininterruptos e instantes trabalhos. Estou tesoureiro aqui. Peço portanto que me diga:*

1.º Quem é o tesoureiro geral (no Porto, por ser aí a sede da revista, aplicação principal das receitas) com quem me devo entender.

2.º Desde quando devo considerar pagantes *os sócios? Desde 1 de Janeiro? Parece-me razoável que sim.*

3.º Quem me fornece talões para cobrança? Posso mandá-los fazer aqui, mas parece-me também razoável serem todos iguais, seguindo um modelo dado por uma das sedes.

Mais tarde posso mandar mensalmente o dinheiro para aí, depois de feitas e descontadas as despesas de Lisboa (papel e estampilhas para o secretário; cobrador, etc.) [1]. *Creia-me*

Mt.º at. e agrad.

Rua dos Ferreiros à Estrela, 73-3.º dt.º

ANTÓNIO SÉRGIO

Peço-lhe também que me mande as moradas das pessoas com quem poderei ter que me entender (o meu amigo, o tesoureiro, o Cortesão, etc.)

---

[1] Este bilhete-postal deve datar de Dezembro de 1911. De facto, António Sérgio manifesta interesse em ver «o 1.º número da nova *Águia*», referindo-se, decerto, à nova série do orgão da *Renascença Portuguesa*, o qual saíu, como é sabido, em Janeiro de 1912. Há, por outro lado, a referência à data a partir da qual deveria começar a correr o pagamento de quotas para os sócios daquele agrupamento (1 de Janeiro). Nas cartas de António Sérgio a Manuel da Silva Gaio, publicadas no valioso *Epistolário da Biblioteca Municipal de Coimbra* in «*Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra*», (vol. XXV, Coimbra, 1970, pág. 330) optou-se, com justos motivos, por esta datação quanto a uma carta também procedente da R. dos Ferreiros à Estrela, local onde Sérgio residia entre 1911 e 1912.

A *Renascença Portuguesa* era uma sociedade com ramos em Lisboa, Porto e Coimbra A sede, localizada no Porto, ficava dependente do ponto onde se instalasse a redacção de *A Águia*. Em cada uma daquelas cidades haveria um *comité*, com um secretário encarregado de proceder à admissão dos sócios e de fazer propaganda dos fins da sociedade. O comité de Lisboa teria 12 membros, 8 o de Coimbra e 10 o do Porto

O artigo 2.º do Estatuto estabelecia que a Sociedade tinha por fim «promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.» A *Renascença Portuguesa* não tinha feição política e menos ainda partidária visto que se compunha «de todos os indivíduos que pelas suas qualidades e aptidões possam contribuir para a realização do programa da Sociedade».

SIhj

ou a sede, se há. A mim peço que me escrevam, não *para as Escolas Móveis, mas sim para minha casa* [2].

A. S.

2

19-XII-911.

Meu caro amigo:

Recebi hoje o seu postal; tinha-lhe mandado um ontem à noite. Lembrámo-nos ao mesmo tempo de nos escrevermos [3].

Vejo que infelizmente escasseia a prosa para a Águia [4]. *Há mais de dois anos que ando afastado dos assuntos sobre que poderia dizer alguma coisa. Um concurso de geografia que andou adiado ano e tanto e que afinai se não realizou, e depois intensos trabalhos de ganha-pão desde que mandei a Marinha às ortigas, — têm-me trazido alheio a tudo que me pudesse agora dar*

A Universidade Popular, obra da *Renascença Portuguesa*, só se inaugurou em 9 de Junho de 1912 no Águia de Ouro, no Porto, sendo proferida a primeira lição no dia 17 daquele mês por Xavier Esteves, seguida, a 26, por uma de Leonardo Coimbra. A reabertura da Universidade efectua-se a 27 de Outubro daquele ano.

Numa interessante série de artigos sobre «A Universidade Livre de Lisboa», dada à estampa no *Diário de Lisboa* (17-11-1969, 18-11-1969, 19-11-1969), David Ferreira refere-se incidentalmente à Universidade Popular do Porto recordando que, sob o seu impulso, se fundaram instituições análogas em Coimbra, Póvoa do Varzim e Vila Real. Em Lisboa parecem não ter tido êxito as diligências feitas nesse sentido por António Sérgio.

A referência final às «Escolas Móveis» dirá respeito, segundo supomos, à *Associação de Escolas Móveis, Bibliotecas Ambulantes e Jardins Escolas,* cujo boletim de propaganda era dirigido por Elísio de Campos. Sobre estas escolas leia-se o excelente trabalho de José Salvado Sampaio, «Escolas Móveis (Contribuição Monográfica)» in *Boletim Bibliográfico e Informativo do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian,* n.º 9, Lisboa, 1969, págs. 9-28.

[2] Escrito no verso, ao lado do espaço destinado ao endereço.

[3] O postal a que esta carta se refere é provàvelmente, o anterior. O assunto que retoma é o da colaboração na *Águia,* cuja nova série se encontrava em preparo.

[4] O 1.º número da *Águia* data de 1 de Dezembro de 1910, tendo sido fundada por Álvaro Pinto, Jaime Cortesão, Pascoais, Leonardo Coimbra, Raul Proença e outros. A 1.ª série, (10 números), terminou em Julho de 1911. *Revista quinzenal ilustrada, de literatura e crítica* — assim se reclamava —, saía a 1 e a 15 de cada mês. Até ao n.º 3, Álvaro Pinto figurava apenas como director e proprietário, sendo Tercio de Miranda o editor e administrador. A partir daquele número, todas as funções se concentram sob a responsabilidade de Álvaro Pinto.

Na 1.ª série da *Águia* aparecem colaborações dos mais prestigiosos representantes da intelectualidade portuguesa. Sem preocupação de exaustividade, podemos apontar Manuel Laranjeira, Cortesão, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, Raul Proença, A. Sérgio, Augusto Casimiro, Pascoais, Bruno, Veiga Simões, António Correia de Oliveira, Mário Beirão, Ângelo Vaz, João de Deus Ramos, João de Barros, A. A. Cortesão, Aarão de Lacerda, Cardoso Marta, Julio Brandão, Manuel da Silva Gayo e, bem entendido Álvaro Pinto. Dos estrangeiros distinguiam-se Coelho Neto e Unamuno.

A primeira colaboração de Sérgio (Sérjio, na capa da revista) nessa 1.ª série da *Águia* aparece no n.º 5, de 1 de Fevereiro de 1911. Trata-se de um soneto intitulado «Ao Infante Santo», datado de Lisboa, 1910. O número seguinte (15 de Fevereiro) trazia um retrato de Sérgio por Jaime Cortesão, publicado numa galeria de colaboradores da revista. No n.º 7 (1 de Março) inseria-se outro poema de Sérgio, o «De noute», também datado de Lisboa e de 1910.

Slhi

assunto para a Águia. *Além disso, uma trabalheira absorvente e exaustiva da manhãzinha às tantas da noite, com um ou outro momento roubado para ir à Universidade, onde me matriculei para satisfazer condições oficiais para um longínquo professorado... O* Struggle *e seus pertences...* [5].

Em todo o caso, se se vir atrapalhado e precisar de que lhe eu queime um último cartucho, arranjarei duas ou três páginas ligeiras que o meu amigo porá no fim de tudo, com um cabeçalho correspondente à sua insignificância: Notas e Comentários, *por exemplo. Poderia manter-se essa secção para pequenas comunicações, discussões,* aperçus, *cartas ao editor, etc., anàlogamente ao que fazem várias revistas literárias, científicas e filosóficas estrangeiras. Lembra-se de uma* Varia *que trazia o n.º 1 da antiga* Águia, *das*

---

5 Quando foi proclamada a República, António Sérgio, que era oficial da Marinha de Guerra, demitiu-se. Em vários escritos e, designadamente na *Antologia Sociológica (Trechos portugueses e estrangeiros seleccionados, comentados e prefaciados)*, (6.º caderno, Edição do Autor, Lisboa, 1957, págs. 8-11), Sérgio defendeu-se da acusação de ter modificado as suas ideias políticas. Nesse trecho declara não haver ocorrido nenhuma variação no seu pensar político, e que nem então nem nunca se declarou monárquico, «embora discordasse por maneira nítida do modo como os republicanos do tempo da propaganda conceberam a República e a Liberdade, a democracia e as instituições económicas, e também da maneira como alguns trataram os assuntos referentes à crença religiosa, e ainda da atitude em relação à Igreja, que eles puseram na dependência dos plutocratas». E Sérgio acrescentava: «Para mim ou forma monárquica ou republicana nunca foi problema deveras essencial. Pode-se, ao que sempre supus, preferir a Monarquia ou a República por circunstâncias secundárias e acidentais. Deixem-me repeti-lo: por circunstâncias particulares e acidentais, variáveis com os países e com o momento histórico. Porque o básico (ao que sempre julguei) é sim o reformismo social - económico, de carácter ético e pedagógico, onde seja concebida a liberdade do homem como virtude que se funda no senhorio de si, no autodomínio, e em que se designa pelo termo de «democracia» a emancipação económica da gente pelo esforço quotidiano dessa mesma gente, nunca se faltando ao respeito absoluto pelas crenças religiosas de cada um.

«Ora, pareceu-me que os tribunos da propaganda não viam os problemas por este prisma: e por isso me mostrei em desacordo com eles, não sendo monárquico, e menos ainda católico.

«Implantada, depois, em 1910, a nossa romântica e mal concebida República, metido o povo numa grande aventura para que ninguém até aí o preparara a preceito (antes o transviaram, em meu modesto entender, com uma noção emotivista da liberdade cívica oposta à noção racional e moral, que é a da autodisciplina, a da reflexão voluntária) senti no meu íntimo a afirmação de um rumo, de uma clara vocação, de um destino social: o de me fazer apóstolo ou pregador assíduo da concepção da democracia que foi sempre a minha — do meu próprio ideal de liberdade do espírito, da vida cívica, da revolução económica, da educação para o trabalho, da ascenção do povo. Aliás, metia-me na baralha com a convicção profética de que o pensamento que trazia era por demais complexo para ser compreendido com apreensão imediata pela grande maioria dos compatriotas, — e esperava aquilo que tenho tido e tenho: o ataque, o ódio, a calúnia, a injúria. Com tudo isso contei. Sabia-me destinado à oposição permanente, aos visos de faccioso, às situações de exílio, e toda a minha vida de combatente humilde foi uma áspera jornada de caminheiro estóico pelas congostas frígidas da resignação.

«Libertária, pedagógica, económica - social, populista: assim foi, desde sempre, a minha doutrinação em política. De aí procede a sua feição de constância, — onde os críticos incompreensivos querem apontar variações, a mania quixotesca da oposição contra todos, a expressão opiniática de uma personalidade excessiva.

«Sabe-se que não tive a comunicação mais ténue com o partido dos sectários da restauração monárquica, que nenhum dos monárquicos me chamou para a seita (tendo eu conhecimento com numerosos deles), que nenhum me encarou como correligionário seu. A lenda aérea desse pretenso monarquismo só surgiu à luz algum tempo mais tarde, difundida por jacobinos de bem acanhado intelecto, talvez temerosos de que lhes fizesse eu sombra».

SIhi

Notas *dos n.os 3, 4, 5? Seria isso, amplificado. Eu e mais dois ou três poder-nos-íamos comprometer a dar, conjunta ou alternadamente, o ou os artigos de fundo dessa secção: a eles se seguiriam as notas mais pequenas: livros, acontecimentos, notícias minúsculas, etc., e por fim, — expediente. Se essas notas suscitassem réplicas, controvérsia cortês, tanto melhor: seria uma pequena tribuna de discussão, arejada e sem responsabilidades. Serve-lhe a ideia? Diga com franqueza porque, bem vê, isto é só para o ajudar nos estreitíssimos limites em que a minha vida nesta ocasião o permite.* [6]

Parece-me bom não limitar a revista às questões literárias e científicas mas abri-la a toda a espécie de actividade social. Tudo entre nós precisa de organização, e todo o profissional de mérito e estudioso poderia ser convidado a falar na organização da sua especialidade: o professor, de escola; o oficial, de força armada, exército ou marinha; e o economista, o comerciante, o industrial, etc., dos seus ramos de actividade. Esses artigos deviam ser concentrados, nutridos, o que os diferenciaria do artigo do jornal. A Águia *interessaria assim a um muito maior número de indivíduos e teria a função social a que deve aspirar. Que lhe parece?* [7] *Responda-me, e creia na boa vontade e simpatia do*

Seu amigo e adm.

A. SÉRGIO

3

Meu Ex.mo amigo:

Acabo de conferenciar com o Elísio.

Ele, como tem cobrador para a sua Associação e como tem meio de enviar para aí dinheiro grátis, pela sua militança (por intermédio da agência militar)

---

[6] A *Varia* e as *Notas* do 1.º número da *Águia*, a que se referia Sérgio, eram «sueltos» redigidos com muita vivacidade. Nos números seguintes, porém, a secção passa a tratar apenas de questões de expediente.

[7] Datada de 19 de Dezembro de 1911, esta carta precede de poucos dias o começo da 2.ª série da revista. Com efeito, segundo se lê em *A obra da «Renascença»* (vd. *A Vida Portuguesa*, n.º 1, pág. 8), a 27 de Agosto de 1911 realizou-se em Coimbra a primeira reunião preparatória daquele agrupamento. Em 17 de Setembro do mesmo ano efectua-se uma segunda reunião, desta vez em Lisboa, com vista à organização dos comités da capital, Coimbra e Porto, e à escolha de directores para a *Águia*, órgão da Renascença. Em Janeiro de 1912 sai o 1.º número da 2.ª série.

Além de nova versão gráfica, a revista passava a ter um director literário (Teixeira de Pascoais), um director artístico (António Carneiro) e um director científico (José de Magalhães). Álvaro Pinto preenchia as funções de secretário da redacção, director e administrador.

Álvaro Pinto adopta, em parte, a sugestão formulada por Sérgio nessa carta. A secção *Notas e Comentários* do n.º 1 (págs. 29-31), vem a inserir um artigo de Sérgio — *A ideação de Oliveira Martins*. No n.º 2 (págs. 58-62) surge um artigo de Raul Proença, *A situação política*, datado de 5 de Fevereiro. É ainda Proença quem ocupa a secção do número de Março com *Diferenciação e Progresso*. A breve trecho, porém, a secção transforma-se em coluna bibliográfica, com recensões de Villa Moura e Pascoais.

A *Águia* não assumiu a feição que Sérgio procurava inculcar a Álvaro Pinto. Poder-se-ia, porém, achar correspondência de objectivos em *A Vida Portuguesa*, «quinzenário de inquérito à vida nacional», também propriedade da *Renascença*, de que Jaime Cortesão foi director e Álvaro Pinto secretário de redacção e administrador.

Slhi

acha que a cobrança dos sócios de Lisboa se poderia fazer cá. Visto essa possibilidade de transporte grátis, *aprovei. Peço-lhe pois que me mande um livrete de recibos o mais breve possível, que eu em troca lhe mandarei o dinheiro que apurar. Não se esqueça de que o João de Deus Ramos é sócio, para lhe mandar a* Águia. *De tempos a tempos enviaremos uma lista de novos sócios* [8].

O Lopes Vieira escreveu-me hoje comunicando que aceitava entrar para o Comité [9].

Mande-me algum papel de carta e sobrescritos com o carimbo da Águia, *que eu pagarei o seu valor. Como quero escrever a algumas pessoas convidando-as para sócios ou, pelo menos assinantes, quero que seja em papel carimbado para já ser um certo* reclame.

Disse à livraria que lhe escrevesse directamente. Previno-o porém de que são gente mole. Nem para os seus Serões [10] *consegui que mandassem para os quiosques, cafés,* reclames *para jornais, etc. E era negócio próprio! A venda pelas ruas parece-me bela ideia, ao menos para se lhe berrar o nome; mas creio que melhor poderia tratar disso um consócio jornalista, como o Câmara Reys.*

Vão duas assinaturas.

Mt.º grato, ad.or e amigo

ANTÓNIO SÉRGIO

Sexta feira à noite.

4

Meu caro: Mando-lhe as provas. Mil perdões pelo meu longo silêncio; trabalho brutalìssimamente e não me chega o tempo para nada mais — nem mesmo para metade do que me cumpria fazer. Paciência! Depois... um grande desalento por tudo. Aquele mesmo estado de espírito que inspirou o artigo do nosso Proença, bastante agravado. Os meus amigos, q̄ pensam? Falem no assunto, por piedade, q̄ não é tempo de cantar os olhos da doce amada. Ou não?... Escreva-me, se puder [11].

Poderia informar-me como e a quanto poderia eu obter papel igual ao da capa da Águia — *e onde? É para o* Jornal da Associação dos Estudantes de Letras. *Gostava de q̄ o aspecto exterior se assemelhasse ao da* Águia, — *e que a* Águia *fizesse uma assinatura das duas publicações para os seus assinantes q̄ assim o quisessem. Trabalho para os meus amigos, nenhum. Tudo aqui tratado.*

A. S.

---

8 Supomos o assunto desta carta correlacionado com o do bilhete n.º 1, pelo que a datamos de fins de 1911 ou começos de 1912. O «Elísio» a que se refere esta carta é, provàvelmente, Elísio de Campos, da *Associação de Escolas Móveis, Bibliotecas Ambulantes e Jardins Escolas.*

9 Tratar-se-ia do Comité de Lisboa da *Renascença?*

10 A revista *Serões,* de que Sérgio passou a ser director literário em Janeiro de 1911, substituindo Eduardo de Noronha, era editada pela Livraria Ferreira, casa que publicou as *Notas sobre Antero de Quental* e as *Rimas,* obras da juventude do nosso ensaísta.

11 Trata-se, ao que supomos, do artigo de Raul Proença publicado na *Águia,* n.º 2, Fevereiro de 1912 e datado de 5 daquele mês. O artigo de Proença é redigido sob a impressão vivíssima da greve geral de 1912. Nestas circunstâncias, supomos que este bilhete-postal datará de Fevereiro ou Março de 1912.

Slhi

5

Meu caro amigo:

Já fui ao Elísio pedir os impressos. Cá tenho alguns. Afinal, dados os 10% do cobrador, qual sistema é mais económico? Se sempre for preferível a cobrança aqui, mande os recibos. Já escrevi alguns bilhetes para tentar assinaturas.

Falei hoje com o Pascoais, que muito estimei conhecer e apreciei. Pena tenho de ser tão breve a sua demora. Proponho arranjarem-se correspondentes na província aproveitando os homens que já o sejam de qualquer outra publicação ou empresa congénere. Em todo caso, mando-lhe uma lista de homens a quem poderá escrever: parece-me preferível imprimir circulares e montar metòdicamente esse serviço, notando os que responderam afirmativamente num caderno especial, de maneira a procurar outros quando a resposta for desfavorável, e a ter representação no maior número de povoações possível. Proponha-lhes a comissão de 25% nas assinaturas de que se encarregarem. O meu amigo escusa de saber mesmo os nomes desses assinantes: mandam-se ao correspondente tantos números da Águia *quantos ele pedir e pagar, e ele lá faz a distribuição pelos assinantes que arranjar na aldeia. Descentralizemos sempre que for possível e houver vantagem!*

Creio que a Associação dos estudantes da Faculdade de Letras tenciona publicar todos os três meses um boletim com trabalhos dos Professores e dos alunos [12]. *Poderia a Renascença entrar em combinações com a Associação para assimilar de qualquer forma esse trabalho? Por exemplo:*

A Renascença editaria o Boletim *com a sua chancela, formato igual ao da* Águia, *e de maneira que se visse bem que o* boletim *era edição sua;*

A Associação pagaria as despesas, com um pequenino lucro para a Renascença;

A Águia *faria para os seus assinantes uma assinatura em comum com o* boletim *para aqueles que o quisessem, introduzindo assim o boletim e fazendo-lhe* reclame.

Perguntar-me-á qual a vantagem que nós retiraríamos de um contrato destes. Quanto a mim, a vantagem moral de alargarmos a nossa esfera de acção e pormos sob a nossa égide mais uma manifestação da vontade de trabalhar portuguesa.

Julgo também que deveria pedir-se a todos os sócios que pusessem no frontespicio das obras que publicassem a indicação: Biblioteca da Renascença Portuguesa *com letras estilizadas por algum dos nossos colaboradores artísticos. O letreiro adoptado seria empregado em todas as obras.*

Recebo neste momento o seu postal. Sempre me pareceu mais vantajosa a cobrança por vale, mas não gosto de casmurrar na minha opinião, antes aceito todas as outras, ainda quando me não agradam, sempre que daí não resulte desgraça e as pessoas se afincam a elas com muito amor. Pelo que vejo, não temos este ano Universidade em Lisboa; e nesse caso, até as quotas

---

12 Parece-nos que esta carta data igualmente dos primeiros meses de 1912, dada a insistência no assunto do jornal ou boletim da Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa.

Slhi

do Comité *as pode com vantagem o meu amigo cobrar pelo correio, excepto a do Elísio. Este mandaria, quando lhe aprouvesse, a diferença entre as quotas que deve e o gasto que fez em estampilhas. Não lhe parece razoável?*

Creia-me
Amigo ad.^{or} *e grato*

ANTÓNIO SÉRGIO

6

Meu bom amigo: Releve-me o só hoje responder à sua tão apreciada cartinha. Mereço o seu perdão, porque ando afogado em trabalhos. Seria absurdo pensar realmente que me «indispus» com os meus amigos. Discordo sim da orientação da Águia, *mas isso significa só isso. Para mim a amizade é um acordo de sentimentos e de boas vontades que não implica o acordo nas ideias. Frequentes vezes divirjo das opiniões dos meus amigos e concordo com as dos meus inimigos, — que os tenho, de resto, mais ou menos encapotados. Por aqui concluirá que este seu estrambótico amigo é um espírito crítico e desapaixonado, o qual, se continua apesar dessas divergências a fazer parte da Renascença, é pela muita estima pessoal que lhe merecem o secretário da revista, a quem muitas obrigações deve, e o Cortesão, que o convidou a entrar na sociedade. As acusações que faço à* Águia *são as seguintes: o exclusivismo de igrejinha; a inconsistência e a autolatria pascoalesca; o elogio mútuo. Pedi aqui colaboração a gente competente. O Adolfo Coelho* [13]*, que tinha o seu artigo já pronto, pediu-me, depois da publicação dos do snr. Fernando Pessoa* [14]*, para retirar a sua palavra, com as desculpas e as explicações competentes. Dei-lhe razão. Os outros não me tornaram a falar no caso, e eu respondi com um silêncio sensato ao seu compreendido silêncio. Daí em diante retirei-me do trabalho, limitando-me a acompanhar com atenta simpatia o dos meus amigos. E aí está.*

Descomponha-me o Cortesão, q̄ me não respondeu a um postal, e faça-me o obséquio de lhe dizer que pedi aos meus amigos da Antologia universal *para lhe publicarem nela* Os Choupos na luz do Luar: — *não para q̄ mo agradeça, mas para ficar sabendo qual foi o trecho escolhido. Seu A. S..*

---

13 Francisco Adolfo Coelho, educador, filólogo e etnólogo, nascido em 1847 (Coimbra), e falecido em 1919 (Carcavelos). Sobre este notabilíssimo escritor temos, no prelo, *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*. Adolfo Coelho foi um dos mais encarniçados adversários da *Renascença*, como se pode ver pela sua resposta ao Inquérito Literário de Boavida Portugal, (Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1915, págs. 75-86).

14 Fernando Pessoa começou a colaborar na *Águia* com o artigo *A Nova Poesia Portuguesa sociològicamente considerada* (n.º 4, 2.ª série, Abril de 1912), o qual continua no número seguinte, de Maio do mesmo ano, sob o título de *Reincidindo*. Na *Águia*, n.º 9, de Setembro, surge *A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico*, cuja conclusão aparece na *Águia*, n.º 11, 2.ª série, Novembro de 1912.

Parece-nos lícito, pois, situar nos últimos meses de 1912 ou nos começos de 1913, a data desta carta.

Slhi

7

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1913 [15].

Meu bom amigo: Escrevo-lhe para lhe comunicar que cheguei aqui há uns 4 dias, e que me tem ao seu dispor para o meu amigo particularmente e para a Renascença.

Durante a minha semana de Lisboa andei tão completamente atarefado que me não foi possível escrever uma linha; deixei para aqui toda a correspondência.

Por indicação crítica do nosso Proença modifiquei o começo de uma coisinha da minha pena que ele para aí lhe mandou, e que levava o título de Transfiguração. *Peço-lhe que lhe mande a ele as provas, ou a mim.*
A nova forma é a seguinte:

Sinto sonhar, reclusa, *a vida*
Nesta floresta entorpecida
P'lo Norte, açoute das florações.
Ó troncos hirtos e regelados,
Na bruma, ao longe, transfigurados,
Névoas, *visões!*

Sublinhei os termos novos. Peço-lhe q̄, se publicar a Transfiguração [16] *a faça corrigir neste teor. Seu mt.° amigo* A. SÉRGIO.

Recomendações ao Pascoais, Cortesão, Carneiro e Coimbra. [17]

8

Meu bom Amigo:

As provas de umas más estrofes com que lhe estraguei o último número da Águia *(À Lareira)* [18] *foram enviadas, não à minha pessoa, que estava então em Lisboa, autor do crime e dele responsável, mas ao Proença, — acrescendo que lhas enviaram sem o original — procedimento extravagante que pressupõe a hipótese absurda de que aquele nosso querido amigo adivinha e tem de cór, letra por letra, tudo que a minha desastrada e atarefada cabeça tem o mau sestro de produzir. Proença, naturalmente, recomendou que conferissem pelo original; tipógrafos e revisores, que a minha imaginação fan-*

---

15 Carta-bilhete.

16 O poema foi publicado no n.° 15 da *Águia*, de Março de 1913. Na versão dada à estampa, a palavra «reclusa» não saíu entre vírgulas, e no 4.° verso lê-se «Ó troncos hirtos e despojados».

17 Refere-se, òbviamente, a Teixeira de Pascoais, Jaime Cortesão, António Carneiro e Leonardo Coimbra.

18 Nesta passagem, Sérgio alude ao poema dedicado a Raul Proença e publicado na *Águia*, n.° 13, 15 de Janeiro de 1913.

Slhi

tasia genuinos representantes do génio nacional da sorna e do não-te-rales (bem distantes, ó bom amigo, dessa sua fecunda actividade que tanto admiro!) — tipógrafos e revisores, portanto, sempre na lógica da psicologia das gentes, não estiveram para conferir e eu, no eterno fadário de lamentar e protestar contra as puras faculdades da Raça, trago a quem manda de facto a minha reclamação.

Fizeram-me, entre outras desoladoras barbaridades, a de me omitir um verso inteirinho, e verso essencial à expressão da minha peça — acumulando as gralhas e desleixos no fim, no ponto crítico e característico...

Ora, ainda quando o poetastro não merece, como poetastro, o apreço e a vénia dos Artistas — e é este, eu sei bem, o meu caso, ó indulgente e paciente amigo! —, ainda aí, na sua opinião e na minha, é credor o verso do respeito de todo o cidadão tipógrafo que em humanidade esteja acima de um político e abaixo de uma fadista. Não faço, em verdade lhe digo, considerável empenho em ver os meus carmes em letra de imprensa, e tem para mim ponderáveis vantagens o papel de versejador inédito, de que me têm feito sair as instigações da amizade e incentivos que não são os da vaidade e do renome. Mas, uma vez que se publiquem versos, decerto me desola e me compunge toda a democrática barbaridade contra a Arte, e sobretudo o ver que numa revista de Artistas, tipógrafos e revisores tratam o verso com o desdém que para ele não teria uma associação de merceeiros, especialistas na banha do porco.

Desisto pois de publicar versos se a revisão não puder ser menos bárbara, e passo a outro assunto.

Se o meu verso nenhuma utilidade pode ter, a minha colaboração em prosa patriótica na Vida *pode trazer algum grãozinho de areia de boa vontade no sentido dos intuitos da «Renascença»: e por isso me não parece razoável desistir por uma questão de revisão. Procuremos pois.*

Não vale a pena mandar daqui um artigo (15 dias de viagem) para voltar em provas (15 + 15 = 30) e seguir outra vez para o Porto (30+15=45) 45 dias de intervalo entre a escrita e a publicação, pelo menos! Digamos 45+15=60, porque seria acaso extraordinário coincidir a chegada das provas aí com o apresto de um n.º da Vida *para a máquina. Pergunto pois:*

Promete-me uma revisão rigorosa — um revisor a ler o original com todos os pontos e vírgulas, outro a seguir nas provas, e duas revisões — de granel e de página?

Se ma promete, eu colaborarei, quando os meus negócios mo permitirem [19].

Que corre por aí? A política calculo que continue aquela abominável coisa que sempre foi e há-de ser. E os nossos amigos?

---

19 O primeiro artigo de António Sérgio na *Vida Portuguesa* aparece no n.º 4 e data de 15 de Dezembro de 1912, intitulando-se *Variações do amigo Banana, amador de estudos históricos, sobre Inquisição e Humanismo; divulgadas para entretem dos ociosos por um seu familiar indiscreto, e também amador dos ditos estudos.* O seu segundo artigo, no mesmo quinzenário, aparece no n.º 12, de 17 de Abril de 1913, e intitula-se *Carta a José Fagundes, Poeta lírico, sobre o Bacharel e suas causas,* surgindo datado do Rio de Janeiro, 23 de Março de 1913. Como o postal precedente é de 30 de Janeiro e esta carta estabelece condições para colaborar na revista — ou antes: para continuar a colaborar — o que acontece em 23 de Março, a data desta carta deverá recair entre Fevereiro e Março de 1913.

Slhi

Não me lembro se chegou a acusar recepção do Times *que para Londres me pediu* [20]*; creio que tivesse chegado, e servido. Escrevi-lhe pouco tempo depois de chegar aqui ao Rio um bilhete postal, e outro ao Cortesão: diga-me se o posso auxiliar em qualquer coisa aqui.*

Não sei se o comité *funciona ou é simplesmente honorário, o que se me afigura provável. As medidas pensadas para impedir a emigração* [21] *e as propagandas contra ela em Portugal têm feito péssima impressão, mas se fosse entrar por esse caminho das tolices e mesmo dos gravíssimos erros não haveria fim.*

Seu amigo e adm.[or]

ANTÓNIO SÉRGIO

Caixa 1127
Rio de Janeiro

9

Meu caro Álvaro Pinto:

Peço-lhe q̄ me mande as duas conferências do Pascoais: se não erro muito, a primeira se chama o saudosismo, *e a segunda* o génio português na sua expressão literária e filosófica [22] *ou coisa parecida. Não tencionava ler essas duas conferências, porque me desgosta ver o Pascoais a dizer tão idiotas baboseiras; mas seria falta de consciência falar da* Renascença *sem as ler. Esteja sossegado, que não esmiuçarei em público nem farei críticas ao saudosismo. Desejo simplesmente ficar bem com a minha consciência. Rogo-lhe que me mande também uma nota de quanto devo à* Renascença, *logo que vir que a minha dívida atinge quantia merecedora de um cheque ou vale postal.*

Desejava as seguintes modificações no artigo que lhe enviei há dias:

1.ª No fim da frase: «Pois não caberão as duas bolas no mesmo saco?» pôr uma chamada, estrelinha ou número, e em baixo (tipo pequeno) a seguinte nota: «A primeira nação na poesia tem sido também a primeira nação no comércio: a Inglaterra».

2.ª Uma citação que faço de Camões deve sair assim:

> *«Não se aprende, Senhor, na fantasia,*
> *Sonhando, imaginando, ou estudando,*
> *Senão vendo, tratando, e pelejando».*

---

20 António Sérgio esteve em Londres, antes de seguir para o Brasil, aquando da sua primeira estada nesse país.

21 Sobre o problema da emigração arquiva *A Vida Portuguesa* (n.º 2, 15 de Novembro de 1912) as opiniões de Bento Carqueja, director de *O Comércio do Porto*, e de Bernardino Vareta, presidente do Centro Comercial do Porto. Numa nota final, assinada A. P, prometia-se continuar a recolher subsídios a fim de se apresentar uma solução do problema. É possível que Sérgio responda a uma consulta de Álvaro Pinto a este respeito.

22 A conferência *O Espírito Lusitano ou O Saudosismo* data de 1912. A segunda, *O Génio Português na sua expressão literária e filosófica*, foi proferida a 2 de Abril de 1913 (vd. *A Vida Portuguesa*, n.º 12, de 17 de Abril do mesmo ano) e acabou-se de imprimir a 6 de Junho. Por outro lado, as modificações adiante mencionadas respeitam ao artigo *Golpes de Malho em Ferro Frio — Aos portugueses de 16 anos que não ambicionam ser poetas líricos*, saído em *A Vida Portuguesa*, n.º 16, 2 de Agosto de 1913. A data da carta deverá recair, portanto, entre Junho e Julho de 1913.

Slhi

É o que hoje tenho por mais provável; mas a nota correspondente permanece:

3.ª A frase:

«Tal pseudo-sábio que nos prega lusismo... não nos tem dado, como ideias, senão velharias francesas, e só francesas», deverá sair:

«Tal pseudo-sábio que nos prega lusismo não nos tem dado, como ideias gerais, senão velharias francesas, e só francesas, ou vulgarizadas pelo francês».

Como vê, desejo a adição das palavras «gerais» *e* «ou vulgarizadas pelo francês».

4.ª Suprimir a nota sobre o facto de não terem os grandes génios literários e artísticos das Espanhas coincidido com a grandeza política do país, qual sucedeu nos séculos de Péricles, Augusto, Luis XIV e Isabel. — Este assunto exigiria mais detalhado exame, que reservarei para outra vez, se voltar a ele.

5.ª O número da Vida *em que vem o artigo do Albano de Sousa que cito é 12.*

Saudades ao Barbirruivo.

Seu mt.º grato

Caixa 1127

A. SÉRGIO

10

Humilde súplica aos saudosistas [23].

Meus caros saudosistas, amigos e não amigos:

Leio no número da Vida Portuguesa *que me chegou hoje, um artigo em que se dá Antero de Quental como papá do saudosismo* [24].

Vocês afinal são uns grandes pândegos. Generosa rapaziada, mas grandes pândegos. Até hoje têm-se enfeitado com a póstuma adesão de Camilo, D. Duarte, Soares dos Reis, António Nobre, Duarte Nunes de Leão e a sua picaresca definição da saudade — e até mesmo o Afonso Henriques. E ao que parece, vocês acreditam nisso.

Mas se lhes cabe n'alma compaixão por um companheiro longínquo, — deixem o Antero.

Eu aceito o saudosismo *como escola de poetas; em arte aceito todos os temas e os artistas têm o direito de se inspirar no que quiserem. Admiro além*

---

23 Como já dissemos, cremos ter ficado inédita esta peça da polémica de Sérgio com os saudosistas. O original apresenta uma grafia que não pertence a Sérgio mas a assinatura ao fim da página parece não oferecer dúvidas.

24 O único artigo da *Vida Portuguesa* que se nos afigura fornecer uma base para esta alusão é o que aparece em Junho de 1913 (n.º 3), assinado A. F., sob o título de «Renascença Portuguesa», transcrito do «*Pernambuco*» de 29-12-1912 e 6-1-1913. Talvez tenha sido a passagem a seguir transcrita que provocou o ânimo polémico de Sérgio: «Antero, o génio possante, de cabeleira ao vento, improvisando trovas nas calçadas das Igrejas, era, pode-se dizer, a maior cabeça daquele tempo. Ele personificava uma filosofia, ele era a grande alma revolta e insubmissa, o grande destruidor e o incansável homem de trabalho. Foi ele o grande passo para a Renascença de hoje». Se a nossa hipótese está correcta, o texto dataria do Verão de 1913.

Slhi

disso com simpatia o nacionalismo da nova escola, à qual ùnicamente exprobaria a uniformidade que de longe em longe dilui o característico dos poetas.

Fujo mesmo de discutir em público os contos de fadas de Pascoais [25]. *Em Pascoais encanta-me o poeta, e o prosador cura-me os flatos. Que querem vocês, acho-lhe piada, — e a todos os teóricos do* saudosismo. *Mas suplico-lhes que larguem de mão a ideia de filiarem em Antero as teorias psicológicas, políticas, metafísicas, religiosas, mitológicas, pedagógicas e patológicas do* saudosismo.

O saudosismo, *como teoria psicológica e tudo mais, poderá filiar-se em quem quiserem, inclusivamente no Snr. Teófilo; como pretexto de elogio mútuo, no grupo de Castilho* [26]; *e como mania «purificadora», na inquisição de D. João III. Mas não ponham Antero compatível, quer com o capricho reclamista (certamente passageiro) que vos atacou em má hora, quer com a chinesice devaneadora que vocês todos... Mas não: decididamente, — não são todos saudosistas. Vocês são diabos de muito espírito e têm andado a mangar com a tropa. E por isso vos felicita e abraça o vosso*

ANTÓNIO SÉRGIO

11

Rio, Domingo 2 de Novembro

Meu querido amigo:

Assoberbado por muitos afazeres, só hoje, domingo, pude ler o seu magnífico artigo na Vida, *que intitulou* Crónica [27]. *Você põe esplêndidamente o dedo na grande chaga da administração portuguesa: O* Estado Sugador. *Conheceu-se o Estado simples registro, o Estado-Providência, etc.: coube a Portugal o realizar plenamente o Estado-Sugador, o Estado assassino da nação. O Estado entre nós não mata o país só para se alimentar directamente, mas para se alimentar cada vez mais. Aumentar a riqueza do país e assim aumentar o rendimento do imposto pelo aumento da matéria tributável: — eis o processo da Economia; diminuir a riqueza do país para que aumentem as importações e com elas os direitos alfandegários — eis o processo do Terreiro do Paço. O Snr. Afonso Costa achou muito bonito agravar ainda essa teoria financeira dos políticos da Monarquia. Foi este lindo sistema que eu tive em vista quando afirmei nos* Golpes de malho [28] *q a função do nosso*

---

25 Repare-se na carta n.º 9, em que Sérgio tranquiliza Álvaro Pinto, comprometendo-se a não criticar o saudosismo em público.

26 Em 2 de Agosto de 1913, *A Vida Portuguesa* (n.º 13) inclui um fundo intitulado *O Elogio Mútuo*, em que se dá conta ao leitor de que Sérgio, numa carta e num artigo, fazia essa acusação. Teria sido justamente a *Humilde súplica aos saudosistas* o artigo em referência?

27 O artigo intitulado *Crónica*, de Álvaro Pinto, saiu em 2 de Outubro de 1913 no n.º 18 da *Vida Portuguesa*. A carta datará, pois, de 2 de Novembro daquele ano. Os temas abordados por Álvaro Pinto eram os seguintes: «Militarismo e Exército e Marinha — Escolas de repetição — Consequências do movimento emigratório — Pelas finanças portuguesas — Enriquecer o Estado, empobrecendo o país, não é administração. O verdadeiro saldo seria o fomento nacional».

28 Alusão ao artigo *Golpes de Malho em ferro frio*, atrás citado.

Slhi

Estado era alimentar-se a si próprio à nossa custa. Pautas, leis civis, etc., tudo visa a este fim. Os conselhos de família são obrigados a empregar os dinheiros dos órfãos em papéis do Estado. Pois então!

Calorosa, calorosìssimamente o aplaudo, meu amigo: continue a berrar nesse sentido, sem medo de se repetir, e esteja no poder quem estiver. O sistema sugatório é mau por ser sugatório, e não pelo facto de ser lucianista ou afonsista; não é um problema de cor política, mas um problema de orientação financeira. Portugal continua a ter um fim único: dar votos e dinheiro ao Terreiro do Paço. A nova lei eleitoral dispensou-o mesmo, de dar o voto, mas não de dar a massa. *O sistema Afonso Costa é mais simples: dê a* massa *e não dê o* voto*! E nós, cá no Brasil, a ver os emigrantes que chegam, às centenas, cada paquete:* «biemos andando, meu xenhôr, porque xe num podia biber!». *E um dia todo o país terá dado o último ceitil, e partirá para o Brasil o último português; e Afonso Costa, só em Portugal, terá as burras do Estado cheias, e poderá cortar todas as despesas; e o próprio* superavit *acabará, porque haverá acabado tudo!*

Ah, meu amigo: calorosa, calorosìssimamente o aplaudo e abraço! O seu artigo foi para o meu espírito uma grande consolação.

Escusa de me dizer que a Renascença *trabalha; mas é que a parte da nossa alma que trabalha e que contrue não quer saber da saudade para coisa nenhuma, nem da atitude apagada, impotente e desesperada do* Desterrado *do Soares dos Reis. Esse* Desterrado *que o Pascoais nos dá para* Precursor, *com a sua cabeça de mulher e os seus membros de impotente, não olhe muito para ele: sentirá invadi-lo o aniquilamento* [29].

Lembra-se da informação q̃ me mandou do Albano de Sousa? [30] *que era um bom e verdadeiro português, rude e franco. Porque me não disse que era um bom português, elegíaco e saudoso? Porque o português elegíaco e saudoso não é o bom, mas o mau português; o português da decadência, o da «apagada e vil tristeza». O que há em nós de saudade é a parte impotente do nosso ser.*

Mandei a minha resposta ao Barbirruivo [31], *e peço-lhe que a faça publicar o mais breve possível. Empenho-me em que a minha ideia se esclareça, porque*

---

29 Na edição da conferência de Teixeira de Pascoais, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, aparece, de facto, uma gravura da célebre estátua, com a seguinte legenda: «*O Desterrado* é a Esfinge da Raça... (pág. 13)». Essa conferência que aparece integrada nas iniciativas da *Renascença Portuguesa*, foi proferida no Ateneu Comercial do Porto, na noite de 23 de Maio de 1912 (ver a carta n.º 9). Data desse ano a primeira discordância de Sérgio (e de Proença) em relação ao saudosismo que a *Renascença* arvorava como atitude filosófica. O n.º 10 da *Águia*, 2.ª série, de Outubro de 1912 insere um artigo de Pascoais, «O Saudosismo e a Renascença», dedicado a Proença, aludindo à discordância deste e de Sérgio com respeito à «luz orientadora» da Renascença. Nesse mesmo artigo, Pascoais filiava num mal-entendido a rotura de ambos em relação ao agrupamento. No mesmo número, Cortesão publica o artigo *Da «Renascença Portuguesa» e seus intuitos*. No n.º 12, de Dezembro, Pascoais dedica a António Sérgio o artigo *Ainda o Saudosismo e a «Renascença»*, o qual originou uma carta de Sérgio, então em Londres. Supomos que essa carta não foi publicada.

30 Albano de Sousa (n. no Porto, 9-6-1877 e m. em Lisboa, 10-5-1954), economista, industrial e político, colaborador assíduo na *Vida Portuguesa* nos temas económicos e financeiros.

31 O «Barbirruivo» era Jaime Cortesão. O artigo aqui aludido é o que aparece sob o título *O Parasitismo Peninsular — Carta a Jaime Cortesão*, datado do Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1913, e publicado na *Vida Portuguesa*, n.º 20, 1 de Dezembro de 1913.

SIhi

a julgo útil; aliás, como terá visto, eu não ataco ninguém, a ninguém critico nessa réplica: limito-me a elucidar a minha teoria, base da verdadeira regeneração. Todos os meus planos de futuro são corolários da minha ideia sobre o passado: por isso a desejo conhecida. Não desespero de que você e o Barbirruivo se acabarão de convencer da justiça da minha causa.

Escaparam-me nesse artigo, escrito numa noite muito à pressa, pouco precisas maneiras de dizer; mas como não tenho tempo para mais, limitar-me ei a uma emenda: linguado 8, linha 47, substituir a frase:

«Pela caça ao infiel negro se realizaram as descobertas»,

por esta outra:

«A caça ao infiel negro incitou as descobertas» [32]

Peço-lhe também que envie à minha custa, *20 n.os desse artigo a Augusto Reis Machado, r. dos Navegantes 15, Lisboa* [33].

Um bom abraço do seu amigo e ad.or

A. SÉRGIO

P. S. Por engano enderecei o meu artigo e carta para o Barbirruivo para o n.º 393 em vez de 363. Queira ter a bondade de reclamar.

12

Meu querido amigo:

O Américo Ângelo chegou [34]*. Vi-o ontem, de corrida. Hoje ou amanhã falaremos do concerto.*

Peço-lhe que na advertência *da minha conferência, após as palavras* cultura cosmopolita *faça introduzir o seguinte:*

(uma cultura não literária, não pròpriamente científica, mas económica-social), pela educação dinâmica,

e que na nota n.º 9 acrescente:

João Périer, numa conferência feita na Sociedade de Geografia de Paris em Junho de 1910, disse: «Em toda ordem de conhecimentos, na agricultura, na mineração, na navegação, nas indústrias fabris e manufactureiras, no comér-

---

Era a resposta ao artigo de Cortesão, *O parasitismo e o anti-historismo — Carta a António Sérgio*, in *A Vida Portuguesa* n.º 18, 2 de Outubro de 1913.

32 Estas correções foram respeitadas

33 Augusto Reis Machado, professor e escritor, nasceu em Lisboa, em 1887. Metodólogo de História e Filosofia no Liceu Normal de Lisboa, faleceu em 1966.

34 Esta referência a Américo Ângelo e ao concerto, permite situar esta carta em Dezembro de 1913, visto que a citada advertência apresenta essa data.

A conferência em questão é *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares*. Era com vista à sua preparação, muito provàvelmente, que António Sérgio solicitava a Álvaro Pinto a remessa das duas conferências de Pascoais (ver carta n.º 9).

Na advertência, Sérgio esclarece ter sido incumbido de fazer uma conferência no concerto que deveriam realizar no Rio de Janeiro, a favor da Renascença Portuguesa,

Slhi

cio e até nas profissões liberais e administrativas, na política, nas artes, nas ciências, torna-se absolutamente necessário, para progredirmos e mesmo para nos mantermos perante a concorrência estrangeira, saber o que se passa lá fora. Tomemos o conselho de Carnegie, o célebre ultramilionário americano: Para triunfar em nosso tempo é mister saber tudo que se faz na superfície do planeta em nossa especialidade. *ESTUDEMOS O MODO DE TRABALHAR, DE AGIR, DE VIVER E DE PENSAR DOS POVOS DIRECTORES MODERNOS». É o que Antero de Quental nos aconselhava em 1871: «procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa». (Manifesto das Conferências do Casino). Entre outros meios para atingir esse fim, o snr. Périer propunha a criação em Londres de uma* Casa de estudantes *onde os jovens franceses pudessem estudar os problemas da vida moderna. Isto aconselhava o Snr. Périer aos franceses... E para quê? «Para que, diz ele, nessa enorme convergência dos povos, mergulhados todo o dia na prática comercial, tomem o gosto e o prazer da acção...* para que se lhes comece a abrir no espírito o conhecimento do mundo contemporâneo... não mais vivermos voltados para nós mesmos, e sim olhar em torno de nós, ter os olhos constantemente abertos para o vasto mundo».

Se se diz isto a franceses, que diremos nós, a lusitanos, sobre quem a história acumulou um imenso estrato de ignorância isoladora, convertendo-nos em fósseis terciários? Mandemos para o estrangeiro a nossa melhor mocidade: e não só para as escolas, mas para as granjas, as minas, as oficinas [35]*!*

Adeus, meu bom e pacientíssimo amigo. Perdoe todas estas importunações e creia-me

Muito grato amigo

ANTÓNIO SÉRGIO

13

Domingo 7 de Dezembro.

Meu caro Álvaro Pinto:

Este artiguinho foi escrito na semana passada, ou por outra, no Domingo passado, e encontrei-o hoje na minha pasta, quando supunha tê-lo mandado já há 7 dias. Oxalá chegue a tempo de não interromper a série [36].

---

os seus consócios Inocêncio Caldeira e Américo Ângelo. O concerto, como se deduz das cartas n.os 13, 14 e 16, nunca se realizou.

Não conseguimos apurar mais concretamente quem foi Inocêncio Caldeira. Quanto a Américo Ângelo, é o autor das músicas do *Folk-lore Musical* (*Canções Portuguesas*), Empresa Pereira & Companhia (10 fascículos). Na respectiva apresentação, Américo Ângelo é descrito como «um distinto pianista», que de há muito revelara «um verdadeiro temperamento de compositor, apreciadíssimo também em todo o Brasil», que, acrescentava-se, «lhe tem ouvido nos concertos as suas produções originais, de um cunho tão nacional, com tão fundas raízes na doce melancolia de nossos cantos que como eles evocam a Saudade, *gosto amargo de infelizes*».

O texto da conferência de Sérgio, com o título de *O problema da Cultura* aparece parcialmente publicado na *Vida Portuguesa*, n.º 23, 1 de Março de 1914, seguido da anotação «no prelo». O colofon da edição em folheto indica a data de 13 de Abril desse ano para a conclusão dos trabalhos de impressão.

35 Na edição este acrescento surge incorporado à nota 6 e não, como aqui se indica, à nota 9.

36 A carta é de Dezembro de 1913, como se infere claramente do anúncio da partida, feito adiante. Quanto ao artigo, tratar-se-á, de *Regeneração e Tradição, Moral e*

Slhi

Não sei coisa alguma do Américo Ângelo e Caldeira [37]. *Por indicação médica sou obrigado a retirar daqui no princípio de Janeiro, devendo seguir, é provável q̄ directamente, para Nice ou para a Suiça. Saudades ao Pascoais e Barbirruivo.*

Seu muito grato amigo

A. S.

14

Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1914 [38].

Meu caro Álvaro Pinto:

Ainda aqui estou; e não é sem transtorno grave para os negócios que partirei no dia 8 de Fevereiro. Mas é indispensável partir. Peço lugar na Vida Portuguesa *para uma colaboradora: consegui convencer minha mulher a rabiscar uns artiguinhos populares de educação. Aí vai o primeiro, que fará imprimir se lhe parecer bem* [39]. *Envio-lhe também um soneto para a* Águia, *com o qual respondo a uma poética, bondosíssima e encantadora carta do nosso Casimiro* [40]. *Saudades para o Barbirruivo, Pascoais, Carneiro.*

Um abraço do seu muito dedicado e sempre às ordens

A. S.

P. S. O Américo Ângelo sumiu-se de todo. Sabe explicar-me o mistério? [41]

Economia, inserido na *Águia,* n.º 25, Janeiro de 1914. Segundo indicação no artigo, o texto foi escrito no Rio de Janeiro.

37 Ver carta n.º 12.

38 Ao alto da carta, impresso o timbre seguinte: «Rio de Janeiro — São Paulo — Santos — Lisboa — Londres — Nova York — Paris/SOCIEDADE INTERNACIONAL/» A seguir, dentro de uma caixa: «A Biblioteca Internacional de obras célebres acha-se em exposição nas nossas salas: Rua 1.º de Março 53 (em frente ao Correio Geral) Rio de Janeiro. Rua de S. Bento 48, S. Paulo, / e Rua de Santo António 82-A, Santos. / Toda a correspondência deve ser dirigida a Caixa do Correio 1711, Rio de Janeiro, ou Caixa do Correio, 17, S. Paulo». O papel da carta era, pois, o da companhia editora com que Sérgio trabalhava.

39 Luísa Sérgio aparece como colaboradora na *Vida Portuguesa* com o artigo *Questões Educativas — Sobre a Educação da Criança* (n.º 23, 1 de Março de 1914). A série continua, sob o mesmo título, nos seguintes números: II — (de 27 de Março); III — (25 Maio de 1914); IV — (26 Junho de 1914). No n.º 38, de Junho, 1915, Luisa Sérgio publica na *Vida Portuguesa* um excerto de *O Método Montessori,* sob o título *A Educação da Actividade Infantil.*

40 «Pela Grey — Os que sonham — A Augusto Casimiro em resposta à sua carta», *A Águia,* n.º 29, Maio de 1914.

41 Ver cartas n.ºs 12 e 13.

SIhi

15

Villa du Dr. Montennis,
Nice, Saint-Antoine [42]
4 de Março de 1914

Meu querido amigo:

Envio-lhe incluso o 2.º artigo de minha mulher [43] *sobre a educação da petizada. Parecem-me apropriados na* Vida. *Diga-me francamente a sua opinião. Rogo-lhe revisão cuidadosa. Creio que lhe mandaram duas* Notas e Comentários *meus: se vir que vale a pena rever eu as provas, mande-mas* [44]. *Eu preferi-lo-ia, para poder fazer qualquer modificaçãozinha que ocorresse.*

Seu mt.º amigo e admirador

A. Sérgio

Quer daqui alguma coisa?

16

Meu bom e três vezes admirável amigo:

Aqui lhe remeto as minhas ultima verba *na palestra do Saudosismo e do Isolamento. Seria um grandíssimo favor mandá-las compor imediatamente e enviar-me as provas, de maneira que viessem na mais próxima* Águia [45]. *Estou-lhe gratíssimo pela infinita paciência com que me tem aturado.*

Quando lhe escrevi o meu último postal tinha percorrido tão superficialmente o prospecto da Biblioteca Lusitana *q̄ nem reparei que marcara o meu nome para a edição de Sá de Miranda. Todas as suas sugestões são ordens*

---

42 Ao alto riscado a tinta, este timbre impresso no interior de uma caixa: «PROF. FILIPO ALESSIO / Corrispondente del Mattino di Napoli / Redattore Azione Liberale / Corrispondente dello Spettacolo /».

43 Ver carta n.º 14, n. 2.

44 Essas notas são, provàvelmente *Pela pedagogia do Trabalho,* in *Águia,* n.º 27, Março, 1914, e *O Imperialismo de Hoje e o Imperialismo Peninsular,* in *Águia,* n.º 29, Maio do mesmo ano.

45 A *Águia* é o veículo da polémica de António Sérgio com Teixeira de Pascoais a propósito do Saudosismo, de que reconstituimos os seguintes passos: António Sérgio *Epístolas aos Saudosistas,* in *Águia,* n.º 22, 2.ª série, Maio, 1913; Teixeira de Pascoais, *Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio,* in *Águia* n.º 22, 2.ª série, Maio de 1913; António Sérgio, *Regeneração e Tradição, Moral e Economia,* in *Águia,* n.º 25, Janeiro, 1914 (artigo enviado do Rio de Janeiro); Teixeira de Pascoais, *Resposta a António Sérgio,* in *Águia* n.º 26, Fevereiro de 1914.

O artigo a que se refere a carta de Sérgio é, certamente, o que se intitula *Despedida de Julieta* publicado na *Águia,* n.º 28, Abril de 1914, com o qual esperava encerrar o debate. Pascoais, todavia, replica no n.º 29 da *Águia,* de Maio, do mesmo ano, com *Última Carta?* e Sérgio, afinal, volta ao assunto na *Águia,* n.º 30, de Junho, 1914, com o artigo *Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago,* datado de Genebra, 27 de Maio. Pascoais volta à carga, no n.º 31, de Julho, com *Mais palavras ao homem da espada de pau.* Sérgio não lhe responde e o debate, por esta vez, fica encerrado.

Slhi

para mim, que é necessário cumprir. Tratando-se porém da 1.ª série as dificuldades a que me referi no meu bilhete avultam consideràvelmente; ainda os autores da 2.ª série (século XIX) poderiam esperar pela minha entrada em Portugal, q̄ não sei quando será: pode levar meses, e pode levar anos.

Nunca cheguei a perceber o caso do concerto no Rio: Américo Ângelo disse-me q̄ ia para S. Paulo e nunca mais apareceu [46].

Não recebi o seu plano financeiro; mas vamos ao positivo. Em que lhe posso ser útil? Ficar com acções? Não se pode com menos de 100$? Digo isto porque estou agora em péssima época para desembolsos: suspendi os trabalhos em que ganhava cobres e empatei o dinheiro disponível, para auxiliar empresas de compatriotas no Rio. Estou pronto porém a entrar desde já em sociedade com alguns outros para uma vaquinha de 100$, se a coisa é possível.

A Vida *q̄ recebi é a 23* [47]*: faltam-me algumas anteriores a essa. Foram para o Brasil? Rogo que me mande sempre 4 ou 5 exemplares de cada artigo de minha mulher na* Vida [48].

Gostaria de ler a conferência do nosso consócio Adolfo Vasques Gomes sobre Os conceitos da história [49]. *Tenciona publicá-la? Quem é ele, principalmente no ponto de vista moral? Desejo, lendo-o, conhecer-lhe a mentalidade (a q̄ família zoológica pertence, como criatura pensante).*

Seu muito grato

ANTÓNIO SÉRGIO

Villa du Dr. Montennis
Nice (Saint-Antoine)
14 (ou 15)-3-14

17

Génève, rue de Candolle, 14, 3.e
7 de Abril:

Meu querido amigo:

Muito obrigado pelo n.º 21 da Vida [50] *e pelas provas, que recambio. Acrescentei duas pequeninas notas. Lamento imenso não o poder ajudar aí, com tipógrafos pouco expeditos e falta de tipo.*

---

46 Ver cartas n.ºs 12, 13 e 14.

47 De 1 de Março de 1914.

48 Ver cartas n.ºs 14 e 15.

49 Adolfo Vasquez Gomez era um jornalista e professor espanhol. Proferida a 27 de Dezembro de 1913, a sua conferência tinha o seguinte sumário: «Evolução dos Povos. Influência do factor económico nos grandes movimentos da humanidade. A felicidade individual e a emancipação colectiva. A filosofia da história conduz à vitória da paz, do amor e do trabalho. A interpretação moderna dos sucessos. Novo credo» (vd. *A Vida Portuguesa*, n.º 23, pág. 23). O n.º 21 da mesma revista (15 de Janeiro de 1914) transcrevia um resumo publicado no *Primeiro de Janeiro* de 31 de Dezembro de 1913.

50 Carta com timbre igual ao da carta n.º 15. A sua data deve ser Abril de 1914, dada a referência à recepção do n.º 21 da *Vida Portuguesa*, o qual, como já indicámos, saiu a 15 de Janeiro daquele ano. O n.º 21 estava em falta, visto que na carta n.º 16 acusa a recepção do n.º 23.

Slhi

Os artigos sobre o Livre-cambio [51] *não tinham intuitos de estabelecer doutrinas mas de concorrer mìnimamente para um resultado prático: criar uma corrente de opinião favorável à revisão das pautas que, (como creio concordará) são uma verdadeira calamidade para o nosso povo trabalhador. Eu, estando cá fora, não lhes sofro as consequências; e até seria pessoalmente prejudicado pela revogação da Lei dos cereais, visto que tenho uns pequeninos trigos que me ajudam a viver. No entanto peço constantemente a reforma dessa lei e a das pautas: creio que não poderia haver propaganda mais desinteressada e mesmo anti-interesseira. Elogio em boca própria é vitupério, e se lhe digo estas coisas é porque estou escrevendo a um dos homens em quem tenho mais confiança, que mais estimo e que mais admiro.*

O facto de ter em vista um fim exclusivamente prático não quer dizer que eu não seja, em teoria, um sincero livre-cambista. A liberal Inglaterra foi nisso, como em outras coisas, minha mestra, e abomino todos os sacrifícios da grande massa da nação a uma pequena oligarquia que é o Estado. O Estado é um grande inimigo e carrasco das nações, e a nossa está demasiado escravizada a ele.

Muitas saudades *do seu*
muito amigo

ANTÓNIO SÉRGIO

R. de Candolle, 14, 3.º Génève, Suissa.

18

Meu querido amigo:

Recebidos um postal seu, várias Vidas, *e um* Século. *Muitíssimo obrigado. Quanto à lambada, o que me desola é ver que ela lhe aumenta a si os trabalhos e as canseiras, porque para nós acho-a até tonificante. A lambada excita, disciplina, aumenta o nosso ardor, e combate a nossa preguiça. O meu caro Álvaro Pinto é que não precisa desses incentivos, e portanto descarregue parte da sua faina para cima de alguns companheiros. Eles que escrevam as defesas, que se batam com os inimigos externos, pois que os negócios internos bastante o importunam já. Aliás nós só ganhamos em ser defendidos pela sua pessoa: a sua resposta à* Capital *está magnífica. Fez muitíssimo bem em distinguir a obra* literária *e a obra* escolar *da Renascença: para esta, e só para esta, se podem pedir auxílios* [52]. *O meu primeiro impulso foi pegar na pena e responder aos tipos, mas desisti depois de ler o artigo no* Século. *Com efeito, neste artigo insistem na educação nacionalizante segundo as antigas qualidades da raça, etc., etc., coisas em q̃, como sabe, não estou de*

---

51 Artigos publicados nos n.os 21 e 22, da *Vida Portuguesa*, respectivamente a 15 de Janeiro e 10 de Fevereiro de 1914.

52 Sérgio alude, neste ponto, à carta com que Álvaro Pinto respondeu aos remoques da *Capital* acerca do subsídio concedido pelo Município do Porto à *Renascença Portuguesa*. O n.º 24 da *Vida Portuguesa*, de 27 de Março de 1914, transcreve esses textos. A carta datará, portanto, de Abril de 1914.

Slhi

acordo: não posso por isso falar, por enquanto, em nome da Renascença [53]. *Estou de acordo com os meus consócios nesta tese geral: cumpre q̃ nos dediquemos a educar o povo; mas discordo na determinação das qualidades q̃ é preciso inculcar no nosso povo. Desde q̃ possa fazer esta distinção, estou pronto a responder a quem quiser.*

A. S.

19

Meu bom amigo:

Recebidos os n.os da Vida *e* Águia *que lhe tinham sido devolvidos* [54]. *Muito obrigado. Não preciso de mais livros; os que tenho me bastam por enquanto.*

Quero apresentar-lhe uma ideia que o meu amigo francamente rejeitará se assim entender, sem escrúpulo algum de me escandalizar, pois que, como sabe, não sou susceptível, e a franqueza é o método que religiosamente prefiro em mim e nos outros. Poderá ser também que lhe apeteça deixar para mais tarde o pensar no caso, e adiar portanto a sua resposta. Faça exactamente o que lhe apetecer. A ideia é esta:

Aprovaria a Renascença *a fundação de uma* Biblioteca de Educação *cujo trabalho eu tomaria se não aparecesse outro, não digo com muita mais competência porque seria falsa modéstia, mas com muito mais desejo de figurar como director? As obras poderiam ser nacionais ou estrangeiras traduzidas, mas sempre em relação imediata com as necessidades do país, quer dizer, teriam utilidade imediata para nós, e não se imprimiriam, por exemplo, eruditas dissertações sobre a pedagogia de Confúcio ou sobre o sistema educativo dos povos trogloditas.*

Não recebi a Vida *n.º 25* [55]. *Saiu?*

Seu mt.º amigo

ANTÓNIO SÉRGIO

---

53 Artigo-réclame publicado na edição de 7 de Março de 1914, também transcrito no número de 27 de Março da *Vida Portuguesa*. A 24 daquele mês, o jornal recenseou as últimas edições da *Renascença* (obras de Villa Moura e Cortesão) mas nada se lê nesse texto que possa relacionar-se com os dizeres de Sérgio. Em 25 de Julho o *Século* tornou a ocupar-se da *Renascença*. O artigo é transcrito na *Vida Portuguesa* de Julho de 1914, (o que prova falta de pontualidade na saída da revista), também não se nos deparando nesse artigo nenhuma relação com esta carta.

54 Trata-se, provàvelmente, dos números da *Vida Portuguesa* a cuja falta se referia na carta n.º 10 e acerca dos quais punha a hipótese de terem seguido para o Brasil.

55 A menção do n.º 25 da *Vida Portuguesa*, que é de Maio de 1914, e o facto de haver adiante uma carta de 25 do mesmo mês sobre a mesma proposta de se fundar uma *Biblioteca de Educação* no âmbito da *Renascença Portuguesa*, leva-nos a situar a data desta carta na 1.ª quinzena de Maio daquele ano.

SIhi

20

Meu caro Álvaro Pinto:

Acho muito razoável a sua proposta. Espero pois pelo programa da «Biblioteca de Educação infantil» [56] *para ver se tem alguma relação com o que eu desejo. Se essa «Biblioteca» consta de livros* sobre *educação infantil para serem lidos pelos adultos educadores, acho que o nome está muito bem posto; se porém deve constar de livros* para crianças, *proponho que se chame «Biblioteca infantil» em lugar de «Biblioteca de educação infantil». Parece-me que o nome deve sempre corresponder à coisa. Como julga?*

Seu mt.º amigo e admirador

ANTÓNIO SÉRGIO

P. S. Recebeu um exemplar do Problema *para si e dois para arquivar* [57]*?*

R. de Candolle, 14. Genève.

21

Meu querido amigo:

Deu-me muita alegria a sua carta, por ver nela a possibilidade de realizar a Biblioteca de educação. *Rogo-lhe que faça todo o possível para que a outra se chame* Biblioteca Infantil, *isto porque estou convencido da sólida utilidade da minha. Não sou nebuloso na maneira de conceber, e espero que saia coisa nítida, claramente concatenada, e perfeitamente* prática.

Estimaria que, além do distintivo da Renascença *na capa, os volumes da futura* Biblioteca de educação *tivessem no ante-rosto uma vinheta especial que representasse as ideias fundamentais do meu plano. Peço pois ao António Carneiro que me envie uns esboços, logo que, lidos os meus próximos futuros artigos na* Águia, *me apreenda essas ideias fundamentais. Desejaria que essa vinheta contivesse as palavras* Trabalho *e* Autonomia*; se quisessem, também o título:* Biblioteca de educação. *Um retrato do Herculano, semelhante ao belo busto já desenhado pelo nosso artista, viria muitíssimo a propósito; mas não sei o que diria disso a estética do desenhista. A escolha seria feita de comum acordo entre nós, de maneira a conciliar o vosso gosto com a simbolização perfeita do meu sistema pedagógico.*

A primeira obra a ser publicada, como introdução, poderia ser de meia-dúzia de páginas: A Carta aos eleitores do círculo de Sintra, *do Herculano*

---

[56] Sérgio alude ao que veio a chamar-se *Biblioteca Infantil e Popular*, e se publicou sob a direcção de Teixeira Rego. A presente carta está no seguimento directo da anterior, pelo que a datamos igualmente de Maio de 1914.

[57] Supomos tratar-se de *O Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares*, que Sérgio, aliás, dedicara a Álvaro Pinto. O opúsculo deve ter sido lançado a público nos fins de Abril ou nos começos de Maio de 1914.

Slhi

(Opúsculos, II volume) verdadeiro pequeno retrato de educação cívica [58]. *Creio que seria preciso pedir licença à Livraria Bertrand. Pode conseguir-se isso?*

Não seria bom escolher uma cor de capa para cada uma das Bibliotecas *(Lusitana, infantil e de educação)?*

A obra do Haupt é sobre a Arquitectura da Renascença em Portugal. *Consta de dois volumes ilustrados, em alemão. Os* Serões *traduziram o primeiro volume. Não me pareceu obra perfeita, mas creio que não há melhor trabalho daquela extensão sobre o assunto. Julgo que o 2.º volume não foi ainda traduzido por pessoa alguma.*

[Eu actualmente não tenho tempo para verter obra tão comprida, mas desde já lhe ofereço o meu préstimo se fôr preciso traduzir do alemão, do inglês ou do italiano alguma coisa pouco extensa. Não lhe falo do francês e do espanhol, porque para estas duas línguas tem certamente tradutores em excesso.]

Em absoluto, penso que era bom serviço editar a obra; mas não creio que valesse a pena o sacrifício, dadas as nossas condições económicas e a fraca procura que o livro teria. Há coisas mais urgentes. Aguardo a sua resolução, e farei o que mandar.

Seu mt.º amigo e admirador

ANTÓNIO SÉRGIO

P. S. Aqui vai incluso o artigo de Notas e Comentários *para a próxima* Águia. *Peço que mande provas se puder; mas não deixe de o inserir no próximo número, para me não atrazar a maquineta. Sei que o que lhe pedi a este respeito é difícil, mas sei também que o meu amigo é homem para dificuldades. A* Águia *deste mês deve estar aí a arrebentar* [59].

22

Meu caro Álvaro Pinto:

V. é um homem 300 vezes admirável! Pela sua frase «podemos fazer menso» elevei-lhe uma estátua no meu espírito!

Aí lhe envio o programa da Biblioteca de Educação [60]. *Se estiver de acordo, tenha a bondade de fazer imprimir a circular. Se lhe parecer conveniente qualquer emenda, queira dizer de sua justiça. Parece-me que no primeiro granel, que me mandou, da* Biblioteca infantil e popular, *se esqueceram de corrigir o título nas linhas 29 e 30 do texto.*

A Biblioteca infantil *está muito bem, e não implica absolutamente nada com a minha. Em primeiro lugar, a* Infantil e Popular *é principalmente uma*

---

58 Este projecto não foi avante.

59 O pós-escrito encontra-se na margem . O artigo seria *O Self-government e a Escola*, inserido na *Águia*, n.º 30, Junho, 1914, pelo que a carta será de Maio.

60 É provàvelmente o texto publicado na *Vida Portuguesa*, n.º 27 de Julho de 1914.

Slhj

Biblioteca de instrução; *a minha, uma Bib. de* educação*; aquela destina-se às pessoas que se desejam instruir* a si mesmas, *esta às pessoas que precisam de educar* os outros: *aos pais, às mães, aos professores.*

Diga-me sob que condições podemos reproduzir e traduzir as obras modernas (recentes) francesas, inglesas e alemãs. Para evitar transtornos com direitos editoriais penso em organizar três Antologias pedagógicas *de* trechos (Ant. ped. *de língua francesa,* Ant. ped. *de língua inglesa,* Ant. ped. *de língua alemã, em tradução, claro está) pois que quem faz antologias está no seu direito de reproduzir os trechos que quiser, sem perigo de reclamação.*

Minha mulher fará o que o meu amigo mandar e o seu tempo dela lhe consentir. Distribue o meu amigo os trabalhos ou pode ela escolher os que quiser? Não sei se lhe disse já que ela anda estudando a educação dos pequeninos para o que se matriculou na Universidade e num Instituto especial. Adquirirá portanto no assunto uma certa competência especial, que lhe permitirá fazer trabalhos um pouco mais decentes do que se fora uma simples curiosa [61].

Se não causar transtorno, peço q̃ mande provas da respostazinha ao nosso bom Pascoais [62]. *Proponha nelas as emendas q̃ lhe parecer. Como vê, não demoro as provas.*

Seu

A. S.

23

Meu caro A. Pinto:

A respeito da sua carta, ficam-me as seguintes dúvidas a esclarecer:

Quando devo entregar o trabalho?

Acha preferível que a tradução seja em prosa ou em verso branco? (A hipótese do verso rimado creio dever ser posta de parte sem hesitação).

Não tencionam reimprimir algumas boas traduções portuguesas já existentes de algumas obras? Seria impossível fazer melhor do que a tradução das Geórgicas *pelo Castilho, o* Paraíso Perdido *e trechos do* De Natura Rerum *pelo Leitão, etc.* [63]. *Qual é a lei dos direitos de autor para as traduções, ou, por outras palavras, a lei dos direitos de tradutor? Parece-me ajuizado não traduzir trecho ou obra que já houvesse logrado uma boa tradução portuguesa limitando-nos a reimprimi-la e portanto investigar bem o que já temos nesse ponto, não esquecendo que alguns dos nossos escritores antigos traduziram também, do latim por ex. Eu possuo Cícero traduzido por Resende,* [64], *Homero pelo poeta brasileiro Odorico Mendes, etc. Estas*

---

61 Em 1916, numa carta de Genebra para Manuel da Silva Gayo, Sérgio refere-se igualmente aos estudos de sua mulher Luisa. (*Arquivo Coimbrão,* vol XXV, Coimbra, 19170, pág. 339.)

62 A «respostasinha» seria o artigo *Explicações necessárias do homem da espada de pau...*, dado à publicidade na *Águia,* em 30 de Junho de 1914, e datado de Genebra, de 27 de Maio. Esta carta deverá datar, pois, de Maio de 1914.

63 Sérgio refere-se, òbviamente, a António Feliciano de Castilho. O tradutor Leitão será, ao que julgamos, António José Osório de Pina Leitão, nascido em Pinhel, em 1762 e falecido no Brasil, após 1840.

64 André de Resende.

Slhi

traduções já feitas teriam a vantagem de se poderem ir imprimindo nos intervalos das outras, de maneira a evitar falhas de regularidade. É claro que tudo isto não pretende ser mais do que um alvitre q o meu amigo submeterá à sentença do Teixeira Rego, se entender conveniente.

Estou cheiíssimo de trabalho de todas as espécies. Preciso de ir a Berna e à Alemanha, aprontar um montão de tarefa para os meus americanos [65], *pensar nas Antologias para a* Biblioteca de educação, *num longo artigo prometido para uma revista pedagógica suissa, e ainda nas* Notas e Comentários *para a* Águia *sobre o self-government, que não desejaria interromper. Junte a isto investigações de sociologia — o diabo! — e calculará que não posso honestamente prometer o Byron para breve: uma tradução* decente *de um poeta desta ordem é, como sabe, tão difícil como é fácil rabiscar uma tradução de três ao vintém. Poderia (caso me pudessem conceder tempo suficiente) enviar o que haja já traduzido em português desse autor (para que eu, estudando os erros e os acertos dos outros, melhor me fixasse sobre o caminho a seguir) bem como o livro de Alberto Telles* Lord Byron em Portugal *e o resto que haja neste género? Tratando-se de um homem que esteve no nosso país e escreveu sobre ele, parece-me racional expor com maior desenvolvimento a parte da sua biografia que se passa em Portugal. Que lhe parece? Talvez mesmo não fosse tolice traduzir num* Apêndice *as Cartas do homem (ou trechos) que se referem à nossa terra.*

A minha imaginação tem exigências esquisitas, entre as quais a condição de visualizar tudo aquilo e todas as pessoas em que penso. Rogo-lhe pois que, pondo-me desta maneira em contacto com o Teixeira Rego, me esboce um retrato físico e moral deste estudioso, cujos primeiros artigos sobre a Nova Teoria do Sacrifício *li com grande apreço e interesse. Depois interrompi a leitura porque o sistema das pequenas doses, quando prolongado, me aborrece. Esperarei que a obra fique inteira* [66]. *Diga-me pois: idade? profissão? temperamento? fisionomia? etc.*

Com respeito ao trabalho de minha mulher:

— Quantas páginas? ou melhor: quantas palavras? porque desconheço o formato da colecção.

— Ao escrever deve ter em mente crianças de que idade? de que instrução?

— Deverá fazer uma narrativa ao arbítrio dela, calcada sobre as tradições, ou cingir-se a um texto determinado, estabelecido pelo Rego?

— Quando deve entregar? [67]

Recebi neste momento, a sua carta, o Cancioneiro Popular *coligido pelo Barbirruivo. Folheei-o com muito interesse, e tive dele muito boa impressão* [68]. *Lê-lo-ei na primeira ocasião favorável; creio que o levarei numa excursão*

---

65 Alusão à companhia editora com que trabalhava.

66 José Augusto Ramalho Teixeira Rego, nasceu em Matosinhos, em 1881 e faleceu em 1934. Professor da Faculdade de Letras do Porto, colaborou activamente na *Águia*. A obra a que Sérgio se refere começou a publicar-se na *Águia*, n.º 12, 2.ª série, 1913, só tendo aparecido em volume cinco anos depois.

67 Estas interrogações diziam respeito, como fàcilmente se deduz, à colaboração de Luisa Sérgio na *Biblioteca infantil* dirigida por Teixeira Rego no quadro editorial da *Renascença Portuguesa*.

68 O *Cancioneiro Popular* começou a ser anunciado em Julho de 1914.

SIhi

a Berna, pedibus calcantibus, *que tenho combinada com o Claparède* [69]. *Minha mulher também vai. Serão 4 dias de caminhada por montanhas. Sairemos a 25 pela manhã, para chegar a Berna na manhã de 29. — Rogo-lhe que transmita ao Barbirruivo os meus agradecimentos.*

Seu mt.º grato amigo
e admirador

A. S.

P. S. Poderei deixar as Notas e Comentários *da próxima futura* Águia *para depois do meu regresso e chegarem elas ainda a tempo? Até quando as devo enviar? Desconfio de que o revisor faz às vezes correcções infelizes; creio que na primeira Nota (pág. 187) do meu último artigo* O Self-Gov. e a Escola *as provas que me enviou continham bem: «ócio ignavo», e que depois de eu as recambiar emendaram para «ignaro»; — mas não posso afiançar* [70]. *No caso de ser verdadeira a minha suposição, peço ao revisor que nunca emende sem primeiro verificar no dicionário se a palavra realmente existe e bate certo na minha frase. Se lhe tira tempo o responder às minhas perguntas sobre as traduções, faça com que o Rego me responda directamente. Descentralize quanto puder e permitir a moleza e inércia da nossa gente — por outras palavras, poupe quanto puder a sua pessoa.*

A. S.

24

Meu caro Álvaro Pinto:

Antes de tudo, peço-lhe que me diga se voltou mais famoso da sua fuga para as montanhas.

Estou completamente cheio de trabalho todo o dia, e não lhe posso dar uma pausa, porque se trata de uma grande obra em 20 volumes que se está compondo com um corpo especial de tipógrafos, à razão de 30 páginas grandes a duas colunas e tipo miudo, por dia. Minha mulher teria a melhor vontade, mas acredite que por agora também não pode. Tem a casa, estudos, e uma pequena acção social que lhe toma tempo [71].

Para a Biblioteca de educação *arranjo a colecção dos meus artigos sobre self-government; o próximo futuro é o último da série* [72]. *Diga-me se os*

---

69 Edouard Claparède, pedagogo suiço de prestígio mundial com quem António Sérgio manteve relações durante largos anos.

70 Refere-se a um artigo publicado na *Águia* em Junho de 1914. A carta, certamente remetida de Genebra, deverá ter sido escrita entre Junho e Julho de 1914.

71 É possível que se trate de uma obra em inglês mencionada numa carta a Manoel da Silva Gayo (vd. op. cit., págs. 350-351).

72 Essa colecção era constituida pelos seguintes artigos, todos eles publicados na *Águia,* secção «Notas e Comentários»: *O Self-government e a Escola,* n.º 30, Junho, 1914; *O Self-Government na Escola. II Organização dos Municípios Escolares,* n.º 32, Agosto, 1914; *O Self-government na Escola. III. A Justiça e a Disciplina. Os resultados,* n.º 33, Setembro, 1914; *O Self-Government na Escola. IV. Combinação do Self-Government e do Self-Support. A Junior Republic,* n.º 34, Outubro, 1914, o qual termina com a seguinte anotação: «Este artigo foi escrito em Lisboa, tendo nós deixado na Suiça os nossos

volumes poderiam ser iguais aos da Biblioteca popular e infantil, *com outra cor de capa (cinzenta, por exemplo); se devo procurar tratar já desse assunto, preparando e corrigindo os artigos.*

O Cortesão, escrevendo sobre a guerra na Vida, *perdeu uma boa ocasião de mostrar ao indígena que os povos em luta defendem* interesses *vitais e fundamentalíssimos; que nenhum deles está ali por causa de abstracções (Direito, Raça Latina, etc.) nem por desporto; que se a Itália ainda se não meteu na luta, apesar de ter com ela bem positivas coisas a ganhar, é porque, com muito senso e boa política, está vendo se as pode obter com o menor sacrifício possível* [73]. *Assim procedem os políticos verdadeiramente patriotas, que não sacrificam um povo à sua própria idiotice, aos interesses do seu partido, ou à ganância de fornecedores, à fome de promoções, etc., etc., etc. Esclarecer o nosso pobre Zé povinho, defender o seu pão e o seu sangue, é o dever dos que pegam numa pena; e não esguichar abstracções sobre a Raça Latina, coisa que não existe. Defendamos o povo contra o Estado, os políticos, os traficantes e palradores de toda a espécie. Concorda com isto? Fale-me franco e fraternalmente, como eu lhe falo.*

Muito amigo e admirador

A. SÉRGIO

25

Lisboa, 8 de Outubro 1914

Meu Caro Álvaro Pinto:

Estou admirado do seu silêncio. Nada me respondeu ao que lhe sugeri acerca do volume da Biblioteca de educação *que, sob o título de* Educação Cívica, *me proponho constituir com os meus artigos sobre o self-government, convenientemente corrigidos* [74].

Tenho escritos dois artigos: um que é o último da série do self-government, *e outro sobre a guerra, resposta ao correspondente do Barbirruivo ao qual ele respondia na última* Vida. *Este último, escrito sob forma humorística (mas não ofende) vai assinado por* o internado n.º 29 *e não leva portanto o meu nome* [75]. *Posto isto, diga-me o que é melhor:*

1.º Suspender o self-government *e dar o artigo sobre a guerra nas próximas* Notas e Comentários; *ou*

2.º Publicar os dois na próxima Águia, *sendo o self-gov. nas* Notas e Comentários *e o outro na secção* Ciência e Crítica Social.

---

documentos relativos à Junior Republic»; *O Self-Government e a Escola. V. Combinação do self-government e do self-support. Razões que a recomendam para a escola portuguesa,* n.º 35, Novembro de 1914.

[73] O artigo de Cortesão saiu na *Vida Portuguesa,* n.º 29, Setembro, 1914. A carta deverá ter sido escrita, pois, entre Setembro e Outubro daquele ano.

[74] Ver a carta n.º 24.

[75] O artigo de Sérgio tem o seguinte título: «Em que se relata uma conversa com um doido, e os trabalhos que de aí se seguiram para o inditoso autor destas linhas», concluindo com a frase «e é agora o internado n.º 29», após o que acabou por ficar o nome de António Sérgio. Saiu na *Vida Portuguesa,* n.º 30, Outubro de 1917.

Slhi

O facto de não ir assinado o artigo sobre a guerra tem, entre outras vantagens, a de não repetir demasiado o meu nome na revista. E peço-lhe que me responda: um postal conciso com as suas ordens.

Seu muito amigo e ad.or

ANTÓNIO SÉRGIO[76]

26

Meu caro amigo:

Pedi já a três pessoas competentes para me escreverem três volumes para a Biblioteca de Educação, *sobre assuntos que lhes indiquei. Com o volume que tenciono escrever sobre* Educação profissional preparatória [77] *e o que está no prelo sobre* Educação Cívica, *somam 5. Mas para que o meu plano de uma Biblioteca de educação* portuguesa *fique completo, necessito de um complemento, que seria* Biblioteca popular de história económica e social. *Constitui-la-iam uma série de interessantes documentos sobre a nossa história económica e social. Diga-me se aprova, para eu começar desde já a pensar na escolha das obras e na distribuição do trabalho* [78].

Envio-lhe o artigo para a Águia. *Brevemente remeterei qualquer coisa para a* Vida Portuguesa.

Mandei pôr no correio as provas de Educação Cívica *a tempo de lhe chegarem aí no sábado à tarde ou no Domingo de manhã. Admiro-me de que ainda no Domingo as não houvesse recebido* [79].

*Agradeço-lhe a lição sobre correio. Enganaram-me, porque me disseram que sairia mais barato pelo C. de ferro, por não poderem ir como encomenda postal mais de 2 Km. (*sic*) em cada pacote.*

Mt.° grato e ad.or

A. S.

27

Meu caro A. Pinto:

O dizer-me que o Jaime andava procurando introduzir o Método *na Câmara de Lisboa fez-me lembrar do seguinte facto:*

Um dia, quando estava no poder o ministério Pimenta de Castro, encontrei num eléctrico o João de Barros, o qual me disse ser seu desejo recomendar

---

76 Ao alto, o timbre: «Encyclopedia e Diccionario/Internacional/Praça dos Restauradores, 27/Passagem do Annuario/Lisboa».

77 *Educação profissional preparatória* aparecerá em 1916, sob o título de *Educação Profissional na Casa das crianças e na Escola Primária.*

78 Álvaro Pinto apoiou o projecto. A *Biblioteca de Educação* aparece-nos com três secções na sua constituição definitiva: 1.ª Biblioteca de Educação Geral; 2.ª Biblioteca de Educação Técnica; 3.ª Biblioteca de Estudos Económicos e Sociais.

79 A *Educação Cívica,* no prelo pela ocasião em que a carta foi escrita, apareceu em 1915, tendo acabado de imprimir-se, consoante reza o colofon, em 23 de Janeiro desse ano. A carta deverá datar de fins de 1914, no máximo da primeira quinzena de 1915. Se assim for, o artigo remetido para a *Águia* poderá ter sido *A opinião americana perante a guerra,* loc. laud. n.° 37, Janeiro, 1915. Na *Vida Portuguesa,* n.° 33, igualmente em Janeiro, aparece *Uma página de Castilho.*

Slhi

vivamente ao ministro da instrução a Educação Cívica, *mas que o não podia por essa época fazer por causa da incompatibilidade política, ou antes partidária, entre ele e o ministro, com quem andava de candeias às avessas. Juntou a isto muitas amabilidades sobre o livro, dizendo ser nosso dever promover a leitura dele, etc., etc. Creio que seria agora boa ocasião de lhe lembrar o facto, para vantagem da educação portuguesa e da* Renascença, *visto que o ministério actual é de parcialidade concorde com a do Barros. Quereria o meu amigo escrever-lhe neste sentido? Poderia esgotar facìlimamente a edição, desde que o ministro recomendasse o livro às escolas, o mandasse distribuir em prémios, ler e comentar na aula de instrução cívica, nas Escolas Normais, etc.* [80].

Remeti-lhe ontem ou anteontem um artiguinho para a próxima Águia, *se concordar. Gostaria de que me fizesse enviar o que lá tinha, para lhe fazer uns acrescentos. Se isso agora é difícil deixe-o ficar, porque farei os acrescentos nas provas, mais tarde* [81].

grato am.º e ad.or

A. SÉRGIO

R. do Paço, 29
Évora.

28

Meu caro Álvaro Pinto:

Tenho ido nestes últimos dias a Lisboa, ou tido gente a passar comigo o dia no Estoril, o que me impediu de pensar na correspondência atrasada e de lhe responder mais cedo ao seu amável último bilhete. Muito obrigado pela sua indicação a respeito dos Anais da Academia de Estudos Livres. *O Cardoso Gonçalves, que eu não tenho o gosto de conhecer, teve a amabilidade de me enviar a revista. Já lhe agradeci a gentileza, escrevendo-lhe uma carta longa sobre o assunto, à qual ele também já respondeu* [82].

À primeira vez que for a Cascais enviar-lhe-ei um vale-postal de 1 escudo para o meu amigo ter a bondade de me mandar 5 exemplares da Educação Cívica. *A propósito: O João de Barros sempre comprou exemplares para as escolas? Quantos? Temos ainda muitos em depósito? O Jaime conseguiu alguma coisa para o* Método Montessori? [83]

Envio-lhe artigo para a Vida. *Segundo a sua ordem, relembro-lhe enviar-me o artigo* Demitir *para que sofra modificações, ou melhor aditamentos*

---

80 Esta carta data, provàvelmente, do Verão de 1915. Com efeito, na carta n.º 28, que datámos de Julho, Sérgio torna a perguntar se o Jaime (Cortesão) conseguira que o *Método* (obra de Luisa Sérgio: *O Método Montessori*) fosse de facto introduzido na Câmara de Lisboa e refere-se à oferta de João de Barros inquirindo se tinham sido comprados exemplares da *Educação Cívica*. As duas cartas estão, portanto, muito próximas no tempo.

81 Sérgio quererá referir-se aos dois artigos a que também se reporta na carta seguinte.

82 Supomos haver aqui uma alusão ao n.º 1, da série 3.ª, págs. 42-50, 1915, daquela revista, na qual Cardoso Gonçalves recenseou a *Educação Cívica* e *O Navio dos Brinquedos*, de António Sérgio.

83 Ver carta n.º 27.

S]hi

a propósito de factos que se passaram depois de ele escrito. Creio que no n.º 44 da Águia *poderá ir o relativo ao livro do Reis Santos e no n.º 45 o* Demitir [84].

O bicho Coelho escreveu-me, com o endereço: é atirar-lhe agora, que abriu a caça. Sem querer, cumprimos a lei, respeitando-o no tempo defeso. Recebi carta dele com indicação desta nova toca: R. Costa Cabral, 1176, Porto: o estudante coimbrão, ao que parece, passa as férias na Cidade Invicta, favorável aos Coelhos e hostil às rapozas. Quer mais original dele para a Vida Portuguesa? *Os coelhos, como sabe, são fecundos: mas não quero que o meu amigo venha a queixar-se tanto deles como os agricultores australianos* [85].

Os periódicos falam bastante em ensino agrícola. O nosso Manual *virá pois em ocasião oportuna. Cá tenho o original para quando ordenar que lho envie.* [86]

Seu mt.º grato e ad.or

A. SÉRGIO

29

Meu caro A. Pinto:

Há grande trapalhada na sua memória pelo que toca ao assunto do seu bilhete de 5, porque eu não faço a mínima ideia de quem seja o snr. Júlio Eduardo dos Santos. Alguma outra pessoa lhe falou nesse cavalheiro, pessoa que o meu caro hoje identifica com a minha. Também ignoro o que sejam os Estudantes de Lisboa *a que pertence o snr. Santos: fantasio que uma sociedade de estudantes com quem o meu caro esteve relacionado por intermédio de um indivíduo que não sou eu* [87].

Em todo caso, para evitar mal entendidos, talvez conviesse estampar na Águia, *em algum fundo de página que ficasse em branco, uma explicaçãozinha de que os objectivos da* Renascença *não têm alguma feição partidária, e de que portanto as opiniões partidárias que por acaso vislumbrem de qualquer artigo são de exclusiva responsabilidade do autor que as assina. Eu já me vi em dificuldade idêntica quando o meu amigo me encarregou da conferência no Rio, onde a parte mais culta e ouvidora de concertos da nossa colónia era, como sabe, monárquica: comecei por isso por exordiar com uma declaração de*

---

84 No n.º 44 da *Águia*, Agosto, 1915, saiu, de facto, o artigo *Divagações a propósito do livro «Ensaios sobre os factores essenciais do Império Britânico» de F. Reis Santos. O Demitir, Separar... (Relendo alguns livros que vão citados)* surge no n.º 46, de Outubro de 1915.

Supomos poder atribuir a esta carta a data de Julho de 1915. A menção de Eduardo Coelho, feita adiante, robustece esta suposição.

85 O «bicho Coelho» é, como já dissemos, Eduardo Coelho, que começara a colaborar na *Vida Portuguesa*, com o artigo *O direccionismo da cultura na actual geração portuguesa* (n.º 38, Junho, 1915). Esse artigo conclui-se no n.º 39 da revista, que só apareceu em Novembro do mesmo ano.

86 Trata-se do *Manual de Instrução Agrícola*, de Artur Castilho, publicado pela *Renascença Portuguesa* em 1916.

87 Todavia, na *Vida Portuguesa*, n.º 35, Março, 1915, no artigo *Uma grande manifestação de arte portuguesa*, relatava-se um espectáculo organizado pela Federação Académica de Lisboa, a 25 daquele mês, no Teatro de S. Carlos. O estudante Júlio Eduardo dos Santos dirigira os coros e Afonso Lopes Vieira discursara a pedido dos organizadores.

Slhj

apolitiquismo da nossa sociedade — declaração que, sendo de há dois anos, poderíamos invocar agora [88]. *Se esse senhor Santos é homem inteligente e capaz de escrever duas linhas, poder-se-lhe-iam oferecer as colunas da* Vida Portuguesa *para ele dizer de sua justiça em contrário do Proença, deixando a cada leitor o seu juizo final* [89]. *Era assim que eu faria se fosse director da* Vida *ou Álvaro Pinto, quer dizer, alma da* Renascença. *O nosso Proença, tão inteligente, referiu-se a mim nesse artigo da maneira mais ininteligente possível: não consigo fazer compreender por ele a minha atitude perante as questões partidárias. Mas como me delineou vagamente e não chapou o meu nome, e a questão é mais pessoal que doutrinária, entendi que não devia sair à estacada. Recebi ontem carta dele anunciando-me a chegada a Lisboa.*

Já enviei artigo para a Águia, *e pedirei para Lisboa o Século da noite de 1* [90].

Seu muito grato admirador

A. S.

30

Louredo, 15 de Agosto.

Meu caro Álvaro Pinto:

Recebi hoje o seu postal de 13, e o Século *da noite de 1, que mandei vir de Lisboa. Gostei muito de ver o assunto falado e discutido; mais gostaria de saber que se pensava em* fazer *qualquer coisa naquele sentido. O introito deu-me a impressão de que o snr. Cardoso Gonçalves vinha com a preocupação pueril de reivindicar para a sua pessoa a prioridade no conhecimento do método* [91]. *«Conhecia-o por artigos de várias revistas e pelo livro que cito na comunicação que fiz o ano passado»* [92]. *Ora minha mulher conhecia-o já há dois anos, na Suiça, e não apenas de livros e revistas... Ler e palrar é para o portuguesinho valente tão bom como ver e fazer. Cá está o grande erro pedagógico de que também participam os nossos pedagogos. No final, diz o entrevistado:*

— «Como quer que se realize a experiência sem professores? Nas estrangeiras nem devemos pensar, porque isso seria desnacionalizar o educando... A não ser que o governo, tomando a sério o problema educativo, mandasse lá para fora um núcleo de raparigas da Normal».

---

88 Sérgio reporta-se a *O Problema da Cultura e o isolamento dos povos peninsulares.*

89 Trata-se, possivelmente, do artigo *Da ditadura à suspensão dos direitos políticos,* aparecido na *Águia,* n.º 34, de Julho de 1915.

90 A referência a este número do *Século,* como se vê pela carta seguinte, permite-nos propor a data de Agosto de 1915.

91 Sob o título *Um novo método de educação* o *Século* de 1 de Agosto de 1915 (edição da noite) inseria uma entrevista com o sr. Cardoso Gonçalves a propósito do aparecimento do livro *O Método Montessori,* da autoria de Luisa Sérgio.

92 Parece haver aqui um pequeno erro de Cardoso Gonçalves. De facto, a *Revista de Educação Geral e Técnica,* série II, n.º 4, Abril de 1914 (Orgão da Sociedade de Estudos Pedagógicos) trazia o texto de uma comunicação de sua autoria *(O Método de Maria Montessori),* esclarecendo, porém, ter sido efectuada na sessão de 22 de Janeiro de 1913. O livro nela citado era a tradução francesa de *Les Case dei bambini,* editada pela Livraria Fischbacher de Paris.

Slhi

A mim parecem-me bons os dois processos. A admissão de professores estrangeiros não desnacionaliza coisa nenhuma: todos os países os admitem, e hoje esse processo faz parte de todos os programas pedagógicos nos países civilizados, dos quais me há-de dar licença para excluir a nossa pobre pátria. Quanto ao final do final, minha mulher não poderia nem quereria ser professora, mas seria a primeira a ser lembrada num país de juizo, de sentimento da realidade, e onde «se tomasse a sério o problema educativo». As normalistas são em geral puras mercenárias, que tomam o professorado exclusivamente como um modo de vida, sem paixão pelo mister, pouco inteligentes, incomparàvelmente inferiores por isso a quem trabalha desinteressadamente e por impulso espiritual. É outro erro português, a submissão aos diplomas, concursos, burundangas oficiais, em vez de se procurar quem dá provas evidentes de capacidade em trabalho original e espontâneo: the right man in his right place. *Lá fora não há a preocupação do nacional nem da burundanga; vou-lhe citar um facto que não sei se conhece. Na ilha de Cuba, desde que lá entraram os yankees, está-se adiantadíssimo em questões de educação; o ano passado decidiu-se fundar em Havana, com subsídio do governo, uma escola secundária pelos novos processos. Pois o convidado foi... o português António Sérgio, que seria, se quisesse, o fundador e director da escola,* apesar de estrangeiro e de não ter títulos oficiais. *A sua única recomendação era ser conhecido como pedagogo capaz por alguns dos mais ilustres pedagogos da Europa. Onde ainda ninguém se lembrou de pedir os meus serviços foi... em Portugal* [93]. *Pois não acha característico este facto, e digno de ser contado? Se se fundassem mil escolas normais no país, pediriam os serviços do meu merceeiro, mas ninguém pediria os meus. Só por consagração oficial, mendicidade política, reclame e elogio mútuo nos jornais — coisas que eu não faço não só por as achar repugnantes, mas porque um professorado, se é certo que seria para mim um gosto espiritual, materialmente constituiria um encargo e um prejuizo.*

Quem entrevistou o homem? O meu amigo? [94]

Na primeira vez que for à cidade (estou numa quinta distante) falarei ao livreiro da terra nas obras da Renascença.

Seu mt.° grato adm.or

A. S.

Louredo, 15 de Agosto
Endereço: R. do Paço, 29. Évora.

31

Meu caro A. Pinto:

Fui ontem, quinta-feira, à cidade [95]. *O livreiro, que tem uma grande porção de livros em exposição, nas montras da loja e nas das colunas fronteiras (a loja está sob uma arcada, como a do Terreiro do Paço) não ostentava*

---

93 Cremos ter sido Faria de Vasconcelos quem levou por diante um trabalho semelhante.

94 A entrevista era assinada por Alvapenha.

95 Afigura-se-nos que esta carta surge na sequência da que é datada de Louredo, 15 de Agosto de 1915. Sérgio cumprira a promessa de visitar um livreiro na cidade.

Slhi

nenhuma da Renascença [96]. *Perguntei-lhe se as não tinha. Foi lá dentro e trouxe-me uns volumes poeirentos e já antigos do Pascoais. — Porque os não expunha? — Porque eram antigos. — E porque não tinha novos? — Porque lhos não mandavam; mas esperava receber brevemente...*

Eis o que eu perguntei e o que responderam eles. Peço-lhe pois que lhes mande alguns volumes, não esquecendo os da Biblioteca de Educação: *perdõe-me esta paranoia de fazer propaganda dos meus ideais educativos, mas estou convencido de que eles são o verdadeiro remédio das nossas antiquíssimas maleitas. Cada doido com a sua mania: a minha é esta...*

Já resolveu definitivamente (por agora ao menos) a sua questão com os operários? [97]. *Suponho q̄ ela lhe irá transtornar por uns tempos a regularidade de saída da revista.*

Conto regressar na próxima segunda-feira ao Monte Estoril, Chalet do Lago.

Am.º e ad.or grato

A. S.

---

96 Parece óbvio que se trata da actual Livraria Nazareth & Filho, em Évora.

97 Na secção «Conta Corrente» do *Século* da data e edição mencionadas, sob as iniciais O. C. (provàvelmente Oldemiro César, colaborador da *Renascença*), encontramos explicada esta alusão de Sérgio: «Entre a «Renascença Portugueza» e os operários que trabalhavam na sua oficina tipográfica rebentou um conflito, que motiva e explica a carta que sobre o assunto adiante se publica, pondo as coisas nos seus devidos termos. Ninguém ignora quanto a «Renascença» tem sido combatida e quais os esplêndidos serviços por ela prestados à causa da instrução e educação popular. A sua obra, porque ela tem já uma obra realizada, mais do que as minhas palavras explica os fins da «Renascença», fins que ela ainda não julga completamente realizados, sabido que nunca os verdadeiros artistas consideram perfeita a sua obra, e verdadeiros artistas estão dirigindo os trabalhos daquela agremiação, que conta entre os seus membros figuras do prestígio intelectual e moral de Guerra Junqueiro, Leonardo Coimbra, Vila-Moura, Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, etc., etc.

Ora entre a «Renascença Portugueza» e os operários da sua oficina tipográfica rebentou um conflito, ia eu dizendo, conflito que a estas horas deve estar saldado, a avaliar pelas justíssimas razões expostas na supradita carta, que o leitor curioso pode, se quizer, apreciar.

Aquilo resume-se em duas palavras: os tipógrafos queriam oito horas de trabalho e dez de salário. Evidentemente não podia ser. Eles já tinham oito dias de descanso anual com vencimento, metade do salário e assistência médica na doença. Não colhe, pois, o argumento de que em oito horas a soma do trabalho produzido é igual à do realizado em dez horas.

Mas tudo isto nada vale comparado com a atitude assumida pela respectiva Liga das Artes Gráficas perante a questão, que vale muito como sintoma de uma desorientação, ou, melhor, falta de critério, deveras condenável: a Liga pretendia, em sinal de protesto contra o facto da «Renascença» fechar a sua oficina até que o assunto se resolvesse, esta coisa singular — que a Câmara Municipal do Porto retirasse à «Renascença» o parco subsídio com que auxilia a Universidade Popular por aquela mantida!

O facto é sintomático da triste falta de educação do nosso acanhado meio, e, sobretudo, das classes que, por mais oprimidas, desse precioso elemento de defesa mais particularmente necessitam. Raro é, efectivamente, entre nós o operário que lê e estuda, e ainda os que lêem, não sabendo digerir convenientemente as suas leituras, incorrem amiudadas vezes nos mais gravíssimos erros. Este é um deles. Em primeiro lugar, o subsídio em questão pertence à Universidade Popular e não pròpriamente à «Renascença». Em segundo lugar, o expediente é condenável pelo mesquinho espírito de vingança que traduz numa questão meramente pessoal e em que toda a justiça está desta vez da parte do capital, esse invejado capital que é o eterno pomo de discórdia entre operários e patrões.

Slhi

32

Meu caro Álvaro Pinto:

Estou animado a fazer sair no 1.º de Maio a revista de que lhe falei. Diga-me se está de acordo em que seja:

Como a Vida Portuguesa *dobrada ou* [98] *meio, ou seja uma* Águia *em papel ordinário (16 páginas);*

A sair mensalmente ou 1 vez em cada dois meses;

Órgão da Renascença portuguesa sòmente, ou órgão do comité de Lisboa da R. P.

O meu amigo me diria quando poderia fazer entrar em composição; eu mandaria o original na época indicada, e também em época indicada iria ao Porto para ver a paginação e encher convenientemente os espaços em branco.

Espero fazer uma coisa bastante interessante, de actualidade, *com condições para uma larga venda. Sendo baratos tanto o papel da capa como o do texto, por quanto se poderia vender cada número? Eu me encarregaria de activar a venda em Lisboa; mas pediria ao meu amigo que fizesse um pouco de barulho nos jornais de aí. O meu caro não teria trabalho nenhum com a questão dos originais.*

Peço-lhe q̄ me responda o mais completamente possível a esta carta. Envio um exemplar da Educação Cívica [99].

Mt.º grato e ad.º[r] e obd.º

A. SÉRGIO

P. S. Não é uma revista literária, mas de discussão e propaganda social, *sem cor política e de grande unidade de inspiração.* Assumirei eu toda a responsabilidade doutrinária.

33

Meu caro Álvaro Pinto:

Mais uma vez o meu amigo foi admirável de decisão. Envio dois artigos da revista. Os outros seguirão até ao dia 25, porque tenho de esperar por uns trabalhos de que encarreguei os meus ajudantes de redacção. Dada a impor-

---

Falo com tanta maior imparcialidade quanto é certo que se à «Renascença Portugueza» tenho prestado insignificantes serviços da minha profissão de jornalista, maiores os prestei já aos tipógrafos do Porto quando para eles advoguei, em sucessivos artigos arquivados nas colunas do *Mundo*, a necessidade de se criar naquela cidade uma sucursal da Imprensa Nacional de Lisboa, para obviar a crises de trabalho, que tão a miúdo, infelizmente os prejudicam.

Postas as coisas nestes termos claros e precisos, só me resta, como bom tripeiro que me prezo de ser (e vocês sabem como os tripeiros sabem falar claro), deixar aqui expressos os meus votos pela rápida solução do conflito, lamentável sob o duplo aspecto de paralisar o trabalho da admirável agremiação de arte da minha querida terra e de pôr a nú a pequena chaga moral de uma vingança mesquinha, a que, aliás, as criaturas inteligentes que gerem os negócios do município do Porto nunca poderiam dar ouvidos».

98 Lapso de escrita: *ou* em vez de *ao*.

99 *Educação Cívica* foi editada em 1915. Acrescente-se porém, que o programa publicado por António Sérgio, na *Águia*, n.ºˢ 58-59-60, de Outubro-Dezembro de 1916, previa o lançamento de uma revista. A carta datará, provàvelmente de 1915-1916.

Slhj

tância do artigo de fundo que agora envio (A Revolução Construtiva) *desejava ver provas dele, e por isso lhe rogo que o faça compor o mais breve possível. Para os outros (visto que não há com certeza tempo de virem as provas) conto com o seu cuidado.*

O título da revista será A Revolução Construtiva, *mas far-me-ia grande favor se o conservasse secreto até à saída* [100]. *Tentei fazer um projecto de capa, mas parece-me que saiu feio. Desejaria coisa simplicíssima, já nos tipos, já na disposição. Não sei a que título e em que lugar deseja que ponha o seu nome, que eu gostaria de ver também na capa.*

Creio melhor não dizer que a revista será mensal. Bem entendido, farei todo o possível para isso, mas é bom sangrarmo-nos em saúde para qualquer fracasso. As assinaturas podem fazer-se por séries de 12 e de 6 números. Como sabe, há muitas revistas estrangeiras que não têm épocas fixas de saída. É bom botar reclame no dia 1 de Maio; eu em Lisboa farei o que puder por intermédio de um amigo que conhece algumas gentes jornalísticas.

Teremos as seguintes secções, na seguinte ordem: Pela Grei; Questões externas; Questões internas; Economia e Educação; Tribuna livre; Notas de Leitura; Factos e personalidades; Efemérides e Comentários. *É claro que cada número da revista não terá todas estas secções. As* personalidades *são os homens representativos estrangeiros vivos e mortos, e os homens representativos portugueses* mortos. *Não há questões pessoais. Não somos republicanos nem monárquicos, somos* sociais *e não políticos. Quanto à disposição tipográfica, a mesma da* Águia *com as suas secções* Literatura, Ciência, Filosofia e Crítica Social, *etc. Na questão tipográfica, creio que o melhor é copiarmos o mais possível o que se faz na* Águia.

Quando um artigo acabar até ao meio da página, creio bem fazer seguir logo o artigo seguinte; quando terminar ao meio ou a baixo do meio, encher o resto com pensamentos de que lhe mandarei uma porção. Junto com cada artigo irão em geral dois ou três pensamentos, para o meu amigo empregar se forem necessários. Os pensamentos mais importantes irão marcados ao lado com o sinal ⊙.

Amigo e admirador muito
grato às suas gentilezas

ANTÓNIO SÉRGIO

34

Meu caro A. Pinto:

Peço-lhe que suspenda tudo da revista, pois não posso por enquanto contar com os meus colaboradores, nem mesmo comigo tanto quanto julgava, por me terem aumentado os trabalhos inesperadamente. Guarde segredo do título, para o reservarmos para mais tarde, e mande-me o meu original já enviado [101]. *Esperemos melhor ocasião, para evitar um fiasco à* Renascença

---

100 Supomos esta carta relacionada com a antecedente pelo que sugerimos a data de 1915-1916. No entanto, a expressão «revolução construtiva» aparece pela primeira vez no artigo *Golpes de malho em ferro frio — Aos portugueses de 16 anos que não ambicionam ser poetas líricos*, publicado em Agosto de 1913 na *Águia*.

101 Julgamos tratar-se, ainda, de *A Revolução Construtiva*, pelo que nos parece apropriado datar esta carta igualmente de 1915-1916.

SIhi

que até agora tem publicado regularmente a Águia. *Entretanto irei dispondo as coisas para mais tarde poder-se fazer a coisa com probabilidade de nos aguentarmos. Dos colaboradores muitíssimo pouco há a esperar, já vejo, e os meus afazeres não me permitem fazer tudo. Paciência!*

Seu mt.º grato

A. S.

35

Meu caro Álvaro Pinto:

Acabo de receber a sua exposição ao Senado municipal do Porto acerca do caso do subsídio [102]. *O portuguesinho valente tem um espírito exclusivamente bota-abaixista, e o que ele bota abaixo não é a mentira, a charlatanice, a maldade, mas as formas inofensivas ou as coisas verdadeiramente úteis e criadoras. Em Portugal só os Cabreiros podem prosperar sem obstáculos: os Gamas Barros, os Campos Rodrigues ninguém os conhece* [103]. *Se o subsídio fosse para uma sociedade de «livres-pensadores» de Paio Pires, eram capazes de lhe votar um aumento. Vivam os «pensadores»...*

Rogo-lho que não deixe de me mandar provas dos dois novos folhetos da Biblioteca de Educação, *e que apresse o mais possível a composição do* Indústria e Ciência [104]. *O problema da educação técnica está cada vez mais importante. Todos se preparam para a verdadeira guerra — a de* après-guerre, *como os franceses lhe chamam. Estes últimos acabam de fazer passar nas Câmaras a lei Astier sobre a educação técnica, tornando-a obrigatória para todos que quiserem empregar-se no comércio ou na indústria* [105]. *Tenho enviado muitos documentos a este respeito ao Cardoso Gonçalves, que me prometeu falar do caso na próxima sessão da Sociedade de Estudos Pedagógicos* [106]. *Já ganhei nesta Sociedade uma meia dúzia de correligionários que têm batalhado com energia, mas o homem mais influente, o Almeida Lima, resiste quanto pode nos velhos baluartes* [107]. *O Cardoso Gonçalves pediu-me que*

---

102 Ver carta n.º 18. Era o prolongamento da mesma questão.

103 António Maria de Campos Rodrigues foi jornalista e professor. Nascido em Lisboa, a 20-6-1832, faleceu em Setúbal a 8-6-1915. Foi professor e reitor do Liceu Municipal e director da Escola Municipal Secundária.

Quanto à referência aos «Cabreiros», talvez Sérgio quisesse aludir a António Cabreiro, matemático e escritor.

104 *Indústria e Sciência*, de H. Le Chatelier, foi publicado, em tradução de António Sérgio, no ano de 1917.

105 O projecto referente a esta lei vinha de longe, e Pierre Astier, que fora seu relator e dera parecer favorável, retomou-o sob o seu nome em 4 de Março de 1913. O Senado francês aprovou a lei em Junho 1916 (facto que nos autoriza a dar essa data a esta carta). Seguidamente foi aprovada na Assembleia Nacional em 4 de Julho de 1919 e finalmente promulgada em 25 de Julho de 1919. (Vd. Antoine Prost, *L'enseignement en France 1800-1867*, Collection Université, Armand Colin, pág. 312.)

106 Na sessão de 12 de Junho de 1916 da Sociedade de Estudos Pedagógicos, Cardoso Gonçalves informava de que, havia dias, no Senado, em França, fora aprovada a lei Astier, que tornava obrigatórios os cursos profissionais para rapazes e raparigas de menos de 18 anos, empregados no comércio e na indústria e responsabilizava os patrões pela assiduidade desses alunos. (*Revista de Educação Geral e Técnica*, n.ºs 1-2, Outubro, 1916, pág. 110).

107 Cardoso Gonçalves lera na sessão de 5 de Janeiro de 1916, o artigo que lhe fora remetido por Sérgio para os *Anais da Academia de Estudos Livres* (*Carta ao director*

Slhi

escrevesse desde já novo folheto, no género do Educação Geral e Actividade Particular [108]. *Fá-lo-ei mal me veja livre de outras tarefas inadiáveis e enfadonhas, em forma de carta ao homem. Se ele não insistir em publicá-la ele próprio, enviar-lhe-ei para a* Águia. *Por agora vai só a versalhada inclusa* [109]. *Se fôr para Portugal brevemente, espero reatar a minha colaboração na revista.*

Seu mt.º admirador

A. SÉRGIO

36

Meu caro A. Pinto:

Projecto lançar uma revista nas seguintes condições:

Saída irregular, bem como o tamanho, ou antes grossura, dos fascículos;

Assinaturas feitas por tomos de 12 folhas, ou 192 páginas (700 palavras por página);

Papel barato; sem capa; uma coisa materialmente no género da Terre Vaudoise, *que separadamente lhe remeto;*

Sendo x o preço porque se venderá o fascículo de 16 páginas, cada número custará, avulso, x, 2x, 3x, etc., conforme esse número tiver 1, 2, 3 folhas, ou 16, 32, 48 páginas.

Assunto: problemas sociais (económicos, educativos, políticos) de grande interesse, tratados pelos nossos melhores especialistas.

Posto isto:

Encarrega-se a Renascença de ser o meu editor, ou simplesmente o meu tipógrafo?

No primeiro caso, por que preço venderia a Renascença ao público cada folha de 16 páginas? E no segundo, quanto teria eu de lhe pagar por folha, suposta a edição de 1 000, 2 000, 3 000 exemplares?

No caso de a Renascença *tomar à sua conta a edicão, uma comissão de redacção ajudá-la-ia na obtenção de assinaturas, propaganda, etc.*

Peço resposta urgente.

---

da Academia de Estudos Livres, sr. C. Gonçalves, (datado de Genebra, 18 de Dezembro de 1915). Este artigo suscitou reparos a Almeida Lima, presidente da Sociedade. Sérgio replica com outra carta, publicada na mesma revista e datada de Genebra, de 15 de Janeiro de 1916, à qual, por seu turno, Almeida Lima replicou. A resposta de Sérgio fora anunciada na sessão de 2 de Fevereiro de 1916.

A Sociedade de Estudos Pedagógicos teve a sua fundação decidida em 15 de Janeiro de 1910, sendo os promotores da iniciativa os seguintes intelectuais: José de Magalhães, Almeida Lima, Inocêncio Camacho, Germano Rocha, Sá Oliveira, Câmara Reys, Luís Schwalbach, Cyrillo Soares, Reis Santos, Costa Sacadura, Adolfo Sena, Soares Parente, Perestrello de Vasconcelos, Costa Ferreira, Luis Cardim e Fidelino de Figueiredo (Vd. *Revista de Educação Geral e Tecnica*, (Boletim da S. E. P., vol. I, n.º 1, Jan. 1911). Cardoso Gonçalves nasceu em 1864 e faleceu em 1947. Aposentado da Junta do Crédito Público, foi secretário da Sociedade, tendo pertencido à Academia de Estudos Livres e à Universidade Popular.

Almeida Lima (n. 15-11-1859 e m. 23-12-1930), foi lente de Física e Ministro do Fomento, tendo preenchido os cargos de presidente da Sociedade de Estudos Pedagógicos e da Academia das Ciências de Lisboa.

108 Este folheto desaparece das bibliografias de António Sérgio.

109 São, provàvelmente, os *Versos* que aparecem na *Águia*, n.ºs 56-57, de Agosto-Setembro de 1916.

Slhi

Vejo-me obrigado a largar o Monte Estoril, porque os trabalhos me chamam a Lisboa. Moro neste momento na rua de S. Domingos à Lapa, 81-1.º Depois, não sei ainda. Estive ontem com o Jaime e Casimiro. A peça vai na próxima semana, com o Ferreira da Silva a substituir o Brasão, substituição em que se não perde, ao que parece, no ponto de vista da arte [110].

Era favor remeter-me (ou trazer-me, quando vier) o meu artigo sobre o Teófilo, o qual anda agora a receber uma merecida esfregadela do Ricardo Jorge [111].

O Arroyo pede-me para lhe dizer que tem andado doente (a questão da aorta) impossibilitado de escrever: por isso não cumpriu ainda não sei que promessa que lhe fez [112].

E o Indústria e Ciência? [113]

Seu m.º amigo e ad.or

A. SÉRGIO

Quarta-feira
R. de S. Domingos à Lapa, 81-1.º.

37

Meu caro Álvaro Pinto:

Fiz anteontem, a convite da Federação Académica, uma conferência. Uma parte dessa conferência (pouco menos de um terço dela) é reproduzida no próximo número do Agros [114]. *A publicação dessa conferência na* Biblioteca de Educação *ficar-nos-ia barata se aproveitássemos para o* Agros a *composição da parte que aí tem de ser reproduzida. Posto isto, proponho o seguinte:*

Publicar imediatamente *a conferência, no tipo e no formato do* Agros, *e guardar a composição que há-de ser reproduzida na revista.*

---

110 Sérgio reporta-se, nesta passagem, à peça *O Infante de Sagres* de Cortesão, cujos papéis foram distribuídos pelos seguintes actores: Ferreira da Silva (D. Henrique); Ângela Pinto (D. Beatriz); Augusto Rosa (Mestre Guedelha); Chaby Pinheiro (João Fernando) e Teodoro Santos (Frei Gaspar).

111 A polémica Ricardo Jorge-Teófilo Braga permite-nos, justamente, indicar as datas limites desta carta. Com efeito, a «esfregadela» de Ricardo Jorge a Teófilo *(Contra um plágio do prof. Teófilo Braga)*, desenrolou-se, pelo lado do médico portuense, no diário *A Capital*, na seguinte série de artigos: 24-11-1916; 30-11-1916; 2-12-1916; 4-12-1916; 15-12-1916; 8-12-1916. A carta foi, pois, escrita entre Novembro e Dezembro de 1916.

112 Trata-se, segundo parece, de António Arroyo.

113 *Industria e Sciência*, de Henri Le Chatelier, saiu em 1917 na *Biblioteca de Educação* da *Renascença Portuguesa*, como já dissemos.

114 A conferência foi preferida a 3 de Janeiro de 1917, como se infere da nota que antecede o artigo publicado por Sérgio no *Agros*, n.os 2-3, de Março de 1917, sob o título de *Os métodos do regionalismo*. A carta é, portanto, de 5 de Janeiro daquele ano.

A parte da conferência a que Sérgio alude veio publicada, sem esclarecimentos, no n.º 1 do *Agros* (Janeiro de 1917), com o título de *Carta ao director do Agros sobre a função social dos estudantes*, título que difere do anunciado na capa da revista: *Carta ao director do «Agros» sobre a educação que nos falece*. Saliente-se, a propósito, que o artigo *Os métodos do regionalismo* provocou uma resposta de Pequito Rebelo, na *Monarquia*, ao qual o autor dos *Ensaios* deu réplica no *Agros*, n.º 4, Abril, 1917: *Ainda sobre os métodos do regionalismo*.

SIhi

Peço-lhe que, se está de acordo com esta ideia, me avise na volta do correio, para eu lhe remeter sem demora o original.

E a Águia? *Para breve? Estou ansioso de ver este número. Se sair obra fina, botarei no* Agros, *anònimamente, uma pequena notícia-reclame. Mas há-de ser obra fina: os meus reclames, como os meus ataques, são sempre motivados em razões* objectivas.[115] *Amigos, amigos,... crítica literária e social à parte.*

E o bandido do Proença, trabalha ou não trabalha? Chegue-lhe discursos como o último que ele me leu.

Ouvi dizer que o Barbirruivo pensava em abandonar «a grande porca» da Política, como lhe chamava o Bordalo. Se assim é, ferre-lhe um abraço por minha intenção, mas não lhe diga de onde vem, cá por coisas. Abrace o Poeta, e dê ao Político um pontapé definitivo e mortal.

Seu

A. S.

Segunda-feira 5
S/c Praça de José Fontana 11B

38

Meu caro amigo:

Mandaram-me ontem para o correio um postal para si que não estava concluído. Remeto a conferência. É pena que se haja de gastar tempo a recorrer para a revista. Parece-lhe inaceitável a ideia de ter dois formatos para a Biblioteca? [116] *O q̄ eu desejo é o melhor bem para a tipografia. Quanto ao J., fiz o possível para provocar uma discussão com ele sobre política, a fim de tentar convencê-lo a largar más companhias. Quanto a mim, o político, nele, está traindo indecentemente o poeta.* [117] *O dizer-lhe a verdade é para mim mais importante negócio do q̄ o facto de lhe agradar ou desagradar.*

Seu

A. S.

39

Meu caro Álvaro Pinto:[118]

Caímos doentes ao mesmo tempo eu, minha mulher e a criada: isto obrigou-nos a irmos residir para outra parte até arribarmos: eis a razão porque só hoje me chegaram as provas urgentes do Agros. *O Castilho quer separatas da minha carta. Peço que na capa dessas separatas saia assim o título:*

---

115 Sérgio destaca esta palavra com um triplo sublinhado.

116 Bilhete-postal que, parecendo referir-se igualmente aos preparativos de publicação da conferência sobre a função social dos estudantes, deverá datar de Janeiro de 1917.

117 *J.* será, segundo se nos afigura, Jaime Cortesão.

118 Carta que, pelos motivos já alegados, datamos igualmente dos começos de 1917.

S|hi

Sobre a função social dos Estudantes

Carta ao director do «Agros»
por António Sérgio
(Separata do n.º 1 do «Agros»)

O Bensaude quer também separatas do seu artigo, que pagará. *Quando lhe remeter provas (rua de S. Caetano, 6) faça o favor de lhe pedir indicações sobre o caso* [119]. *Remeto parte de uma carta que já lhe tinha escrito, e de que a outra parte ficou sem efeito depois da chegada das provas do artigo da* Agros [120].

Seu

A. S.

40

Meu caro Álvaro Pinto:

Tanto me tenho visto assoberbado de trabalhos (não trabalhos de pena, mas de acção) que só hoje, domingo, arranjo uns minutos para responder aos seus bilhetes.

Recebi os Progmas [121]. *Muito obrigado.*

Quanto à colaboração: tenho rabiscado ou antes, largamente esboçado um longo artigo sobre Educação e Ciência. *Convém-lhe para a próxima* Águia *ou para mais tarde? Além disto, está em meu poder um artigo do Alfredo Bensaude, director do Instituto Superior Técnico (sobre o ensino técnico e a sua escola) que eu lhe pedi para a minha revista; como esta, porém, vai ainda nas regiões das meras hipóteses, tenho empenho em lho dar para a próxima* Águia. *Posso mandar-lho?* [122]

Quando sairá essa próxima Águia? *Até quando devo mandar para ela o meu artigo, caso ele lhe seja necessário agora?*

Folheto do C. Santos [123]. *Vou ver se comunico hoje com o autor, para lhe arranjar uns exemplares. A tentativa pareceu-me muito útil e interessante, e julguei bom serviço aos estudiosos o animar o autor a prosseguir na sua ideia, empreendendo um trabalho completo sobre o assunto.*

Quanto à Revista do mês. *É meu empenho fazer tudo que o meu amigo quiser, e ajudá-lo, quanto puder, no estupendo e admirável trabalho que lhe*

---

119 Referência a Alfredo Bensaude.

120 Ilegível a fórmula de despedida que se insere na linha seguinte.

121 Trata-se, provàvelmente, da abreviatura da palavra «programas». Serão os de Zoologia, de que Sérgio necessitava para a elaboração do livro didáctico que viria a publicar em 1917?

122 O artigo de Sérgio saiu na *Águia*, n.ºs 61-62-63, Janeiro-Março de 1917, sob o título de *Ciência e Educação*. O de Bensaude intitulava-se *O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da Indústria Nacional* e foi publicado na mesma revista, acompanhado de uma nota de Sérgio em que se esclarecia ter sido destinado a uma publicação que projectava. Seria essa publicação a revista *A Revolução Construtiva*, a que se alude nas cartas 32, 33 e 34? Ou aquela a que alude a carta n.º 36?

123 Será, talvez, uma referência a Constantino José dos Santos, que viria a colaborar na *Pela Grei* (série 1-1.º ano, n.º 2, 1918), de que Sérgio foi director, com um artigo intitulado *Considerações sobre a regulamentação do jogo*.

SIhi

custa a Renascença. *Mas como agora ando muitíssimo preso com um grupo de discipulozinhos (de que sonho fazer o núcleo de uma futura escola* comme il faut), *não tendo tempo para ler jornais, revistas estrangeiras, etc., só poderia fazer uma coisa muito restrita, sòzinho* [124]. *Proponho pois que rumine o plano de encarregar dessa* Revista *três ou quatro renascentistas, ficando eu, por exemplo, com a parte de filosofia social e pedagogia, um segundo com a de política exterior, um terceiro arte e arqueologia (V. Correia?),* [125] *etc. Cada secção seria assinada pelo respectivo autor. Que lhe parece? Bem vê que o título* Revista do mês *obriga a ser completo. Caso se não possa realizar o que lhe proponho, mudar-se-ia o título para* Comentários, *ou coisa semelhante, de modo a permitir-me falar só do que me aprouvesse.*

Isto não é levantar dificuldades, mas desejar que a Águia *aproveite a ocasião da saída do Pascoais para fazer uma pequena reforma no sentido de se apresentar mais completa, mais sistematizada, mais próxima do ideal duma revista* [126]. *Ajudá-lo-ei neste sentido quanto puder. E a nova capa? Poderia vir agora?*

Encontrei ontem um amigo da Renascença, *e soube que os atritos que os outros amigos lhe originam nem sempre derivam dos motivos superiores que são a causa daqueles pela minha pessoa originados, mas às vezes de exigências pessoais e vaidadezinhas de literatos. Estou seguro de que terá notado esta diferença de casualidades, para fazer justiça ao seu*

amigo grato e admirador

A. S.

Domingo
Peço resposta rápida
a esta carta, podendo ser.

41

Meu caro Álvaro Pinto: [127]

Remeto-lhe por este correio um exemplar de um folheto [128] *que publiquei e no qual (última página) há uma referência à sua pessoa, referência amigável, como não podia deixar de ser, mas reprovadora pela publicação do inacre-*

---

124 Era, provàvelmente, o grupo de crianças de que Sérgio se ocupava em casa do sr. Fortunato Abecassis, segundo informação amàvelmente prestada pelo sr. arq.º Raul Lino.

125 Referência óbvia a Virgílio Correia.

126 Pascoais abandonou a direcção literária da *Águia* em Janeiro de 1917. A sua carta de despedida surgiu no volume em que se juntaram os n.os 61-62-63, Janeiro-Março daquele ano. Álvaro Pinto continuou, porém, a ser secretário de redacção e gerente, mantendo António Carneiro a direcção artística. Quanto a José de Magalhães, o seu nome desaparecera desde há muito da revista, onde, segundo nos parece, não colaborou nunca. A carta é, pois, dos fins de 1916, ou dos primeiros meses de 1917.

127 Carta, cujo papel tinha, ao alto, o timbre seguinte:

«Anuário Comercial de Portugal / Propriedade da / Empreza Typographica do Annuario Comercial / Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada / Fundador e Director do Annuario: / Caldeira Pires / Redacção: Praça dos Restauradores, 24 / (Passagem do Annuario) / Telephone: Central 805 — (sinal: seta) Annuario / Lisboa». À margem: «Toda a correspondência e valores, deverá ser dirigida ao Director do Annuario Comercial».

128 O folheto intitula-se *Comentários* e veio a lume em 1917, o que nos permite datar esta carta com segurança. Era num *post-scriptum* que Sérgio abordava o assunto, fazendo-o nos termos seguintes: «No seu último número, a *Águia* caiu na arara (per-

Slhi

ditável artigo de Teófilo à cabeça da última Águia [129]. *O meu caro fez-se escudo do descomunal charlatão, e é por isso inevitável que lá lhe vão parar umas lascazinhas. Com a lealdade e franqueza que sempre uso (mormente com os amigos) não posso deixar de lhe dizer que considero a publicação daquela audaciosíssima borracheira, e naquele lugar, como vilipendiosa para nós todos. Está envolvida neste caso uma questão de honra literária e um interesse muito superior à sua e à minha pessoa: o interesse da Grei, cuja mistificação não pode e não deve continuar; cuja mistificação nós temos a estrita obrigação de não proteger. O meu caro procede segundo a sua consciência; cabe-me a mim proceder segundo a minha. Entendemos diferentemente o nosso dever de sócios de uma sociedade literária, e de cidadãos escritores. Tenho a certeza de que, no meu caso, o Álvaro Pinto não deixaria de fazer o que a consciência lhe ditasse. A minha dita-me o protesto: ele aí está. Para mim, a qualidade de escritor não é um divertimento de «intelectuais», nem um ganha-pão, nem uma satisfação vaidosa do desejo de notoriedade: é uma seriíssima função social, com muito graves responsabilidades: é criminosa a autoridade que protege um crime, o médico que envenena os doentes, o escritor que deixa intrujar o público.* Voilà tout.

Soube (por ele mo haver dito) que foi o Jaime quem escreveu o artigo sobre o livro de Leonardo [130]. *Lamento o caso.*

Como tem passado?

Conto estar instalado desde amanhã na minha nova casa: Praça de José Fontana, 11 B-1.º

Seu mt.º amigo
e grato ad.or

A. SÉRGIO

Domingo

---

doem a combinação ornitológica) de dar honras de fundo a um ultradelirante artigo do Sr. Teófilo onde, entre outras mirabolâncias pandemónicas, se afirma que quem desencadeou a Revolucão Francesa foram... os jesuítas, e (cinco linhas abaixo) que essa revolução foi a «aspiração das liberdades políticas», — donde se conclui que, segundo o Mestre, devemos venerar nos jesuítas os autênticos apóstolos da liberdade política. Propondo por isso que, assim como por influxo de S. Exa. se transformou o 25 de Dezembrro em *festa da família,* se transforme o 14 de Julho em *festa dos jesuitas:*

Allons, jésuites de la Compagnie,
le jour de votre glorie [sic] *est arrivé!*

Piadas magníficas para desopilar; mas, meu caro Alvaro Pinto, se continuamos nesta maré galhofeira damos com a águia em foca, — «animal anfíbio, rei dos peixes e das peixas», segundo diria um orador de barraca que uma ocasião ouvi, e bicho que (lá nisso concordo) por muito humorístico, pandanga e farfalhático, daria símbolo pitoresco e adequado a certas pepineiras inexcedíveis da sociedade portuguesa. E que tal de elogio mútuo, tonitruante e desenfreado? E a crítica, na mesma *Águia,* do livro do Leonardo, onde Pascal é «álgido» e «o palácio frio da razão»? Nem com mil candeias se acharia melhor exemplo de algidez racionalista! Que dirá você à crítica, ó Leonardo? Eu, de mim, digo o seguinte: continui-se a atirar ao indigena que os jesuítas fizeram a Revolução, que Pascal é um álgido racionalista, e muitas outras bombas de igual calibre: mas não será com cumplicidade minha que a nossa geração há-de de sofrer, resignado, o bombardeamento *Kolossal* de que foi vítima a precedente.»

[129] O artigo de Teófilo intitula-se *A Eleição do Papa Negro,* e saiu na *Águia,* n.os 58-59-60, de Outubro-Novembro-Dezembro de 1916.

[130] Referência à recensão de *A Alegria, a Dor e a Graça,* de Leonardo Coimbra, assinada com as iniciais J. M. P.

42

Meu querido amigo:

Quis responder-lhe, mal cheguei a casa e recebi a sua carta, sobretudo para lhe mandar um abraço de meter os tampos dentro. Mas como de aí a uns instantes teria de falar ao Barbirruivo, esperei para depois da entrevista, porque talvez depois tivesse alguma coisa a comunicar-lhe. Mas cheguei a casa tarde, deitei-me, e logo se meteram trinta coisas a reter-me a atenção. Aproveito ser hoje Domingo para pôr em dia parte da correspondência atrasada.

O meu amigo, de certo ponto de vista, tem razão; eu tenho também, de um ponto mais distante, numa ideia mais geral. Era indispensável dar ao artigo do Teófilo as honras de fundo? [131] *Não sei; mas sei que a nova geração não deve apresentar-se em atitude aprovativa diante daquele bicho, «metade minhoca e metade víbora», como disse o Camilo. O meu amigo talvez não pudesse fazer diferentemente do que fez, mas eu devia fazer o que fiz, uma vez que conciliasse o meu protesto com as maneiras afectuosas que a si lhe devo.*

Não refutarei o Teófilo, porque aquilo não se refuta. Àquilo só se responde pela chuchadeira. Diga-me, se é capaz, como poderia eu refutar a tese de que foram os jesuítas que fizeram a Revolução francesa, Napoleão Bonaparte, e a guerra actual? Se eu tentasse refutar aquilo a sério seria ridiculíssimo, como alguém que tentasse demonstrar, por exemplo, que não foi o Bernardino Machado que fez os poemas homéricos, as pirâmides do Egipto, e as leis de Manú.

Quanto ao elogio mútuo, entendamo-nos: há um meio termo entre dar a crítica a fazer aos inimigos e dá-la a fazer a amigos que vêm por o Leonardo acima do Pascal [132]. *Já na* Águia *escrevi um artigo sobre o livro do Reis Santos de quem sou amigo* [133]; *não pus o autor acima do Herculano, de Mommsen, de Macaulay ou de Guizot; apontei-lhe mesmo um defeito grave, o da análise incompleta e salterária. E repare que esse artigo não era de crítica; eram divagações a propósito do livro. O Jaime, quando escreveu sobre a minha* Educação Cívica, *disse que não sei que senão era o meu defeito mais grave, «e não o único»* [134]. *Achei muito bem. Pena tive eu de que ele não apontasse todos. É claro que me não fez transtorno nenhum pessoal aquele sistema, e pouco se me daria que por exemplo o* Diário de Notícias *pusesse o Leonardo acima de todos os filósofos havidos e por haver; mas a* Águia *não deve proceder assim, porque nos apresenta como uma rídicula clientela de literatelhos de elogio mútuo, como têm julgado muitas criaturas que não têm contra nós nenhuma má vontade. Entendo que todos que pertencem à* Renascença *devem trabalhar porque ela se apresente séria, digna, consciente dos seus deveres. Estou certo de que há-de chegar um dia em que todos os meus amigos me hão-de dar razão.*

---

131 Ver carta anterior, de que esta é um prolongamento, motivo porque a datamos de 1917.

132 Nova referência à recensão de *A Alegria, a Dor e a Graça*. Neste ponto a carta inclui um sinal remetendo-nos para o pé da página, onde Sérgio formulava a seguinte pergunta: «Há necessidade de chamar ao Pascoais *prodigioso?*» Quanto a Pascoais foi José Teixeira Rego que lhe fez esse elogio, na recensão ao livro *A Beira num relâmpago*, publicado na *Águia* n.os 58-59-60 de Outubro-Novembro e Dezembro de 1916.

133 O artigo de Sérgio intitula-se *Divagações a propósito do Livro «Ensaios sobre os factores essenciais do império britânico» de F. Reis Santos*, e saiu na *Águia*, n.º 44, Agosto, 1915.

134 Cortesão criticou a citada obra de Sérgio na *Águia*, n.º 41, Maio, 1915.

SIhi

Já propus ao Jaime, ao Leonardo, ao Casimiro e ao Proença que déssemos à secção bibliográfica um carácter mais de notícia descritiva e análise do que de apreciação. Eles parece-me que acharam bem. Que pensa deste alvitre? Se se adoptasse este processo, o resumo do livro poderia até ser fornecido, quando não houvesse outro, pelo próprio autor.

Adeus, meu caro. Espero que estas divergências, lealmente declaradas pela minha pessoa, concorram para tornar mais consciente a nossa amizade. Resta-me a consolação de que é em público que lhe faço todas as críticas necessárias. Oxalá todos os nossos amigos pudessem dizer o mesmo!

Seu

A. S.

43

Aconselha-me a que nos harmonizemos por Lisboa [135]. *Eu não estou desarmonizado com pessoa alguma da* Renascença. *Convidei o Leonardo, Jaime, Casimiro e Proença a virem passar a minha casa certa noite. Esperei-os em vão; todos faltaram, e nenhum me deu a menor explicação. Estariam eles desarmonizados comigo? Ignoro-o; ignoro também que razões poderiam ter para isso. Aliás, não lhes levo a mal aquela falta de etiqueta, porque suponho que ela foi inconsciente, ou porque se julgam, como artistas, dispensados das praxes mais banais. Limitar-me-ei a nunca mais os convidar para minha casa.*

Preferi dar-lhe, para a primeira Águia *sob a sua direcção não só real mas também nominal, um artigo de mais substância; gostaria de que este primeiro número fizesse prever uma orientação mais grave. Creio que é o meu amigo o novo director, não é verdade?* [136]

Rogo-lhe que me envie um exemplar da Educação Cívica *e um das* Cartas [137].

Espero as suas ordens sobre a colaboração futura na Águia.

Seu muito grato amigo e adm.

A. S.

6-Fev.-17

44

Meu caro Álvaro Pinto:

Têm-me pedido alguns papás e mamãs que lhes inculque livros para crianças em português. Difícil coisa, porque, como sabe, a nossa literatura infantil prestável é ultra-resumida. Lembrei-me pois de fazer uma série de Contos para Crianças tirados de escritores portugueses, *adaptação de temas da literatura nacional. Não sei ainda se ela poderá dar um número suficiente,*

---

135 Falta a primeira parte desta carta.
136 Ver carta n.º 40.
137 Trata-se, òbviamente, das *Cartas sobre a Educação Profissional.*

SIhi

de temas infantilizáveis, *porque ainda não analisei os nossos escritores sob esse ponto de vista. No entanto, rabisquei ontem uma* Abóbada, *adaptação de Herculano, que hoje li a um auditório infantil com magnífico êxito* [138]. *Pergunto:*

Acha que a Renascença *deve editar a colecção?*

Devem dar-se os contos seprados, ou reunir vários no mesmo volume? (o primeiro caso talvez rendesse econòmicamente mais).

Como ilustrá-los? Quem deve encarregar-se da ilustração?

Para a Abóbada *era fácil este último problema. Bastaria dar uma vista geral do convento da Batalha; a casa do capítulo; o túmulo do fundador; o retrato deste, segundo a estátua tumular. Mas dever-se-ia fazer a traço, ou fotogravura de fotografias directas?*

Que tal lhe parece a ideia? Quanto a mim, tem a vantagem de ir familiarizando as crianças com certos nomes e assuntos da nossa literatura. Seria bom ajuntar a cada volume uma nota, em estilo infantil, sobre o autor do tema e sua obra, talvez com um retrato? Conserve segredo sobre a ideia, até à aparição do 1.º vol. Se acha que podemos imprimir este imediatamente, diga-me se devo mandar o original na volta do correio. A Abóbada *não tem mais de 2000 palavras (a do Herculano tem 17 000).*

Seu mt.º amigo
e admirador

A. S.

21-Maio-17.

45

Meu caro A. Pinto:

Recebi a sua resposta sobre os contos para crianças. Perfeitamente de acordo. Esperemos pois.

Submeto-lhe agora outro projecto:

Umas Noções elementares de zoologia, *feitas segundo um plano revolucionário, para a* Biblioteca de educação [139]. *Poderíamos fazer primeiro uma tentativa, com um volumezinho de umas 80 páginas fortemente ilustradas versando os* Mamíferos. *Se víssemos que valia a pena continuar, faríamos depois sair as* Aves, *os* Peixes, *etc.*

Se o meu amigo aprovasse, começaria já a escrever o volume, e no próximo mês eu iria ao Porto e trataria consigo a composição, ilustração e impressão.

Há-de admirar-se de ver a minha pessoa a querer fazer livros de zoologia. Eu me explico: quero dar um exemplo do bom método de ensinar *essa ciência, fazer portanto trabalho de* pedagogo *e não de zoólogo. Os factos não hão-de*

---

138 Ver carta n.º 40.

139 O assunto dos *contos para crianças* é objecto da carta anterior, de Maio de 1917. Por outro lado, as *Noções Elementares de Zoologia* acabaram de imprimir-se em Agosto de 1917. A data desta carta deverá situar-se próximo de Maio daquele ano.

SIhi

passar portanto de uma simples compilação do que dizem os bons autores; o quindim será a maneira de os apresentar. O título será portanto Noções elementares de zoologia coordenados *por Fulano.*

Que lhe parece?

Seu

A. S.

Praça de José Fontana, 11B
Domingo

46

Meu caro:

Essa de se ter perdido a minha carta é que é uma dos diabos, porque rasguei o papel onde lançara os apontamentos da minha viagem de circumnavegação pelos alfarrabistas de Lisboa. Julguei-os desnecessários desde o momento que os trasladara para a carta, e abomino guardar papéis, porque às duas por três são Himalaias.

Lembro-me de que a Crónica de D. Manuel *de Damião de Góis se pode obter por uns 15 tostões a 2$50 na edição de 1790, e por 2 a 4$00 na edição de 1749.*

Procurei o Prestage no hotel para onde ele costuma vir [140]. *O gerente disse-me que ele já mandara pedir quarto, mas esperava vaga.*

Ao Lino acho melhor falar pessoalmente. Está em Sintra. Conto vê-lo dentro de uma semana.

Tive que mandar fazer matriz para os WW. *Da última vez que fui a Lisboa ainda não estava pronta. Dei ordem para que apressassem o homem; e que mal ela chegasse, fundissem e lhe remetessem o tipo.*

Estou muito mal impressionado com o Snr. Adelino Mendes, a quem encarregou do trabalho sobre as termas. Anda fazendo na Capital *uma campanha que é de uma infâmia ou de uma inconsciência pavorosas* [141]. *Trata-se de um assassínio de que não sei absolutamente nada, e cuja existência conheci pelos ditos artigos. É possível que os matadores, contra quem ele se levanta, sejam dignos de todos os castigos; mas a maneira de tratar o assunto é que é estupenda. Faz um elogio fantàsticamente pomposo (chamando-lhe santo, nobilíssimo, generosíssimo, belíssimo, etc.) de um homem que ele confessa nunca ter conhecido nem visto; enegrece com côres rocambolescas, atribuindo-lhes intenções pavorosas e indemonstráveis (além de contraditórias) homens que ele igualmente não conhece senão pelo suspeito depoimento dos inimigos; e acaba*

---

140 Edgar Prestage, notável erudito inglês, autor de excelentes trabalhos no campo da cultura portuguesa, alguns deles editados pela *Renascença.*

141 Adelino Mendes publicou em 1917, na *Capital,* uma série de artigos sob o título *Cartas da Beira.* No primeiro referia-se a um próximo julgamento de Machado Santos, com quem se avistou na prisão de Fontelo. Os artigos transitam ràpidamente para uma reportagem de «grande informação», em que as termas de Lafões ganham preponderência até que, em 24 de Setembro surge o primeiro texto da campanha a que Sérgio se refere: «A região de Lafões — A subida para Serrases — Primeiro contacto com uma grande tragédia». Tratava-se do assassínio de uma personalidade muito destacada na região: o dr. Augusto Malafaia. A carta data, pois, de Setembro de 1917.

SIhi

por rugir ameaças contra o juri que há-de julgar o caso se ele não opinar como o Snr. Adelino Mendes deseja. Ainda não houve debates, não se conhecem depoimentos de testemunhas, etc. Diz ele que há influências políticas no assunto. Bem: chame-se a atenção do público para a existência desse factor. Mas decidir qual há-de ser a sentença antes de conhecer o assunto, *ignorando os precedentes, não ouvindo as testemunhas nem a defesa, e ameaçar o juri de assassínio, por mão de um dos partidos, se ele não sentenciar como quer o snr. Adelino Mendes, — é de uma impudência ou de um estouvamento infinitos. O mundo, diz muito bem, anda divertidíssimo: tristìssimamente divertidíssimo.*

Seu

A. S.

30 de Setembro.

P. S. Recebi 10 exemplares da Zoologia. *Muito obrigado. Rogo-lhe que me remeta (não é de muita pressa) os dois livros q̄ mandei para se tirarem gravuras.*

47

Don Álvaro:

Remeti-lhe já o original do artigo: Estimei saber que os Trabalhos de Jesus *vão marchando.*

O Viana da Motta tem quase pronta e classificada a colecção de Pensamentos de Camões [142]. *Fica coisa muito interessante, talvez para uma centena de páginas pequenas. Lembrei-me de que, dada a natureza do trabalho, ele ficaria bem no formato dos* Contos de Shakespeare; *não sei se poderia fazer parte da* Biblioteca Internacional. *Segundo a lógica, parece que Portugal deve poder entrar no número, o que só seria absurdo se a colecção se chamasse Biblioteca* estrangeira. *O que conviria era poder compor* tudo *antes de imprimir qualquer folha, para reverificar em provas a classificação dos* Pensamentos.

Ando agora muito atarefado com a instalação material e moral da minha escola, que deve começar no dia 5. Mobiliário, preparação de lições, de material, etc., leva um tempo dos diabos. Mal as coisas se normalizem procurarei ir ao Vaz, Malhôa, etc., para obter fotografias de quadros para a Águia.

Rogo-lhe que me remeta os livros que foram para tirar gravuras para a Zoologia, *e mais alguns exemplares desta. No Liceu Pedro Nunes, um professor vai fazer lições por ela. Creio que ao pé desse liceu existe um destes alfarrabistas ou papeleiros-livreiros que costumam estabelecer-se perto das escolas.*

---

142 Os *Pensamentos de Camões* só saíram a público em 1919.

Recebeu o Gois? O Joaquim de Vasconcelos, à falta de estudo crítico, etc., quererá ao menos olhar pela edição? Em todo caso, parece-me que se não deve começar o trabalho sem consultar os escritos do homem sobre Damião de Góis [143].

Seu

A. S.

24 de Outubro, dia de grande parada de toda a guarnição de Lisboa [144].

48

Meu caro:

Recebi as Zoologias. *Muitíssimo obrigado.*

Preciso de uma colecção completa das obras da Biblioteca de Educação, *que me foi pedida do estrangeiro. Talvez pudesse obtê-la da Ferreira* [145], *que se entenderia depois consigo. Como quiser; sugiro esta solução com o objectivo de lhe poupar trabalho e despesa à* Renascença.

A minha escola vai magnífica; as crianças pedem mais tempo de aula comigo, e a supressão do recreio [146].

Tenciono falar em breve com o Lino, que regressará daqui a uns dias de Sintra, e com o João Vaz para as fotografias [147].

Seu

A. S.

Sábado

49

Don Álvaro:

Tenho querido escrever-lhe há já alguns dias, para lhe dar parte da minha primeira missão para a Renascença: *o caso Lino. Infelizmente, os trabalhos de instalação da escola têm-me ocupado totalmente, dia e noite; parece mentira, e é verdade. Não calcula, por exemplo, o difícil que é encontrar agora ferramenta para trabalhos manuais: réguas de aço graduadas, compassos de precisão, etc. Era tudo de fabrico germânico: e não me parece que remediaremos este mal com o desabafo de lhes chamar* boches, *com as revoluções da Rússia, e com a Kollossal imprevidência que deu o desastre da Itália* [148].

---

143 A fórmula de despedida que se segue é ilegível.

144 Esta referência permite-nos situar a carta em 24 de Outubro de 1917. A «grande parada de toda a guarnição de Lisboa» destinava-se a receber o presidente Bernardino Machado, que regressava de uma visita às tropas portuguesas em França. A chegada a Lisboa só se verificaria, porém, a 25 de Outubro daquele ano.

145 Referia-se à Livraria Ferreira.

146 Este bilhete-postal deverá datar de Novembro de 1917.

147 Fotografias de quadros para reprodução na *Águia*.

148 Repare-se nas menções da revolução bolchevique e do «desastre da Itália», as quais reforçam as nossas deduções sobre a data desta carta.

Slhi

Mas vamos ao caso. O Lino já há bastante tempo havia recebido convite igual do Bordalo Pinheiro, editor dos Livros do Povo, *e já há bastante tempo escreveu a obra e entregou o manuscrito. Não sabe porque ainda não está impressa* [149].

Quanto à Zoologia, *o professor de que lhe falei ia começar agora a ensinar pelo método dela, quando o ministro mandou fechar todas as aulas* [150]. *É claro que o rapaz não poderia inculcar o livro (os livros de ensino são privilégio de quem faz a coisa por mero negócio, de braço dado com a criminosa pedagogia oficial) mas como lhe mostraria os bonecos, sempre alguns alunos provàvelmente o comprariam — o que seria excelente para a propaganda dos bons métodos. Parece-me que se poderia aproveitar a época do Natal para tentar um aumento de venda: era encadernar alguns exemplares com capa de brinde, e passar-lhes uma cinta de papel em que se inculcasse o livro como presente para crianças. Pedir-se-ia depois à Ferreira que pusessem esses exemplares na exposição especial que eles fazem por essa época.*

Encontrei outro dia o João de Barros, que me pediu colaboração para a Atlântida. *Aproveitei a ocasião para lhe dizer que essa colaboração me era um tanto desagradável dadas as várias malfeitorias que se têm praticado na revista. Com espanto meu (ou sem ele) deu-me toda a razão, mas justificou-se com a vontade do editor e suas (do editor) dificuldades financeiras, pois ele, João de Barros não pode obrigar o sócio capitalista a perder mais dinheiro, além dos 5 000$00 que já se lhe vão à garra. Concordou que as coisas do Julio Dantas, e outros que lá têm vindo, são formidandas borracheiras, mas que foi o editor quem lá o meteu, bem como outros cavalheiros jornalistas cuja boa ou má vontade se reflete na venda* [151]. *Perguntando-me se, depois desta conversa, eu colaboraria ou não, respondi-lhe que ia pensar. Sei que os artigos que lá publiquei fizeram algum efeito, e que a revista é lida, constituindo portanto um meio de propaganda. Mas por outro lado... terá o homem sinceros desejos de melhoria? Que lhe parece? Que farei?*

Peço-lhe que faça pôr como epígrafe no meu artigo que lá tem [152]*:*

---

149 O Sr. arquitecto Raul Lino esclareceu-nos que foi de facto convidado a escrever um volumezinho sobre o tema *Arte na Escola* para a citada colecção. O livro chegou a estar em provas mas não foi publicado. Admitimos que esta passagem da carta de Sérgio se refira a esse facto.

150 Os liceus foram encerrados a 15 de Novembro de 1917, na sequência de um movimento grevista, de protesto contra a reforma do ensino liceal, desencadeado a 26 de Outubro. Era ministro o prof. Barbosa de Magalhães, que o comité dos grevistas de Lisboa qualificou de «homem digno do seu nome e do seu cargo», felicitando-se por ter de tratar com uma personalidade desse quilate. Um dos episódios da «greve» foi o processo instaurado a Fidelino de Figueiredo, então professor de liceu, devido a um artigo publicado na *Luta* em apoio do movimento. Esta carta data, portanto, de Novembro de 1917.

151 A última colaboração de António Sérgio na *Atlântida* cifra-se no artigo *A educação cívica, a liberdade e o patriotismo, antigos e modernos, a propósito de Rousseau e de Camões* (n.º 16, 15 de Fevereiro de 1917). Esse artigo conclui no número seguinte (15 de Março de 1917). Nesse mesmo número começava Julio Dantas a publicar *Cartas a uma rapariga loira*, que prosseguem nos n.ºs 18, 20 e 21, respectivamente de 15 de Abril, 15 de Junho e 15 de Julho de 1917.

152 O artigo em questão era o *Aditamento aos «Espectros»*, que sairia na *Águia* em Novembro e Dezembro de 1917 *(Espectros* fora publicado na *Atlântida*, ano I, n.º 11, 15 de Setembro de 1916, datado de Genebra, 22 de Abril do mesmo ano).

Slhi

«...*nom curemos mais destorias antigas que a nosso propósito possamos ᶠazer*».

Fernão Lopes, Cr. de D. Fernando,
1.ª p., c. 191

Remeto-lhe uma notícia que encontrei no Século *sobre a revista do snr. Pina. A intelectualidade lusitana está realmente muito bem representada no estrangeiro: o snr. Pina em França e a embaixada no Brasil. A propósito de embaixada, não sei se conhece uma das últimas aventuras do chefe da dita embaixada, snr. Alexandre Braga* [153]. *Pediu ao Leotte do Rego uma carta ou bilhete de apresentação de um amigo e sua esposa para o comandante do «Espadarte»; e certo dia aparecem no submarino, com a respectiva apresentação, um pândego e uma ....., que deram escândalo. Protesto do comandante do navio; ida do Leotte ao* Espadarte, *a dar explicações ao comandante, dizendo alto e bom som que nunca esperava que houvesse um malandro de um ministro com bojo suficiente para uma partida daquelas. Aí vai S. Ex.ª, a representar no Brasil o País e os seus intelectuais. E os intelectuais e o país, vá de reconhecer o representante. Deus-nosso-senhor nos dê paciência, já que não nos dá outra coisa, mais apropriada a tudo isto!*

Adeus, meu caro D. Álvaro. Disponha do

[154] *e ad.ᵒʳ*

ANTÓNIO SÉRGIO

Quinta-feira.

50

A coisa, meu amigo, pela sua complexidade não é das que se podem tratar carta, e eu estou literalmente afogado em trabalhos. A Renascença *anda suspensa nos ares; falta-lhe o contacto com as necessidades da grande massa dos Portugueses. Precisa de tornar-se uma instituição social, — quero dizer* política — *na* boa, *e* grande, *e* pura *e* nobre *acepção da palavra. É preciso vir ao terreno concreto das necessidades portuguesas do momento actual: o problema financeiro, o económico, o do trabalho, o religioso, o pedagógico, — problemas que precisam de ser tratados, não em abstracto, nos livros estrangeiros sòmente, mas em concreto, investigando o que é que os portugueses, o que é que as diferentes classes do país pedem* [155]. *A* Renascença *é uma sociedade só de poetas* que são só

---

153 O *Século* de 6 de Novembro de 1917 trazia, em 1.ª página, a notícia de que o cenógrafo Augusto Pina editava em Paris uma revista, subsidiada pelo governo português, a qual, devendo fazer propaganda das coisas nacionais, era, todavia, exclusivamente consagrada a assuntos estrangeiros.

Quanto a Alexandre Braga, coubera-lhe a presidência de uma missão intelectual ao Brasil (vd. *Século*, 26 de Outubro de 1917).

154 Ilegível esta parte da fórmula de despedida.

155 A *Águia* n.ᵒˢ 58-59-60. de Novembro-Dezembro de 1916 insere um texto de Sérgio, intitulado *Um Programa*, em que nos dá conta do projecto de um grupo de estudo e reflexão sobre as questões nacionais, com propósitos regeneradores, em que colaborava

Slhi

poetas: *é preciso que, sem deixarem de ser poetas, esses rapazes se ocupem a* sério, metòdicamente *dos problemas sociais e políticos — não para fazer* politiquice *partidária (mil raios a partam!!) mas pelo contrário, para não deixar que os politiqueiros, — intrujões, comilões, e incompetentes — ocupem eles exclusivamente o campo dos problemas vitais em que devem principalmente ter ingerência os homens honestos e sabedores. Querem os nossos amigos poetas, que eu muito admiro mas que andam pelo ar num momento seriíssimo de crise, pôr pé em terra?* That is the question.

Mas, dirá o amigo, quais os meios de pôr pé em terra?

Aí é que a coisa começa a exigir conversas largas. O concreto é sempre muito complexo, e precisa de ser tratado numa comunicação e troca de ideias próxima e constante.

As classes inferiores, aqui em Lisboa, pelo menos, estão desiludidíssimas e agitam-se à toa. É preciso que esse movimento seja ordenado, esclarecido, encaminhado, dirigido. O núcleo da massa *actuante está formado. É preciso formar o núcleo dos intelectuais dirigentes. Eu me encarregarei dos meios de pôr os intelectuais em contacto com a massa. Como porém, se trata de fazer coisa diversa do que se tem feito; como se não trata de dizer lérias a quem pede pão; como é mister acabar com o sistema de retórica de comício e de jornal; como é preciso propor soluções* concretas, minuciosas; *como havemos de lidar com gente que não quer ser intrujada segunda vez e demanda soluções positivas, — os meus amigos pensem cem vezes antes de responder-me.*

Estão dispostos a estudar em comum os problemas prosaicos, se quiserem, mas urgentes se não desejam morrer de fome e de dinamite, ou parar às mãos do inglês, — os problemas financeiros, económicos, do trabalho, da educação, da religião, etc.?

Estão dispostos a integrar a Renascença *num vasto movimento social de verdadeira, positiva, esclarecida, ponderada, estudada e honesta regeneração nacional?* [156]

Francisco Reis Santos. Esse agrupamento — *O Núcleo de Estudos Económicos* — propunha-se editar uma revista, que se tornasse um órgão das suas ideias ou promover uma série de conferências.

O projecto dessa revista mantém-se durante anos, até vir a concretizar-se, em 1918, na *Pela Grei*. O programa traçado por Sérgio nesta carta corresponde perfeitamente ao da publicação, como se vê pelo texto «Do intuito e natureza desta revista». *Pela Grei*, «revista para o ressurgimento nacional, pela formação e intervenção de uma opinião pública consciente», dividia-se em secções cujas rubricas parecem decalcadas, de algum modo, destas palavras de Sérgio.

A carta poderá datar, pois, de 1917-1918.

156 Note-se que a revista *Pela Grei* é um órgão da Liga de Acção Nacional. Sob a epígrafe de «Vida e Trabalhos da Liga», aparece no primeiro número da *Pela Grei* o artigo *A Liga de Acção Nacional; a sua fundação e os seus fins*, no qual se traça o seguinte programa:

«Desde a publicação do programa da *Pela Grei* [que saíra como folha volante antes do aparecimento da revista] as ideias directrizes que nele exprimíamos obtiveram um apoio decisivo na fundação da Liga de Acção Nacional, que, aprovando esse programa, escolheu para seu órgão a nova revista.

«Este facto exige um esclarecimento.

«Os fins da revista são os fins da Liga, mas a revista não terá só por colaboradores os que forem sócios da Liga, e não se responsabiliza pelas opiniões expressas nos artigos publicados, mesmo quando os autores sejam seus sócios, a não ser que escrevam em nome dela; manteremos o nosso plano de publicar opiniões e alvitres de pessoas competentes, desses alvitres, porém, a Liga só tomará os que entender.

Slhi

Estão dispostos a dividir desde já o trabalho, e criar em cada um de nós uma competência num dado assunto de interesse vital?

Estão dispostos a conjugar a Águia *com um jornal em Lisboa em que esses problemas fossem científica e ponderadamente tratados — sendo o jornal o jornal da* Águia, *e a* Águia *a revista do jornal?*

A aventura, meus amigos, é muito séria, e o fiasco *seria aviltante e perigoso. Não se trata, meus amigos, de conspirar, discursar, discutir personalidades, fazer frases, ser romântico, mas sim de tudo quanto há de mais século XX, mais pacato, mais positivo de um lado, de mais eficazmente nobre do outro.*

Querem?

Discutam entre si a coisa, pensem cem vezes e respondam.

Querem?

O que se chama querer?

Para a organização, para a parte material, para o dinheiro, para o jornal, — para tudo isso há gente. Fica a cargo de outros. Da rapaziada exige-se sòmente isto:

1.º Distribuírem entre si o trabalho; um será economista, outro financeiro, outro sociólogo, outro pedagogo, etc. Criar as especialidades que o

---

«Pelo que concerne aos fins da LIGA, ela, inspirando-se na GREI, procurará por seu turno organizar as forças de opinião, tornando-a apta e decidida a fazer-se ouvir e respeitar. Tem-se manifestado ùltimamente no País, de maneira bem visível, o desejo de uma política nacional como nós a preconizamos, de uma tentativa séria de ressurgimento; mas esses desejos nada pesam, a nada levam, se não forem devidamente organizados. A Nação *deseja* uma política nacional, a Nação *pede-a;* mas *desejar* e *pedir* uma política nacional é um absurdo; uma política nacional é preciso que a Nação a *queira*, que a Nação a FAÇA. Releva transformar o *sentimento* público numa Vontade firme e efectiva, capaz de inspirar a qualquer governo a política conveniente; importa enquadrar os indivíduos numa forte organização, apta a iniciar e realizar as reformas indispensáveis; urge convencer as classes superiores da necessidade de trabalharem imediatamente pela prosperidade, pelo bem-estar e pela educação do nosso povo; impõe-se, em resumo, que a Nação se governe a si mesma, que tome a direcção bem real da sua vida e do seu destino.

«Há quem assente as suas esperanças na última convulsão política, sustentando assim uma ilusão antiga. As convulsões dessa ordem oferecem um estimulante, e só isso; nem mais do que isso poderiam fazer. É muito? é pouco? Pode ser muitíssimo, se a Nação o QUISER; mas há-de vir a ser nada se continuarmos nos simples *desejos*, nas esperanças vagas, no messianismo inerte.

«A LIGA, que está já trabalhando activamente, vai fazer distribuir o seguinte prospecto, acompanhado de um boletim de inscrição:

«Os abaixo-assinados dirigem-se a todos os Portugueses, convencidos da necessidade da acção imediata de quantos são capazes de encarar conscientemente a situação actual, para evitar uma catástrofe irremediável da sociedade portuguesa. A vida da comunidade não pode continuar à mercê do acaso e do choque dos interesses cegos de uns, das doutrinas falsas de outros, das paixões estreitíssimas dos sectários de todas as cores, e da inércia absurda (assente numa esperança messiânica ou na descrença absoluta) da maioria. É indispensável criar um movimento de reforma e uma opinião pública sobre os problemas concretos nacionais, opinião que os homens de boa vontade procurem fazer pesar no ânimo dos governantes, nas classes e nos partidos, em todos os elementos enfim que influem na vida da Nação. Não há messias, não há salvadores possíveis: só a Grei se pode salvar a si mesma, regenerando-se, fiscalizando os actos do Estado, impondo-lhe a defesa dos interesses nacionais acima de todos e quaisquer interesses *de grupos* restritos de indivíduos, chamando-o à sua função de coordenador e zelador das actividades criadoras da Nação, e auxiliando-o no cumprimento desse dever. Confiados em que

momento pede. Estudar em abstracto nos livros e sobretudo em concreto na sociedade portuguesa;

2.º Reunirem-se, assentar conclusões, incuti-las no público por meio do jornal.

Nada se faz sem dinheiro. Alguém se encarregará de procurar dinheiro. Mas o necessário, a condição sine qua non, *é que os meus amigos nos não intrujem. Que nos não dêm uma* nega. *Que se não saiam afinal, tão incompetentes para tratar dos negócios como os actuais governantes. Que nos não forneçam muita parra e pouca uva. Que não sejam retóricos. Que sejam* carrément *construtivos e não demolidores.*

E a todos abraça o vosso

ANTÓNIO SÉRGIO

---

todos aqueles a quem nos dirigimos quererão associar-se a nós para este objectivo, submetemos à sua consideração o seguinte extracto dos estatutos da *Liga:*

«FINS. — É constituída com o título de LIGA DE ACÇÃO NACIONAL uma agremiação de cidadãos portugueses e de associações aderentes com o fim de imprimir uma vida nova de trabalho produtivo à sociedade portuguesa promovendo a transformação moral, a refundição de todo o ensino, o fomento económico (incluindo novos processos de colonização) a reorganização financeira, a educação cívica e as reformas sociais, no sentido de uma política nacional que, resolvendo a crise presente, garanta a independência, a prosperidade e o progresso da Nação, e permita realizar o máximo de condições favoráveis à plena e legítima expansão das actividades individuais.

«Esta agremiação não tem carácter político partidário nem religioso confessional; manter-se-á independente do Estado e dos governantes, por ser essa a melhor maneira de bem inspirar o Estado como representante e coordenador, que deve ser, das actividades sociais, e zelador dos interesses colectivos da Nação.

«MEIOS DE ACÇÃO. — Para conseguir os fins indicados, a Liga empregará como meios todos os processos de propaganda e de acção legal que julgue adequados e de oportunidade, tais como: publicações; estudos e discussão de reformas sociais para o progresso orgânico, económico, moral e político da colectividade; conferências; representação junto dos poderes públicos; cooperação com outras associações; congressos; inquéritos; comemorações históricas; etc.»

Os fundadores da Liga recrutavam-se entre os meios intelectuais, e económicos mais diversos, como se vê pela seguinte lista de individualidades; Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa e presidente da Liga; F. Reis Santos, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e secretário geral da Liga; António Sérgio de Sousa, escritor, publicista, secretário geral da Liga e director da revista *Pela Grei;* Adolfo Sena, professor do ensino secundário; Alberto Zagalo Fernandes, estudante do Instituto Superior de Comércio; Albino Rodrigues, governador da Companhia Geral de Crédito Predial Português; António Arroyo, escritor e inspector do ensino elementar industrial e comercial; António de Abreu Graça, professor do ensino primário; António P. da S. e Bourbon, advogado; D. António de Lencastre, médico; António Maria de Oliveira Belo, comerciante; António Maria Pereira, estudante do Instituto Superior de Comércio; Artur Castilho, engenheiro agrónomo e director da revista *Agros;* Augusto Celestino da Costa, professor da Faculdade de Medicina; Augusto Reis Machado, professor do ensino secundário e secretário da *Pela Grei;* Aurélio Quintanilha, estudante da Faculdade de Ciências e director de instrução na Federação Académica de Lisboa; Caetano Maria Beirão da Veiga, professor e subdirector do Instituto Superior de Comércio, professor do Instituto Superior Técnico e actuário; Carlos da Cunha Coutinho, engenheiro agrónomo (Lovaina); Constantino José dos Santos, advogado, Londres; dr. Emilio Infante, agricultor; Jaime de Magalhães Lima, escritor; João César Fontes, estudante da Faculdade de Direito; João Perestrelo, engenheiro; João da Silva, escultor e medalhista; Francisco António Correia, director do Instituto Superior de Comércio e inspector das Alfândegas; Frederico Ferreira Pinto Basto, agricultor; Henrique José Monteiro de Mendonça, proprietário colonial; general Joaquim José Machado, colonial; J. Cardoso Gonçalves, director da Academia de Estudos Livres; José Ernesto Dias da Silva, presidente da Federação do Mutualismo; José Gonçalo de Santa-Rita, professor da Escola Colonial; José

S|hj

51

Meu caro:

Vejo, pelo bonito catálogo que me mandou, que até hoje só cumpriram a sua palavra o Carlos Reis, o João Reis, o Roque Gameiro, o Martinho da Fonseca e o João Vaz. Creio que o Leitão de Barros não deixará de responder à chamda. Os outros, naturalmente, mentirão até ao fim [157].

Já lhe remeti 100 exemplares da revista, nas condições que me diz e que com muito gosto aceito [158]. *Não puderam seguir mais cedo porque estamos há muitos dias em greve de encadernadores, greve que começou exactamente na ocasião em que a revista entrava na fase encadernativa. Como sabe, está-se num regime a que poderemos chamar de greve geral não simultânea, ou greve geral por secções. As classes «dirigentes» estão falindo da maneira mais completa, mostrando-se absolutamente incapazes de dirigir seja o que fôr. Burros e inconscientes todos, uns com um bocadinho de honestidade mais do que os outros; mas todos burros, principalmente se considerarmos que o banditismo é também estupidez. Tenho encontrado nos operários mais inteligência do que nos intelectuais* [159]. *Aqueles, fazendo greves, declaram saber muito bem que a greve não resolve nada; mas alegam que é o único recurso que lhes resta quando ninguém toma medidas de outra espécie. Ora a este argumento não há nada que responder.*

Seu

A. S.

Maria Gonçalves, tipógrafo; José de Oliveira Soares, director do Banco Comercial de Lisboa; Mark Athias, professor da Faculdade de Medicina; Martinho Nobre de Melo, professor da Faculdade de Direito; Perfeito de Carvalho, tipógrafo; Raul Neves Dias, tipógrafo; Raul Proença, escritor e bibliotecário da Biblioteca Nacional; Ricardo Rosa y Alberty, professor do ensino primário; Rui Enes Ulrich, director do Banco de Portugal; Sebastião da Costa Sacadura, inspector geral da Sanidade Escolar; Sebastião José da Costa, oficial da Armada.

Como se vê, o movimento integrava elementos de várias tendências políticas, incluindo pessoas ligadas ao exército, marinha, alta finança, lavoura, indústria, professorado. Sérgio, por essa altura, não esconde as suas simpatias sidonistas, sendo significativo, a esse respeito, o texto publicado na revista por ocasião do assassínio de Sidónio. Parece claro que Sérgio pretendia apoiar-se em camadas liberais da burguesia, com vista à estruturação de um vasto movimento nacional. Esse projecto malogrou-se, e, sob esse asaspecto, são especialmente significativas as palavras que lançou no prefácio à 1.ª edição dos *Ensaios* (págs. 82-83, Edição Sá da Costa, 1971).

157 A *Renascença* organizava exposições de arte, quer nas dependências da sua sede, quer em outros locais.

158 Julgamos tratar-se de *Pela Grei*, pelo que datamos a carta de 1918.

159 Atente-se, a este respeito, na seguinte confissão de Sérgio: «Talvez pudesse o operariado chamar à reforma os «intelectuais»; chegámos a crer na possibilidade da realização de tal fenómeno. Por má sorte, porém, surgindo o maximalismo pela revolução russa e fazendo-se o operariado bolchevique, o retraimento da burguesia tornava-se inevitável e suspicaz; e por nossa parte, nem queríamos servir o proletariado no seu radicalismo prematuro (arrojando à inépcia dos governantes o nosso justíssimo protesto) nem os políticos da burguesia, que podiam armar em «defensores da ordem», depois de usarem na oposição os piores processos dos desordeiros, e fazendo eles próprios a desordem pela sua oligárquica governação» (*Ensaios*, I, edição Sá da Costa, 1971, pág. 83). Quer dizer: se esta carta data, de facto, de 1918, o operariado, mesmo depois da revolução bolchevique, não deixou de merecer admiração a Sérgio e o seu radicalismo não mereceria, afinal, o apodo de «prematuro», segundo se vê nesta carta.

Slhi

52

Meu caro A. Pinto:

A carta que aí recebeu às 11 1/2 do dia 5 foi posta no comboio *às 8 1/2 da manhã do dia 4. Parece-me ser este o processo que dá mais tempo de demora em Lisboa sem prejuízo da rapidez do trabalho; mas para todos os dias sai caro, porque além dos 20 reis de selo suplementar exige 70 reis de bilhete de gare. Em todo o caso, não é despesa que assuste ninguém. Proença poderia rever as provas à noite, se todos cá nos resignássemos a ser matutinos; se ele levasse as provas ao Kellogg de maneira que este as tivesse no hotel às 8 da manhã. Vantagem de o hotel ser pegado à estação dos comboios.*

Acho muito bem tudo que diz sobre a Pela Grei, *e o corpo 10 faiado* [160].

Vou telefonar ao Arroyo pedindo-lhe que escreva ao Luis de Magalhães perguntando sobre a suposta cláusula do testamento do Antero. Se a cláusula existir, acho que devemos publicar já *o 1.º volume* (questões sociais, *prosa, o mais fácil, por não ter complicações com outros editores, e por outros motivos) ainda que tenhamos que espaçar muito a saída do 2.º volume* (questões estéticas, *ou* questões filosóficas) *para arrancar ao Fidelino e Teixeira a prioridade.*

Obras dos filósofos. *Ninguém mais do que eu deseja que os filósofos sejam lidos em Portugal; mas a verdade é que todos os Portugueses que lêem os verdadeiros filósofos sabem francês; de maneira que o êxito de livraria não me parece absolutamente seguro. Talvez a melhor maneira de vulgarizar os filósofos seja ter na Livraria da* Renascença *as atraentes edições da Hachette e do Delagrave. Parece-me infinitamente mais útil editar os autores portugueses, que esses é que não há maneira de os comprar em Paris... nem em Portugal muitos deles. Repare bem: não voto* contra *as traduções dos filósofos; não me atrevo porém a votar* pró.

Mas, dado que se traduzam, creio que se deve ter em vista fazer obras para serem lidas na aula, e por isso as mais clássicas, *e não as preferiadas por este ou aquele cavalheiro. Antes de chegarmos a Berkeley, há uma caterva de autores muito mais clássicos, muito mais decisivos e pedagógicos — por exemplo Descartes, Leibniz, Hume e Kant. E deste último, antes da* Metafísica dos Costumes *devem ler-se e editar-se os* Prolegómenos a toda a metafísica futura. *A colecção, a fazer-se, deveria começar, a meu ver, pelo começo, e portanto pelo* Discurso do método *de Descartes.*

Há outra questão ainda. Os autores filosóficos estão já muito mais traduzidos em português do que o seu correspondente (Joaquim de Carvalho?) imagina; e creio que teria muito mais mérito fazer reedições modernas dessas antigas traduções, que têm valor histórico e foram feitas por nomes consagrados, do que editar traduções de estudantes anónimos da Universidade. Além da questão económica: aos tradutores antigos, dos séculos XVI a XVIII, não há nada que pagar... Por exemplo: o ilustre Jacob de Castro Sarmento foi um dos precursores da ilustre plêiada do século XVIII e introdutor da

---

160 A partir do n.º 4, a *Pela Grei* passou a ser composta e impressa nas oficinas da *Renascença Portuguesa*. Como esse número se acabou de imprimir em 2 de Outubro de 1918, esta carta deverá datar de Setembro daquele ano.

SIhi

filosofia moderna em Portugal; creio muito mais meritório reeditar a sua tradução de Bacon do que lançar as traduções dos estudantes Em resumo:

1.° Creio preferível editarmos os Portugueses, que é impossível *ou* difícil *obter, ao passo que os Descartes, os Berkeleys, os Platões, os Espinosas, os Kants, quem quer os compra por uns vinténs em francês. Dos Portugueses, há a considerar os literatos pròpriamente ditos (Bernardes, D. Francisco Manuel, Vieira, Arrais, etc.) e os autores filosóficos e científicos (Verney, Ribeiro Sanches, António Pereira, Martinho de Mendonça, Antero, etc.);*

2.° A editar traduções, começar por fazer uma lista das traduções já feitas, por nomes consagrados e com valor histórico;

3.° Ainda na mesma hipótese, não escolher ao acaso, segundo les da la gana *aos meninos da Universidade, mas começar pelas obras mais clássicas e mais fundamentais, como o* Discurso do método, *de Descartes, o* Ensaio sobre o entendimento *de Locke, os* Novos Ensaios *e a* Monadologia *de Leibniz, os* Ensaios, *o* Tratado *e o* Inquiry *de Hume, os* Prolegómenos *e a* Crítica da Razão Pura, *de Kant.*

Enquanto lhe escrevia eu esta carta, o Arroyo lia o testamento do Antero, que possue, e onde nada encontrou sobre a edição das obras. Do texto conclue ele que as proprietárias das obras são as filhas do Meyrelles, a quem ficou o remanescente da fortuna. Visto no testamento se não falar em livros, conclue ele que estes estão inclusos no remanescente. Seria isto a opinião dos rábulas?

Seu

A. S.

Sábado.

53

Meu caro A. Pinto:

Peço que a nota final ao artigo do Celestino fique assim: [161]

Nota da direcção. *O nosso distinto colaborador trata aqui sobretudo da pretensa reforma do ensino superior. Desde 27 de Novembro está completa a da instrução secundária: reforma da organização, dos programas, da escola normal superior. Três papéis que são um monumento retumbante e inexcedível de total ignorância em pedagogia e de palavriado absolutamente à toa, como veremos no próximo caderno da* Pela Grei. *O programa é uma floresta tão densa e emaranhada de despautérios que parece entrar nos domínios da alienação mental.*

Se este último período: «O programa é uma floresta...» lhe parecer que pode dar a impressão de estar eu apaixonado na minha crítica, rogo-lhe que o suprima [162].

Seu

A. S.

---

161 Alusão ao artigo de A. Celestino da Costa, *Reformas de instrução*, publicado na *Pela Grei*, n.° 5, número cuja impressão terminou em 14 de Dezembro de 1918. A carta será, pois, de Dezembro desse ano, tanto mais que nele se diz que a reforma da instrução secundária estava pronta desde *27 de Novembro*.

162 A nota aparece na revista com a seguinte redacção: «NOTA DA DIRECÇÃO. — O nosso distinto colaborador trata aqui sobretudo da pretensa reforma do ensino superior. Desde 27 de Novembro ficou completa a da instrução secundária: reforma

54

Meu bom amigo:

Muito obrigado pelo seu bilhete. A coisa do jornal, como empresa lusitana que é, não se me afigura que possa ir avante. Esperemos que dentro de alguns séculos a raça seja mais humana, menos ignorante e menos politiqueira. Portanto, por agora não pense no caso. A coisa poderia tentar-se, mas pelo que vejo não como *deveria ser. Nesse caso antes a quietação e o silêncio. Alegra-me o prometido alargamento de horizontes da* Águia. *Isso mesmo, nada de panelinhas!* [163] *Preciso de escrever ao Pascoais a pedir-lhe umas informações sobre ele que um meu amigo deseja. Para onde dirigir-me?*

Seu amigo e admirador

A. SÉRGIO

55

Meu caro Álvaro Pinto:

Recebida a sua carta. Acabo de escrever para o escritório dizendo que conheço uma pessoa *que quereria comprar a tipografia (nada mais precisei) e que me comunicassem quais as condições em que o meu cunhado projectara a venda, quando cá esteve.*

Muito obrigado por ter mandado fotografar o Antero; os 3 n.os 3 da Pela Grei *não chegaram cá; naturalmente remeteu-os directamente ao meu primo Dr. Constantino* [164].

Remeto original para substituir o primeiro período dos comentários sobre Reformas de instrução *que lá tem. Peço-lhe que corte esse primeiro período, junte o resto ao que aí vai, e faça meter o conjunto no princípio da secção* Comentários [165].

Os professores estão espalhando por toda Lisboa que eu sou o chefe do movimento bolxevista em Portugal (!!!!!!) e que todas as noites tenho

---

da organização, dos programas e da escola normal superior, onde se fazem os mestres para os liceus. Três papéis cujo conjunto é um monumento retumbante e inexcedível de ignorância em pedagogia e de incoordenação, como veremos no próximo caderno da *Pela Grei*.» (De facto, no número seguinte apareceria o artigo intitulado *Breves anotações pedagógicas à última reforma de instrução secundária*, além da nota mencionada na carta n.º 55).

163 Esta carta está possìvelmente relacionada com a carta n.º 50, porquanto aí se alude também à eventualidade de se formar um jornal, ligado de certo modo à *Águia*.

Quanto à referência ao «alargamento de horizontes» da *Águia*, estará ela porventura em ligação com o projecto de incremento das actividades da *Renascença*, objecto de diligências concretas por volta de 1919? (Ver, a esse respeito, Álvaro Pinto, *No 40.º Aniversário da Fundação da «Renascença Portuguesa» — Cartas abertas a Jaime Cortesão, I*, in *Ocidente*, vol. XLII, 1950, pág. 84).

164 A *Renascença* era depositária da *Pela Grei* no Porto e a ela se podiam pedir números atrasados. Provàvelmente o n.º 3 da revista achava-se esgotado em Lisboa.

165 No n.º 6 da *Pela Grei* (que se acabou de imprimir em Março de 1919), aparece uma nota de Sérgio intitulada, *Reformas de instrução*, mas a fechar (e não a abrir) a secção aludida. Esta carta datará, portanto, dos primeiros meses de 1919.

Slhi

reuniões secretas com os soviets (!!!!!!!!!) [166]. *Sinto por tudo isto uma náusea infinita. Não há nada que nos tire as forças como a infinita baixeza do nosso semelhante. Não sei bem que faça* [167].

Seu

A. S.

Sexta-feira.

56

Meu caro A. Pinto:

Recambiei as provas. Peço que recomende a um revisor atenção para a última página, onde ajuntei algumas coisas.

A última Atlântida *traz um artigo muito elogiado do Junqueiro que é a coisa mais pateta, mais tansa, mais caricata, mais gagá e caguinchas que ainda veio a este mundo* [168]. *Aparamos aquilo ou atiramos com a albarda ao ar?*

Disseram-me que o Pascoais veio a Lisboa para tratar de "fazer renascer a Renascença". Foi de um amigo e admirador dele que soube isto. Que quer dizer? Não tinha dado porque a Renascença estava morta. São o diabo!

Seu

A. S.

57

Meu querido amigo:

Se viesse, viria, não desolar-nos, mas acompanhar a nossa desolação [169]. *O seu mal* [170] *chega ao mesmo tempo que o de um outro amigo; passa uma época má sobre nós. Acresce que as coisas exteriores continuam a aborrecer-me profundamente; triste coisa é pertencer a uma sociedade como a nossa; a minha vontade doentia é não sentir sinais da existência da gente portuguesa,*

---

166 Repare-se que, já de novo no Brasil, Sérgio publica na *Águia* (n.os 103-104-105, Julho-Setembro de 1920) o artigo *Manoel Bento de Sousa e a oligarquia pedagógica em Portugal*, com o seguinte nota: «À distintíssima falange de professores portugueses que não pertencem à oligarquia e procuram combater o seu influxo dedica com admiração o autor».

167 Repare-se no estado de espírito revelado por esta carta, plenamente condizente, aliás, com o da carta n.º 57.

168 Guerra Junqueiro publica na *Atlântida* os artigos intitulados *A Alemanha e a Guerra*, n.os 33-34, 1919 e *A Vitória dos Aliados*, n.os 35-36, também de 1919. É possível que Sérgio se referisse ao primeiro, que a *Atlântida* classificava de «admiráveis pensamentos inéditos» e de «inestimável dádiva». Tratar-se-á, em consequência, de uma carta de 1919.

169 É provável que esta carta tenha precedido de perto a vinda de Álvaro Pinto para Lisboa, onde passou a exercer funções administrativas na Biblioteca Nacional de que Jaime Cortesão era director. Se a nossa hipótese é correcta, a data a atribuir-lhe localizar-se-ia nos primeiros meses de 1919, visto que Álvaro Pinto já se encontrava em Lisboa a 2 de Maio desse ano.

170 Refere-se ao falecimento — em circunstâncias bastante dolorosas — de uma irmã de Alvaro Pinto e a quem este muito queria.

SIhi

e não dar à gente sinais da minha existência. Quereria resumir a realidade à família e aos amigos.

Sinto que não é isto que conviria dizer-lhe, — enfim, esperemos que a nuvem se perca ao longe, e nos deixe cair o sol em cheio sobre as cabeças.

Dê-nos novas suas. Gostaria de que o Jaime para aí fosse, para o acompanhar. Já poderá distrair-se trabalhando? Eu agarro-me às coisas do Kellog, procuro absorver-me nelas como uma tábua de salvação; oxalá já o meu amigo possa usar desta medicina [170a].

Como me custaria deixar de lhe satisfazer um pedido, mandei um artigo para a Águia*; mas o que o meu estado de espírito agora me pede é não discursar para o público; se o puder dispensar, dispense-o; se lhe causar transtorno não o pôr, ponha-o; e se absolutamente precisar só de uma ou duas páginas, e lhe convier verso, mandarei verso, — coisa sem relação com o mundo externo!* [171]

Diga-me num bilhete como está, e mande ao inferno estas minhas tolices.

E seu pai?

Se o Jaime aí fosse, penso que não só lhe faria bem pela companhia, como poderia ajudá-lo a arrumar o caso da Renascença *e da sua vinda para Lisboa. Não sei o resultado da sua entrevista com o Villa Moura. E os platónicos amantes da* Renascença, *que lhes dá agora para se alarmarem?*

Adeus, meu amigo. Não lhe prego coisa nenhuma, mas tenho as máximas esperanças a seu respeito; hei-de vê-lo como ambiciono vê-lo.

Seu

A. S.

Sábado

170a Trata-se de um membro da companhia editora norte-americana de que António Sérgio era colaborador fixo.

171 Na *Águia*, n.os 88-90, Abril-Junho de 1919, Sérgio publica *Da necessidade de criar focos independentes para a reforma da cultura por meio do recurso ao estangeiro*, no qual anunciava a suspensão de *Pela Grei* e a sua retirada para fora do país. Na mesma nota declarava: «Este [o director de *Pela Grei*], convencido de que é inútil e impossível teimar em servir a comunidade da maneira por que o tentou até agora, procurará, nos momentos que lhe deixarem livres as suas tarefas profissionais, realizar obra mais solitária ainda, de carácter menos imediato [...]».

Ver, a este propósito, *Ensaios*, tomo I, edição Sá da Costa (1971), págs. 82-83.

Slhi

Humilde súplica aos sandosistas

Meus caros sandosistas, amigos e não amigos:

Leio no numero da Vida Portuguêsa que me chegou hoje, um artigo em que se dá Antero de Quental como papá do sandosismo.

Vocês afinal são uns grandes pandegos. Generosa rapaziada, mas grandes pandegos. Até hoje teem-se enjeitado com a postuma adesão de Camilo, D. Duarte, Soares dos Reis, Antonio Nobre, Duarte Nunes de Leão e a sua picaresca definição da saudade — e até mesmo o Afonso Henriques. E ao que parece, vocês acreditam nisso.

Mas se lhes cabe n'alma compaixão por um companheiro longinquo — deixem o Antero.

Eu aceito o sandosismo como escola de poetas; em arte aceito todos os temas e os artistas teem o direito de se inspirar no que quiserem. Admiro além disso com simpatia o nacionalismo da nossa escola, á qual unicamente exprobaria a uniformidade que de longe em longe dilue o caracteristico dos poetas.

2

Fujo mesmo de discutir em público os contos de fadas de Pascoais. Em Pascoais encanta-me o poeta, e o prosador cura-me os flatos. Que querem vocês, acho-lhe piada, — e a todos os teóricos do sandosismo. Mas suplico-lhes que larguem de mão a idea de filiarem em Antero as teorias psicológicas, politicas, metafisicas, religiosas, mitologicas, pedagogicas e patologicas do sandosismo.

O sandosismo, como teoria psicologica e tudo mais, poderá filiar-se em quem quiserem, inclusivamente no Sinteófilo, como pretexto de elogio-mutuo no grupo de Castilho; e como mania "purificadora", na inquisição de D. João III. Mas não ponham Antero compativel, quer com o caprichoso reclamista (certamente passageiro) que vos ataca em má hora, quer com a chinesice devaneadora que vocês todos.... Mas não decididamente, — não são todos sandosistas. Vocês são diabos de muito espirito e teem andado a mangar com a tropa. E por isso vos felicita e abraça o vosso

Antonio Sergio

Ver página 21 do texto

Meu caro Alvaro Pinto:

Mais uma vez o meu amigo foi admiravel de decisão. Envio ~~os~~ dois ~~primeiros~~ artigos da revista. Os outros seguirão até ao dia 25, porque tenho de esperar por uns trabalhos de que encarreguei os meus ajudantes de redacção. Dada a importancia do artigo de fundo que agora envio (A Revolução Construtiva) desejava vêr provas dêle, e porisso lhe rogo que o faça compor o mais breve possivel. Para os outros (visto que não ha com certeza tempo de virem as provas) conto com o seu cuidado.

O titulo da revista será A Revolução Construtiva, mas far-me-ia grande favor se o conservasse secreto até á saida. Tentei fazer um projecto de capa, mas parece-me que saiu feio. Desejaria coisa simplicissima, já nos tipos, já na disposição. Não sei a que titulo e em que logar deseja que ponha o seu nome, que eu gostaria de ver tambem na capa.

Creio melhor não dizer que a revista será mensal. Bem entendido, farei tudo o possivel para isso, mas é bom sangrarmo-nos em saude para qualquer fracasso. As assinaturas podem fazer-se por séries de 12 e de 6 numeros. Como sabe, ha muitas revistas estrangeiras que não teem épocas fixas de saida. É bom botar reclame no dia ~~1~~ 1 de Maio; eu em Lisbôa farei o que puder por intermedio de um amigo que conhece algumas gentes jornalisticas.

Carta n.º 33, na página 43

2

Termos as seguintes secções; na seguinte ordem: Pela Grei; Questões externas; Questões internas; Economia e Educação; Tribuna livre; Notas de leitura; Factos e personalidades; Efemerides e Comentarios. É claro que cada número da revista não terá todas estas secções. As personalidades são os homens representativos estrangeiros vivos e mortos. e os homens representativos portugueses mortos. Não ha questões pessoais. Não somos republicanos nem monarquicos, somos sociais e não politicos. Quanto à disposição typografica, a mesma de Aguia com as suas secções Literatura, Sciencia, Filosofia e Critica Social, etc. Na questão typografica, creio que o melhor é copiarmos o mais possivel o que se faz na Aguia.

Quando um artigo acaba até ao meio da pagina, creio bem fazer seguir logo o artigo seguinte; quando terminar ao meio ou abaixo do meio, encher o resto com pensamentos de que lhe mandarei uma porção. Junto com cada artigo irão em geral dois ou tres pensamentos, para o meu amigo empregar se forem necessarios. Os pensamentos mais importantes irão marcados ao lado com o sinal ⊙

Amigo e admirador muito grato
ás suas gentilezas
António Sérgio

Acabou-se de imprimir aos 25
de Setembro de 1972 para a
Revista OCIDENTE
na Neogravura, Lda.

CARTAS

DE

ANTÓNIO SÉRGIO

A

ÁLVARO PINTO

(1911—1919)